



A Colônia do Conde, de Eliseu Demari:
História, literatura, intertextualidade

Jaqueline Maria Boeni

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Lusófonos
2º ciclo de estudos

Orientador: Prof. Doutor Gabriel Augusto Coelho Magalhães (UBI)
Coorientador: Prof. Doutor Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Junho de 2022

Folha em branco

Dedicatória

Aos meus pais.

Folha em branco

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Gabriel Augusto Coelho Magalhães, orientador deste trabalho, e ao Professor Doutor Mauro Nicola Póvoas, coorientador deste, pelo acolhimento e por todo o suporte prestado para o desenvolvimento deste estudo.

Aos meus pais pelo amor e por todo o amparo ao longo da vida.

Ao meu namorado pelo constante apoio e companheirismo.

Aos meus amigos e demais familiares por todo o auxílio e momentos compartilhados.

Aos demais professores e funcionários desta instituição pela assistência prestada.

Folha em branco

Resumo

Com o objetivo de colonizar as províncias mais ao sul com europeus através do argumento de defesa do território e necessidade de mão de obra, o governo imperial adotou um sistema de colonização direcionado às terras devolutas, o qual pretendia, através de incentivos, estabelecer imigrantes europeus, resultando na fundação das primeiras colônias germânicas no sul do Brasil e, posteriormente, das colônias particulares, como, por exemplo, a colônia Santa Maria da Soledade. Conseqüentemente, a fixação destes imigrantes germânicos colaborou com o início da produção romanesca sul-rio-grandense com a temática da imigração. Deste modo, dentre os estudos existentes que abarcam as colônias fundadas no século XIX, verifica-se que a colônia Santa Maria da Soledade, embora apresente estudos no campo da História e da literatura, ainda oferece diversas possibilidades de pesquisa, como, por exemplo, estudos direcionados à última obra literária que tem como pano de fundo a respectiva colônia, nomeadamente o romance histórico de Eliseu Demari, *A Colônia do Conde* (2018). Assim, com o objetivo de suprir tal lacuna, este trabalho apresenta algumas considerações sobre as relações entre História e literatura ao longo do tempo e o desenvolvimento do romance histórico, bem como explora o surgimento e o desenvolvimento da colônia Santa Maria da Soledade. Após, este estudo aborda algumas considerações sobre a intertextualidade e realiza uma análise intertextual do romance histórico *A Colônia do Conde*. Na sequência, os elementos da narrativa e alguns aspectos estilísticos da respectiva obra são abordados e analisados. Deste modo, através da análise intertextual, verificou-se que o romance histórico apresenta indícios de diversas marcas intertextuais com obras literárias e jornais. No que diz respeito à análise de elementos da narrativa, observou-se que a obra apresenta as três tipologias de narradores; focalização variável e múltipla; elevado número de personagens; diálogos e monólogos; organização de tempo seletiva e divergente do tempo histórico; espaços físico, social e psicológico; descrições breves; ritmo ágil com algumas oscilações; e pequenos fragmentos de documentos. Por fim, a análise de alguns aspectos estilísticos evidenciou a utilização de palavras expressivas; a repetição de assuntos; o emprego de pormenores; a utilização do efeito surpresa; a aplicação do efeito simbólico; o emprego de contrastes; a manipulação do mostrar em vez de dizer; o uso de vocabulário epocal; e a aplicação de estrangeirismos e latinismos.

Palavras-chave

A Colônia do Conde; Aspectos Estilísticos; Elementos da Narrativa; Intertextualidade; Relações entre História e Literatura; Romance Histórico; Santa Maria da Soledade.

Abstract

Through the objective of colonising the southernmost provinces with Europeans via the argument of defence of the territory and the need for manpower, the Imperial Government adopted a colonization system directed to vacant lands, which intended, through incentives, to establish European immigrants, resulting in the foundation of the first Germanic colonies in southern Brazil and, later, of private colonies, such as the Santa Maria da Soledade colony. Consequently, the settlement of these Germanic immigrants contributed to the origin of novelistic production in the Rio Grande do Sul with the theme of immigration. Thus, among the existing studies that cover the colonies founded in the 19th century, it appears that the Santa Maria da Soledade colony, although it presents studies in the field of History and Literature, it still offers several possibilities for research, studies aimed at the last literary work that has the respective colony as a background, namely the historical novel by Eliseu Demari, *A Colônia do Conde* (2018). Thus, in order to fill this gap, this work presents some considerations about the relations between History and literature over time and the development of the historical novel, as well as explores the emergence and development of the Santa Maria da Soledade colony. Afterwards, this study addresses some considerations about intertextuality and performs an intertextual analysis of the historical novel *A Colônia do Conde*. Subsequently, the elements of the narrative and some stylistic aspects of the respective work are addressed and analysed. Therefore, through the intertextual analysis, it was found that the historical novel shows evidence of several intertextual marks with literary works and newspapers. Still, the analysis of narrative elements indicated that the historical novel presents the three typologies of narrators; variable and multiple focusing; a high number of characters; dialogues and monologues; selective and divergent time organisation of historical time; physical, social and psychological spaces; brief descriptions; agile rhythm with some oscillations; and small fragments of documents. Finally, the analysis of some stylistic aspects revealed the use of expressive words; the repetition of subjects; the use of details; the use of the surprise effect; the application of the symbolic effect; the use of contrasts; the manipulation of showing rather than telling; the use of epochal vocabulary; and the application of loanwords and Latinisms.

Keywords

A Colônia do Conde; Stylistic Aspects; Elements of Narrative; Intertextuality; Relation Between History and Literature; Historical Novel; Santa Maria da Soledade.

Índice

Lista de Figuras.....	xiii
Lista de Tabelas.....	xv
Lista de Acrónimos.....	xvii
Capítulo 1 – Introdução.....	1
1. Justificação do tema.....	1
2. Objetivos.....	2
2.1. Objetivo geral.....	2
2.2. Objetivos específicos.....	2
3. Organização do documento.....	3
Capítulo 2 – Embasamento teórico.....	4
1. Relações entre História e literatura.....	5
1.1. Relações entre História e literatura ao longo do tempo.....	5
1.2. Algumas visões atuais das relações entre História e literatura.....	7
2. Romance histórico.....	11
2.1. Primeira fase do romance histórico.....	11
2.2. Segunda fase do romance histórico.....	15
2.3. Romance histórico na América Latina.....	16
2.4. Romance histórico no Brasil.....	18
2.5. Literatura da região Sul do Brasil.....	22
2.6. Romance histórico contemporâneo como uma nova interpretação da História.....	27
Capítulo 3 – Colônia Santa Maria da Soledade.....	29
1. Colonização germânica.....	29
2. Empreendimento colonizador.....	31
2.1. Processo de implantação da colônia e posterior transferência para o governo imperial.....	31
2.2. Relatos sobre possíveis razões que não colaboraram para o sucesso do empreendimento ..	33
3. Instalação e desenvolvimento da colônia Santa Maria da Soledade.....	34
3.1. Expectativas de prosperidade.....	34
3.2. Dificuldades enfrentadas.....	34
3.3. Desenvolvimento socioeconômico.....	37
Capítulo 4 – Análise intertextual da obra A Colônia do Conde.....	47
1. Algumas visões sobre a intertextualidade.....	47
2. Modelos de análise de Affonso Romano de Sant'Anna.....	48
3. Eliseu Demari, <i>A Colônia do Conde</i> e outras obras literárias que abrangem a colônia Santa Maria da Soledade.....	50
3.1. Eliseu Demari e a obra <i>A Colônia do Conde</i>	50
3.2. Obras literárias que abrangem a colônia Santa Maria da Soledade.....	51
4. Análise intertextual da obra.....	52
4.1. Obras literárias.....	52
4.2. Jornais.....	69

Capítulo 5 – Análise dos elementos da narrativa e de alguns aspectos estilísticos da obra <i>A Colônia do Conde</i>	75
1. Análise de elementos da narrativa	75
1.1. Narradores	75
1.2. Focalização	79
1.3. Personagens	81
1.4. Diálogos	96
1.5. Tempo	98
1.6. Espaço	100
1.7. Descrições	102
1.8. Ritmo	105
1.9. Documentos	106
2. Análise de alguns aspectos estilísticos	108
2.1. Palavras expressivas	108
2.2. Repetições	109
2.3. Pormenores	111
2.4. Efeito surpresa	112
2.5. Efeito simbólico	113
2.6. Contrastes	115
2.7. Mostrar em vez de dizer	116
2.8. Vocabulário epocal	117
2.9. Estrangeirismos e latinismos	119
Capítulo 6 – Considerações finais e estudos futuros	123
Referências	125

Lista de Figuras

Figura 1 - Antigo mapa das colônias no Vale do Rio Caí.	31
Figura 2 – População da colônia Santa Maria da Soledade: (a) total e (b) origem.	38
Figura 3 – Registro de nascimentos e óbitos da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1858-1863.....	39
Figura 4 – Religião dos colonos da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1859-1866.	41
Figura 5 – Registro do estado civil dos moradores da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1859-1866.	42
Figura 6 – Registro da produção agrícola (colheita) na colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1857-1866.	43
Figura 7 - Primeiro modelo.	49
Figura 8 - Segundo modelo - a) níveis de desvios e b) conjuntos.	49
Figura 9 - Terceiro modelo.	50
Figura 10 – Amplitude da obra.	100

Folha em branco

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Obras que englobam elementos e a cultura germânica.....	26
Tabela 2 – População da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1858-1876. ..	38
Tabela 3 – Registro de nascimentos e óbitos da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1858-1866.....	39
Tabela 4 – Registro do número de retirados e excluídos da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1859-1862.....	40
Tabela 5 – Religião dos colonos da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1859-1866.....	40
Tabela 6 – Registro do estado civil dos moradores da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1859-1866.	41
Tabela 7 – Registro da produção agrícola (colheita) na colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1857-1866.	43
Tabela 8 – A manifestação de interesse da Madame em morar na colônia.....	53
Tabela 9 – Angariação de emigrantes.....	55
Tabela 10 – Bravura feminina na colônia Santa Maria da Soledade.....	57
Tabela 11 – A senhora Maximiliano.	58
Tabela 12 – Estada de Madame na residência de d'Ornano e posterior partida.	60
Tabela 13 – Esposa e filhos mais novos de Carrard.....	62
Tabela 14 – Luís Antônio.....	64
Tabela 15 – Major Barend.....	66
Tabela 16 – Retirada da colônia.....	67
Tabela 17 – A comparação da colônia com a Torre de Babel.....	68
Tabela 18 – Notícias sobre a colônia.....	70
Tabela 19 – Primeira parte da discussão entre Cândido Gomes e Montravel.....	72
Tabela 20 – Continuação da discussão entre Cândido Gomes e Montravel.	73
Tabela 21 – Personagens.	82
Tabela 22 – Exemplos de palavras expressivas.....	109
Tabela 23 – Exemplos de pormenores.	111
Tabela 24 – Exemplos de estrangeirismos e latinismos.....	120

Folha em branco

Lista de Acrónimos

FURG	Universidade Federal de Rio Grande
PROARTE	Fundação de Cultura e Arte
UBI	Universidade da Beira Interior
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Folha em branco

Capítulo 1 – Introdução

1. Justificação do tema

Após a independência do Brasil, o governo imperial buscou colonizar as províncias mais ao sul com europeus mediante a justificativa de defender o território e da necessidade de dispor de mão de obra livre em função da iminente proibição do tráfico de pessoas escravizadas (Waibel, 1958, pp. 210–212). Assim, este adotou uma colonização direcionada às terras devolutas, sem ter em consideração a população indígena que ocupava tais territórios (Seyferth, 1988, p. 119). Neste sentido, o governo imperial realizou um colonização dirigida, atraindo imigrantes europeus através de incentivos (Roche, 1969, p. 93), o que resultou, por exemplo, no estabelecimento das primeiras colônias germânicas no sul do Brasil, onde a colônia de São Leopoldo, fundada em 1824, figura-se como a primeira destas (Waibel, 1958, pp. 212–213). Mais tarde, em meados do século XIX, a região situada entre as colônias de Santa Cruz e São Leopoldo, foi destinada para a fixação de diversas colônias particulares (Waibel, 1958, p. 215), como, por exemplo, a colônia Santa Maria da Soledade, a qual corresponde, em parte, à região onde está localizado o município de São Vendelino atualmente.

Já a inserção destes imigrantes na literatura brasileira ocorreu cerca de 20 anos após a sua chegada, através da publicação do primeiro romance gaúcho, intitulado *A Divina Pastora* (1847), do escritor José Antonio do Vale Caldre e Fião (Aquino, 2007, p. 72; Baumgarten, 2001, pp. 75, 76; Neumann, 2021, p. 86), o qual, apesar de não se tratar de uma obra dedicada à imigração germânica, engloba este imigrante como parte da sociedade e do espaço sul-rio-grandense (Aquino, 2007, p. 72). Além disso, a fixação destes imigrantes germânicos na província de São Pedro do Rio Grande do Sul durante o século XIX contribuiu para o surgimento de obras literárias sobre estes e seus descendentes, as quais configuram-se como "o marco principal da produção romanesca sul-rio-grandense sobre imigração" (Aquino, 2007, p. 290).

No que diz respeito à colônia Santa Maria da Soledade, esta é inserida na literatura alguns anos mais tarde com a publicação da obra *Une Colonie au Brésil: Récits Historiques par Madame Van Langendonck* (1862) da escritora belga Madame Van Langendonck, a qual viveu por aproximadamente dois anos na respectiva colônia (M. Van Langendonck, 2002, p. 14). Posteriormente, pelo menos mais quatro obras que, de alguma maneira, retratam Santa Maria da Soledade foram publicadas, nomeadamente *Luis Buger und die Opfer Seiner Rache* (1929), de Mons. Matias José Gansweidt,

Prisioneiros dos Bugres (1966), e *Luís Bugre, O Índigena Diante dos Imigrantes Alemães* (1977), ambas de Fidélis Dalcin Barbosa, e *A Colônia do Conde* (2018), de Eliseu Demari.

Com base nestas considerações e diante do conhecimento prévio sobre as obras literárias citadas acima e de outras informações relacionadas à colônia, verificou-se que, embora existam estudos de algum modo relacionados à Santa Maria da Soledade (Dornelles, 2011; P. Fachinelli, 2014; P. P. C. Fachinelli et al., 2015; Kraemer, 2016; Martinazzo, 1992; Martiren, 2017; Muzart, 2008; Netto, 2014), tanto no campo histórico, bem como no campo literário, a colônia ainda oferece muitas possibilidades de pesquisa, como, por exemplo, um estudo voltado à última obra literária que abarca a colônia, nomeadamente o romance histórico de Eliseu Demari, *A Colônia do Conde* (2018), o qual ainda carece de análises.

Portanto, diante das diversas possibilidades de estudo sobre as referidas obra e colônia, optou-se por efetuar uma análise intertextual entre o romance histórico *A Colônia do Conde* e outras fontes, como obras literárias e jornais, assim como realizar uma análise de elementos da narrativa e de alguns aspectos estilísticos da respectiva obra. Além disso, buscou-se realizar também um estudo voltado a apresentar as relações entre História e literatura ao longo do tempo e o desenvolvimento do romance histórico, bem como explorar o surgimento e o desenvolvimento da colônia Santa Maria da Soledade.

2. Objetivos

Os objetivos desta dissertação estão divididos em objetivo geral e objetivos específicos, os quais são apresentados na sequência.

2.1. Objetivo geral

Analisar o romance histórico *A Colônia do Conde*, do escritor Eliseu Demari.

2.2. Objetivos específicos

- i. compreender as relações entre História e literatura ao longo do tempo;
- ii. entender como ocorreu o desenvolvimento do romance histórico;
- iii. investigar o surgimento e desenvolvimento da colônia Santa Maria da Soledade;
- iv. realizar uma análise intertextual da obra *A Colônia do Conde*;
- v. analisar os elementos da narrativa e de alguns aspectos estilísticos da obra *A Colônia do Conde*.

3. Organização do documento

A presente dissertação encontra-se organizada em seis capítulos, conforme descrito abaixo:

- O *Capítulo 1 – Introdução* é dedicado à justificação do tema, à exposição dos objetivos e à apresentação da organização do respectivo documento;
- O *Capítulo 2 – Embasamento teórico* engloba as relações entre História e literatura ao longo do tempo e o desenvolvimento do romance histórico;
- O *Capítulo 3 – Colônia Santa Maria da Soledade* explora o surgimento e o desenvolvimento da respectiva colônia;
- O *Capítulo 4 – Análise intertextual da obra A Colônia do Conde* efetua uma análise intertextual entre a obra em estudo e obras literárias e jornais;
- O *Capítulo 5 – Análise dos elementos da narrativa e de alguns aspectos estilísticos da obra A Colônia do Conde* realiza uma análise de elementos da narrativa e de alguns aspectos estilísticos desta;
- O *Capítulo 6 – Considerações finais e estudos futuros* apresenta as principais conclusões obtidas com a finalização deste trabalho e expõe sugestões de estudos futuros.

Folha em branco

Capítulo 2 – Embasamento teórico

1. Relações entre História¹ e literatura

Esta seção tem por objetivo realizar, em um primeiro momento, algumas considerações sobre as relações entre História e literatura ao longo do tempo, utilizando como base os autores Amado (1997), Aristóteles (2010), Marinho (2004), Platão (2000), Prieto (2003) e White (2005). Em seguida, são abordadas algumas visões atuais sobre estas relações, tendo como base os autores Junior (2007), Hutcheon (1991), Llosa (2002), Prieto (2003), Ricoeur (1997) e White (2003).

1.1. Relações entre História e literatura ao longo do tempo

Estando "demasiado próximas e irremediavelmente distantes" a perturbada relação entre a História e a literatura tem encantado autores de diversas épocas e setores (Marinho, 2004, p. 11), provocando, desde a Idade Antiga, as mais diversas opiniões sobre o tema.

Como o exemplo mais longínquo dentre aqueles que ao longo da história se dedicaram a abordar esta complexa relação, podemos citar o trecho da obra *Poética* de Aristóteles, o qual posiciona a poesia (literatura) como “algo de mais filosófico e mais sério”, uma vez que ela se retrata “principalmente o universal”, enquanto a História retrata “o particular” (Aristóteles, 2010, p. 115). Deste modo, cabe ao poeta “representar o que poderia acontecer” com base na “verosimilhança” e na “necessidade”, enquanto cabe ao historiador “narrar o que aconteceu”. Assim, o poeta e o historiador não se distinguem por criar “verso ou prosa”, mas sim, por um destes se referir “as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder” (Aristóteles, 2010, p. 115). Dentre as diversas opiniões sobre o referido trecho, este é visto por Teresa Amado como sendo “indispensável para situar uma tentativa de abordar a questão das relações entre História e literatura” (Amado, 1997, p. 12). Já para Celia Prieto, tal fragmento é definido como sendo o que “sienta las bases”, não tão claras, “de la oposición entre” a História e a literatura (Prieto, 2003, p. 42). Por outro lado, Hayden White considera que Aristóteles não as coloca como opostas, mas sim, como complementares, sendo ambas resultantes da tentativa de “to represent, imagine and think the world” como um todo, relacionando “both actual and

¹ Escrita com inicial maiúscula quando se refere ao “estudo científico relativo ao passado de um povo, nação, período ou indivíduo” (Dicionário Michaelis, n.d.).

possible, both real and imagined, both known and only experienced" (White, 2005, p. 147).

De acordo com Celia Prieto, a grande proximidade entre a História e a literatura (romance) se faz presente desde a Idade Antiga, inexistindo uma clara separação entre estas (Prieto, 2003, p. 47), sendo somente no século XVI que as preocupações em estabelecer claras divisões "entre lo real y lo inventado, lo verdadero y lo ficticio" emergiram (Prieto, 2003, p. 50). Assim, de acordo com Prieto, a partir do século XVI se observou uma tendência em eliminar da História a presença dos "elementos fantásticos", ocasionando no desuso da "literatura imaginativa" a fim de dar destaque à "modalidades más atentas a la realidad y más respetuosas con la verdade histórica", como, por exemplo, livros de viagem, devido às preocupações cada vez mais constantes por parte dos humanistas em delimitar os espaços entre "lo histórico y lo inventado" (Prieto, 2003, p. 57).

Como isso, durante do século XVI notou-se uma crescente nos ataques às "ficciones caballarescas" em decorrência da propagação de ideias estabelecidas a partir do Concílio de Trento, onde foi estabelecido um maior "rigor moral y seriedade religiosa". Além disso, discussões relacionadas às "traducciones y comentarios" sobre a obra *Poética* de Aristóteles despontaram na Itália, sobretudo quanto ao trecho que relacionava as diferenças entre a História e a poesia, acarretando na inversão da "jerarquía aristotélica" (Prieto, 2003, pp. 58–59, 61), a qual considerava a poesia como algo mais sério e filosófico do que a História (Aristóteles, 2010, p. 115). Deste modo, com tal inversão, a História passou a ser considerada acima da poesia, aproximando-se das considerações de Platão². Neste contexto, durante os dois seguintes séculos, *mímeses* passou a ser definida como *imitatio naturae* e a verossimilhança se tornou totalmente dependente da verdade histórica (Prieto, 2003, pp. 59–61).

Assim, tal teoria de superioridade da História sobre o romance se apresentou como dominante até uma parte significativa do século XVIII, juntamente com a medição do

² Platão, assim como Aristóteles, também considerava a poesia como "a arte de imitar", porém, diferentemente deste, Platão, em sua obra *A República* coloca a poesia em uma posição demasiadamente distante em relação à verdade, se encontrando à "três pontos [...] da natureza", alcançando somente uma pequena parcela de cada coisa, sendo considerada, portanto, um "simples simulacro" (Platão, 2000, pp. 437–438). Deste modo, o poeta é considerado um "fabricante de simulacros", um imitador, alguém destituído de conhecimentos sobre o real, compreendendo "apenas de aparências" (Platão, 2000, p. 442). Assim, mesmo sem possuir conhecimentos sobre as demais artes, além da imitação, este através de seus recursos desperta fascinação em seus ouvintes, os quais tomam conhecimento de determinado tema somente através de seu trabalho. Por consequência, muitos passam a acreditar que o poeta se trata de alguém que detém de muito domínio sobre tal assunto (Platão, 2000, p. 441). Sendo assim, os ouvintes que não dispõem do conhecimento da realidade representada ficam fadados a terem seu discernimento corrompido (Platão, 2000, p. 433), uma vez que a poesia é inclusive capaz de "estragar as pessoas sérias, salvo raríssimas exceções." (Platão, 2000, p. 449).

nível e respeito pela verdade de acordo com a ideia da verossimilhança, onde a verdade histórica diz respeito às questões e figuras históricas e a verdade dos fatos às questões relacionadas à sociedade vigente, surgindo a preocupação em "conjugar el respeto a la verdad (la verosimilitud histórica) con la exigencia de moralidad y defensa del decoro." (Prieto, 2003, p. 67).

Por outro lado, na perspectiva de Hayden White até o século XIX a História "was cultivated in profitable combination with belles-lettres, epistolography and philosophy, as branches of rhetoric". Assim, no decorrer deste século se buscou transformar a História em um tipo de ciência, onde se pensava que para tal processo fosse necessária a total separação não apenas entre a filosofia e a literatura imaginativa, mas também entre a poética e a retórica. Porém, tal separação, segundo White, não foi bem-sucedida, levando à uma crise nos estudos históricos, fazendo com que a História nunca mais reatasse os laços que possuía com a ficção, embora estes "continued to favour the narrative mode of representation characteristic" a aquela presente na ficção. Assim, para White, alguns historiadores, tais como Leopold von Ranke³ e seus seguidores, passaram a contar a História de forma com que as técnicas e os recursos de invenção e de imaginação ficassem, a partir daí, restringidos ao campo da ficção (White, 2005, pp. 149–150).

Sob outra perspectiva, de acordo com Teresa Amado as narrativas históricas e ficcionais seguiram rumos distintos "após o fim da epopeia", porém as suas trajetórias continuaram convergindo de tempos em tempos dando origem à "produtos híbridos, o que mostra que há um problema que persiste" (Amado, 1997, p. 17). Por fim, ao que diz respeito aos debates referentes às relações entre História e literatura, de acordo com Amado, estes já eram observados com a "prática romântica do chamado 'romance histórico'", sendo intensificados a partir das últimas décadas do século XIX atingindo o ápice no século XX (Amado, 1997, p. 12).

1.2. Algumas visões atuais das relações entre História e literatura

A complexa relação entre História e literatura têm motivado estudiosos a ainda se debruçar sobre o tema, levando a publicação de inúmeros estudos, bem como a organização de diversos eventos com o intuito de discutir tal tema. Assim, dentre algumas visões atuais sobre as relações entre História e literatura está a percepção de Celia Prieto, a qual considera História e literatura como:

³ O qual, segundo Hayden White, quase que imediatamente após a concepção do romance histórico de Sir Walter Scott reprovou-o veemente (White, 2005, p. 150).

sistemas de modelización secundarios [...] que existen debido a un concepto básico (e.g. filosofía, literatura, historia, medicina, etc.) que los configura. Es decir, se trata de modalidades de comunicación que se definen y se reconocen por su función sociocultural, y que se construyen mediante un doble código: el código lingüístico común y otro código específico fijado por la propia comunidad que crea, define, interpreta y usa esta clase de discursos. (Prieto, 2003, p. 38).

Deste modo, tanto a "función sociocultural así como la codificación de sus propiedades discursivas" da História e da literatura são modificadas de acordo com os as alterações dos "contextos históricos y los presupuestos culturales, científicos, estéticos e ideológicos de esa comunidad" (Prieto, 2003, p. 38). Portanto, a classificação de determinada obra como histórica ou como literária corresponde a uma medida pragmática vinculada ao contexto cultural em que é efetuada. Com isso, uma obra que outrora esteve classificada como literária pode passar a ser considerada como histórica e vice-versa, sendo suscetível a alterações (Prieto, 2003, p. 38), como pode ser observado no caso do cronista Fernão Lopes⁴, renomado por sua contribuição historiográfica, hoje presente no cânone literário de Portugal (Sobral, 2017, p. 7). Além disso, para Prieto (2003, p. 41) os discursos empregados na História e na literatura divergem. Nesse sentido, enquanto o discurso histórico busca disponibilizar a partir de suas fontes uma interpretação de maior confiabilidade "de los procesos, acontecimientos o personajes del pasado histórico", o qual necessita ser validado⁵ tanto em sua área como no campo cultural, o discurso literário se dedica a veicular acontecimentos fictícios, realizando uma aproximação do verossímil e portanto, não tem a pretensão de se aproximar da verdade (Prieto, 2003, p. 39).

Já para Linda Hutcheon, os novos estudos referentes às relações entre História e a literatura têm se dedicado a descrever mais o "que as duas formas de escrita têm em comum do que [...] suas diferenças" (Hutcheon, 1991, p. 141). Portanto, de acordo com a estudiosa, a História e ficção podem ser considerados como construtos linguísticos, os quais se utilizam de formas narrativas, sendo dotados de linguagem e/ou estrutura dissimulada, que "obtem suas forças a partir verossimilhança mais do que a partir de qualquer verdade objetiva" e se demonstram "intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa." (Hutcheon, 1991, p. 141).

Por outro lado, Paul Ricoeur entende a relação entre História e literatura como uma relação de interdependência, isto é, a concretização da intencionalidade da ficção, assim

⁴ De acordo com Teresa Amado "nenhum outro cronista foi simultaneamente tão historiador e tão narrador" como Fernão Lopes (Amado, 1997, p. 18).

⁵ O discurso elaborado pelo historiador deve ser validado por meio de "pruebas de verificación, contraste o refutación" tanto por pares, como por leitores, a fim de alcançar credibilidade profissional (Prieto, 2003, p. 41).

como da História, somente é possível mediante um entrelaçamento de ambas, quando a ficção ou a História se apropriam de alguma forma da outra, onde cada uma faz uso “da intencionalidade da outra”, a fim de realizar uma refiguração do tempo (Ricoeur, 1997, pp. 316–317). O entrelaçamento “entre a história e a ficção na refiguração do tempo” é baseado na troca de lugar entre o “momento quase histórico da ficção [...] com o momento quase fictício da história”, resultando no “*tempo humano*”, quando “se conjugam a representância do passado pela história e as variações imaginativas da ficção, sobre o pano de fundo das aporias da fenomenologia do tempo” (Ricoeur, 1997, p. 332).

Na perspectiva de Hayden White, a relação entre a literatura e a História não pode ser considerada como antagônica, mesmo que existam muitos críticos que agrupem na ficção tudo aquilo que está relacionado à literatura, ignorando o fato de que existe muita escrita literária que não é ficção ao mesmo tempo que existe muita escrita ficcional que não é literária (White, 2003, p. 57). Além disso, de acordo com White a História se trata de uma construção (White, 2003, p. 43), a qual somente pode ser estudada de forma indireta com base em documentos que confirmem as características e dados, devendo estes serem interpretados pelo historiador, uma vez que este não pode verificar diretamente um fato ocorrido no passado. Assim, tal processo requer a interpretação por meio da utilização de técnicas imaginativas, as quais possuem mais relação com a literatura do que com qualquer outra ciência (White, 2003, p. 54).

Sob outra perspectiva, para Mario Llosa, História e literatura são “sistemas opuestos de aproximación a lo real.” Ao passo que a História depende dos fatos da vida, o romance é livre para se revoltar e se posicionar de modo contrário aos fatos transcorridos (Llosa, 2002, p. 20). De acordo com o autor, as transformações que ocorrem quando acontecimentos reais são transferidos para a linguagem são intensas. Dentre as diversas “posibilidades o versiones” que existem, apenas uma será abarcada, enquanto todas as demais são descartadas, ocorrendo uma mudança de natureza, ou seja, “*lo que describe se convierte en lo descrito*” (Llosa, 2002, p. 18). Neste sentido, de acordo com Llosa, existe um precipício entre o tempo real e o tempo da ficção, pois enquanto a vida real transcorre, sendo “un caos en el que cada historia se mezcla con todas las historias y por lo mismo no empieza ni termina jamás”, a vida na ficção corresponde apenas a um mero “simulacro”, sendo um resultado da ordenação, delimitação e correção do escritor (Llosa, 2002, pp. 18–19). Ao que diz respeito a fidedignidade da obra literária, Llosa considera que somente pessoas ingênuas esperam que uma obra literária seja fidedigna e dependa tão fortemente da realidade assim como a História depende, pois não se trata de observar a capacidade do escritor em reproduzir a realidade de forma fidedigna, e sim a capacidade deste em conduzir o leitor com sua representação a “viver como verdades sus

mentiras⁶” (Llosa, 2002, p. 25). Por fim, de acordo com Llosa, embora a ficção e a História se complementem no idílico projeto em abarcar a totalidade da vida, estas são, em sociedades abertas, independentes e distintas, coexistindo “sin invadir ni usurpar la una los dominios y las funciones de la otra.” (Llosa, 2002, pp. 25–26).

De acordo com a concepção de Durval Muniz de Albuquerque Júnior o discurso historiográfico e o discurso literário integram “aquela instância que afronta o real e procura dar-lhe forma, consistência, dotando-o de certa ordem, certa estabilidade, certa regularidade, dotando-o de significados.” (Albuquerque Júnior, 2007, p. 46). Todavia, a História, desde seu princípio, está vinculada “às grandes máquinas de territorialização e sedentarização dos homens e de todas as coisas que são o Estado e a escrita”, enquanto na literatura, “os acontecimentos ainda não chegam racionalizados, podem vir como impressões e digressões, como expressão de sentimentos e sensações, eles ainda não perderam o perigoso índice de contaminação.” (Albuquerque Júnior, 2007, p. 48).

Deste modo, de acordo Albuquerque Júnior, a distinção envolvendo entre História e literatura pode ser “uma questão de gênero”, tanto no sentido discursivo, uma vez que ambos “pertencem a ordens diversas do discurso” e utilizam como base “regras e normas diferenciadas”, bem como no sentido de gênero, masculino e feminino, o qual se utiliza dos preceitos da “cultura ocidental moderna”: assim, a História corresponderia ao gênero masculino devido ao seu discurso ser pronunciado “em nome da razão, da consciência, do poder, do domínio e da conquista”, enquanto a literatura corresponderia ao gênero feminino, pois “estaria mais identificada com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva da existência, com prevalência do intuitivo, do epifânico.” (Albuquerque Júnior, 2007, p. 49).

Por fim, ao que diz respeito das discussões abordando as relações entre ambas, Albuquerque menciona que o tópico destas corresponde a “um dos temas mais recorrentemente debatidos, nos últimos anos, pelos historiadores”. Sendo, a partir da década de 1960, publicados diversos estudos envolvendo, além de outras questões, a distinção entre História e literatura. Neste sentido, tais publicações indicam que seria incumbência dos historiadores abordar os fatos, onde a História seria comprometida com a busca pela verdade, enquanto os escritores seriam incumbidos da “ficção,

⁶ Para Llosa, no campo da ficção e da História, a verdade e a mentira atuam de modo distinto, uma vez que para “el periodismo o la historia la verdad depende del cotejo entre lo escrito y la realidad que lo inspira” e a mentira está relacionada ao distanciamento da realidade, enquanto para o romance a verdade corresponde a habilidade em fazer com que o leitor mergulhe na narrativa e mentir corresponde a incapacidade em alcançar tal artifício. Assim, para Llosa, qualquer romance de má qualidade mente, enquanto qualquer “buena novela” veicula verdades, sendo a “verdad o mentira [...] conceptos exclusivamente estéticos.” (Llosa, 2002, p. 20).

entendida como invenção dos eventos que narra”, podendo a literatura ser originada a partir da “pura imaginação.” Assim, de acordo com Albuquerque Júnior, na maior parte “deste debate há denegação da Literatura” (Albuquerque Júnior, 2007, pp. 43–44).

2. Romance histórico

Esta seção tem por objetivo abordar inicialmente sobre as duas primeiras fases do romance histórico, utilizando como base as obras de Lukács (2011) e Wesseling (1991). Na sequência, são abordadas algumas considerações sobre o romance histórico na América Latina, no Brasil, bem como no Rio Grande do Sul, utilizando como base as obras de Aquino (2007), Baumgarten (2000) e (2001), Esteves (2010), Menton (1993), Neumann (2021) e Weinhardt (2004) e (2015).

2.1. Primeira fase do romance histórico

Pertence à obra *Waverley*, publicada no ano de 1814, pelo escritor Walter Scott, o posto de primeiro romance histórico. Obras anteriores a esta, como aquelas dos séculos XVII e XVIII, não são consideradas por Lukács como romances históricos, pois mesmo incluindo conteúdos históricos não compreendem características específicas dos períodos retratados, isto é, os personagens presentes não carregam consigo as particularidades do tempo representado (Lukács, 2011, p. 33).

Diferentemente de Lukács, o surgimento do romance histórico para Elisabeth Wesseling situa-se no período de desfecho do século XVIII, quando romancistas do período passam a empregar em suas obras informações de tempos passados reunidas por antiquários, tais como arquitetura, hábitos e indumentárias, com o objetivo de ambientar o enredo em espaços factuais para seus personagens maioritariamente inventados. Deste modo, segundo Wesseling, Scott e seus predecessores encontram-se inseridos na primeira fase⁷ da evolução do romance histórico (Wesseling, 1991, p. 27).

Na opinião da maioria dos historiadores literários o ano de publicação de *Waverley* exprime um importante marco para o romance histórico, havendo aqueles que consideram Scott como o criador do romance histórico, como aqueles que posicionam Scott como o último dentre os predecessores que colaboraram para a formação de um conjunto genérico, o qual foi sintetizado por ele (Wesseling, 1991, p. 28).

As razões que levaram ao surgimento do romance histórico, de acordo com Lukács, possuem sua base, de forma consciente ou não, no impacto causado a vivência da

⁷A qual, segundo Wesseling com base na teoria do gênero estipulada por Fowler (1974), compreende o momento em que surge um modelo com características próprias de fácil percepção (Wesseling, 1991, p. 27).

Revolução Francesa⁸, a qual estimulou diversas convulsões pela Europa responsáveis por moldar as “bases econômicas e ideológicas” do continente (Lukács, 2011, pp. 46–47, 70).

Para delimitar a existência do romance histórico, segundo Wesseling, pode-se adotar um conceito amplo ou um conceito específico, os quais, no entanto, levam a demarcação de sua existência a direções completamente distintas. A partir de um conceito amplo são romances históricos narrativas que incorporam material histórico, enquanto a partir de um conceito específico são romances históricos aqueles que englobam determinadas propriedades narratológicas e temáticas, correspondendo relativamente ao trabalho de Walter Scott (Wesseling, 1991, pp. 27–28).

Com base nas características apresentadas por Lukács (2011) e Wesseling (1991), o romance histórico de Scott apresenta, entre outros, os seguintes traços:

- i. demonstração da “realidade histórica” daquelas que foram as grandes crises inglesas no passado através de um caminho intermediário entre os polos em combate (Lukács, 2011, p. 49);
- ii. figuração de conflitos e oposições através de pessoas que se mantêm “como representantes de correntes sociais e potências históricas” (Lukács, 2011, p. 50);
- iii. representação dos eventos por meio da adoção de “concentração” e “intensificação dramáticas” (Lukács, 2011, p. 59);
- iv. figuração de “grandes convulsões da história como convulsões da vida do povo”, a “totalidade da vida nacional em sua complicada inteiração” entre as extremidades (Lukács, 2011, p. 68);
- v. vivificação da história através da “figuração humana e histórica” como uma sucessão de “grandes crises”, apresentando e defendendo o desenvolvimento como sendo repleto de controvérsias (Lukács, 2011, pp. 72–73);
- vi. vivificação de “tipos sociais históricos”, inaugurando o uso consciente da figuração das características típicas, onde “se evidenciam as grandes correntes históricas” (Lukács, 2011, p. 51);

⁸ Em decorrência da Revolução Francesa diversas convulsões se difundiram pela Europa em um curto período, proporcionando às massas populares a compreensão da existência da história como um processo contínuo de transformações ao qual encontravam-se diretamente atreladas. A expansão das guerras pela Europa promoveu um grande alargamento de perspectivas nos indivíduos, pois tornaram-se experienciáveis às populações, as quais passaram a integrar os exércitos, diferentemente dos períodos anteriores em que os exércitos eram formados por mercenários e as operações militares ocorriam o mais longe possível dos civis. Além disso, em virtude da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas alastraram-se pela França e por toda parte sentimentos patrióticos e revoltas nacionais em busca de autossuficiência em oposição aos domínios napoleônicos (Lukács, 2011, pp. 38–40).

- vii. apresentação do “extant historical knowledge” de forma vivaz, convincente e provido de “stylistic attractions”, diferentemente do modo como alguns historiadores o apresentavam (Wesseling, 1991, p. 44);
- viii. contemplação da história doméstica, realizando uma representação da vida diária de pessoas comuns e desconhecidas, diferentemente da historiografia que se dedicava à “political history” (Wesseling, 1991, p. 48);
- ix. adoção de “heróis medianos” dotados de aspectos positivos e negativos, os quais não tomavam partido entre os lados em confronto, e sempre desempenhavam em solo neutro, o ofício de mediadores dos extremos assegurando que os lados em enfrentamento estabelecessem relações (Lukács, 2011, pp. 51, 53);
- x. adoção, em papéis centrais, de “personagens históricas desconhecidas, históricas apenas em parte ou puramente fictícias” (Lukács, 2011, p. 55), enquanto as figuras históricas aparecem em cena somente eventualmente (Wesseling, 1991, p. 46);
- xi. apresentação dos costumes de uma época, sempre que possível, de forma coerente, evitando ao máximo anacronismos (Wesseling, 1991, p. 46);
- xii. instrução histórica e não moral, através da emprego de personagens despidos de interioridade (Wesseling, 1991, pp. 46–47).

Além disso, Walter Scott e seus antecessores mais próximos procuraram estabelecer o romance histórico como um “companion of historiography”, apresentando-o como uma ferramenta de disseminação do conhecimento histórico distinto desta, combinando de forma estratégica “novelistic means with historical materials” (Wesseling, 1991, pp. 32–33). Estes defenderam o uso da invenção como ferramenta didática em benefício do acesso do leitor ao passado, suprimindo a inabilidade da historiografia antiquária em intermediar o tempo pretérito aos leitores (Wesseling, 1991, p. 43).

Estes escritores declaravam que suas obras se tratavam de meios significativos de disseminação do conhecimento histórico aos leitores (Wesseling, 1991, p. 45). Deste modo, os leitores satisfeitos somente com as informações fornecidas com a leitura do romance histórico teriam ao menos adquirido um mínimo de conhecimento histórico, enquanto os leitores que objetivavam buscar maiores conhecimentos históricos teriam sido, a partir de suas obras, estimulados a aproximarem-se da historiografia a fim de aprofundarem-se no tema (Wesseling, 1991, p. 45). Com isso, o romance histórico disponibilizou-se como uma via mais eficiente para divulgação do conhecimento histórico que a historiografia oficial, tornando-se, assim, uma possível ameaça à historiografia do período (Wesseling, 1991, pp. 45–46).

Sobre a classificação do romance histórico, Lukács considera que este não pode ser distinguido do romance em geral, pois em essência não há diferenças entre ambos (Lukács, 2011, p. 159). O romance histórico somente poderia ser considerado um gênero independente “quando as condições objetivas e subjetivas de uma fidelidade histórica em sentido próprio ainda não existem ou não existem mais”, criando-se, para tanto, regras a fim de embasar esta ruptura, e não por sua relação com o passado (Lukács, 2011, pp. 209–210). Ainda de acordo com Lukács, quando a questão marxista do gênero é tratada de forma séria, tomando como gênero somente aquelas obras que contém uma representação artística da vida, não existe nenhuma questão que possa ser alegada para fundamentar o estabelecimento de um gênero próprio, pois características específicas não possuem força suficiente a fim de sustentar a criação deste, uma vez que qualquer questão não pode ser analisada individualmente, sem que seja desfigurada a continuidade histórica e social (Lukács, 2011, p. 210). Além disso, Lukács afirma que não se pode apontar uma única característica que leve à caracterização do romance histórico que não esteja presente em outros romances, bem como o contrário também pode ser observado (Lukács, 2011, p. 296), sendo assim, a classificação do romance em subgêneros distintos se apresenta como irrelevante (Lukács, 2011, p. 293).

A partir de outra perspectiva, Wesseling observa no romance histórico à moda de Scott uma característica ímpar, o qual apresenta uma específica economia discursiva, a qual se trata de uma ordenação própria de formas e funções em diferentes modalidades de discursos próximos (Wesseling, 1991, p. 49). Nesse sentido, a economia discursiva própria do romance histórico se vale de um discurso novelístico e de um discurso historiográfico, posicionando-se taticamente entre o romance e a historiografia, atuando como um híbrido (Wesseling, 1991, p. 49).

No que diz respeito ao legado de Scott, Wesseling considera que, possivelmente, nenhum outro gênero literário dependa de tal maneira de um único escritor assim como o romance histórico depende de Scott (Wesseling, 1991, p. 27). Este foi o primeiro escritor mais vendido da história da Literatura Inglesa, responsável por assegurar renomada posição ao romance histórico com a obra *Waverley*, assim como o escritor de maior êxito da primeira fase do romance histórico, quando as variadas características de um modelo genérico passaram a ser agrupadas aos poucos, até o momento em que surgiu um modelo visivelmente demarcado (Wesseling, 1991, p. 22).

Mesmo para aqueles escritores do século XIX que escaparam intencionalmente dos limites do modelo de Scott, o escritor permaneceu como uma referência, alguém que simplesmente não se poderia ignorar (Wesseling, 1991, p. 51). De modo geral, o impacto

de seu trabalho “to the narrative representation of history can hardly be exaggerated, at least where the first half of the nineteenth century is concerned.” (Wesseling, 1991, p. 54).

A partir dos romances históricos de Scott os romancistas ampliaram ainda mais o repertório genérico do romance histórico, o que sem dúvida contribuiu para uma maior diversificação temática da ficção histórica, ao passo que os escritores converteram determinadas particularidades da obra deste “into standard topoi.” (Wesseling, 1991, p. 50).

Além disso, ocorreu uma ampliação de direções ideológicas distintas (Wesseling, 1991, p. 50). Muitos foram os romancistas históricos, incluindo Scott, que: impulsionaram sentimentos patrióticos sobre o pretérito pátrio; combateram um passado nacional heroico; propagaram ensinamentos morais e religiosos; ou até mesmo defenderam a moderação na política, recriminando intensamente exageros por parte do antigo regime e da revolução (Wesseling, 1991, p. 50).

2.2. Segunda fase do romance histórico

Para o desenvolvimento do romance realista subsequente, Scott, por sua vez, também teve grande relevância, uma vez que escritores conhecedores de suas obras, tais como George Eliot, Honoré de Balzac e Theodor Fontane, passaram a utilizar estratégias de narração em um cenário contemporâneo (Wesseling, 1991, p. 53). Lukács considera que tal influência se deve ao fato de Scott não ter sido um escritor romântico e sim realista, pois seu romance histórico se tratou de um claro seguimento do “romance social realista do século XVIII”, no entanto, provido de novas características (Lukács, 2011, p. 47). Além disso, não foi somente sobre a ficção histórica que a prática literária de Scott teve alcance, influenciando também o romance em geral, assim como a historiografia (Wesseling, 1991, p. 53).

Nesta segunda fase do romance histórico, a qual pode ser vista como uma fase de imitação em grande proporção dos romances à moda de Scott, os escritores passaram a imitar de maneira respeitosa e consciente o modelo clássico, inserindo algumas alterações, mas conservando, de modo geral, os aspectos fundamentais do modelo primário, o qual passou a decair no desfecho do século XIX (Wesseling, 1991, p. 27).

Assim, foi com Balzac, contemporâneo de Scott, que o romance histórico teve um prosseguimento “no sentido de uma concepção conscientemente histórica do presente”, o qual desenvolveu um modelo superior e novo de romance realista (Lukács, 2011, p.

105). Além disso, foi com este escritor que o romance histórico voltou a ter uma "representação da sociedade contemporânea", dando fim ao período clássico do romance histórico, mas não ao romance clássico (Lukács, 2011, p. 109).

2.3. Romance histórico na América Latina

Na América Latina o romance histórico teve seu início pouco mais de 10 anos após a publicação de *Waverley*, sendo influenciado tanto por Walter Scott, pelas crônicas coloniais, bem como, e em determinados casos, pelo teatro da Idade de Ouro. De acordo com Menton, a posição de primeiro romance histórico romântico da América Latina pertence à publicação anônima *Jicoténcal*, publicada no ano de 1826 (Menton, 1993a, p. 35).

Na década de 1860, mesmo que o romance realista tenha substituído o romance romântico na América Latina, o romance histórico romântico permaneceu em desenvolvimento até o período compreendido entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX, possuindo, possivelmente, como exemplo mais longo a obra *Durante la Reconquista* (1987), de Alberto Blest Gana (Menton, 1993a, p. 36).

Já no século seguinte, no período compreendido entre 1915 e 1945, Menton (1993, pp. 37–38) sugere que dominavam os romances históricos crioulos, os quais continuavam recriando ambientes históricos para servirem como pano de fundo aos protagonistas ficcionais. Neste período o número de romances históricos publicados foi reduzido, sendo a obra de maior renome *O Continente* (1949), primeiro volume da trilogia *O Tempo e o Vento* (1949-1962), do escritor brasileiro Erico Verissimo. Nestes romances predominavam as preocupações pela busca da identidade nacional, "con énfasis en los problemas contemporáneos".

2.3.1. Novo romance histórico latino-americano

Em meados do século XX surge uma nova tipologia de romance histórico, denominada como o novo romance histórico latino-americano, dotada de características visivelmente diferentes do romance histórico desenvolvido até então, possuindo como primeira publicação a obra *El Reino de Este Mundo* (1949), do escritor Alejo Carpentier (Menton, 1993a, p. 38).

Contudo, o título atribuído a Alejo Carpentier como iniciador do novo romance histórico na América Latina não se deveu unicamente a publicação desta obra. De 1949 até 1979 Carpentier publicou outros novos romances históricos, tais como *El Siglo de las Luces* (1962), *Concierto Barroco* (1974) e *El Arpa y la Sombra* (1979) (Menton, 1993a, p. 39).

Além disso, Carpentier foi fortemente amparado por Augusto Roa Bastos, Carlos Fuentes e Jorge Luis Borges, sendo os dois primeiros responsáveis por criar, na década de 1970, notáveis romances dotados de características do novo romance histórico latino-americano, nomeadamente, *Yo el Supremo* (1974) e *Terra Nostra* (1975), respectivamente, as quais representaram os paralelos do espectro onde num predomina a história e noutra a ficção (Menton, 1993a, p. 31).

De acordo com Menton o novo romance histórico latino-americano pode ser composto por até seis características, as quais foram verificadas em diversas obras latino-americanas do período compreendido entre 1949 e 1992 (Menton, 1993a, p. 42):

- i. a imitação de algum período histórico é condicionada, em variados níveis, à exposição de determinadas ideias filosóficas deste período (Menton, 1993a, p. 42);
- ii. ciente alteração da história por meio de “omisiones, exageraciones y anacronismos.” (Menton, 1993a, p. 43);
- iii. adoção de figuras históricas como protagonistas (Menton, 1993a, p. 43);
- iv. uso de metaficção ou de considerações, por parte do narrador, sobre o modo de composição (Menton, 1993a, p. 43);
- v. intensificação do uso da intertextualidade⁹ com a publicação da obra *Cien Años de Soledad* (1967), de García Márquez (Menton, 1993a, p. 43);
- vi. emprego dos “conceptos bajtinianos de lo dialógico, lo carnavalesco, la parodia y la heteroglosia.” (Menton, 1993a, p. 44).

Além da possibilidade de conter até seis destas características citadas, o novo romance histórico latino-americano se diferenciou também do tradicional romance histórico em virtude de sua maior pluralidade (Menton, 1993a, p. 45).

No desfecho da década de 1970, aproximadamente 30 anos depois de seu início com Alejo Carpentier (Menton, 1993a, p. 38), o novo romance histórico latino-americano ficou em evidência, se estabelecendo como a principal tendência de romance na América Latina (Menton, 1993a, p. 66).

Devido a grande diversidade entre romances históricos publicados do ano de 1979 até o 1992, Menton considera que estipular a propagação do romance histórico a um único fator trata-se de uma tarefa impraticável. Deste modo, considera mais prudente

⁹ De acordo com Menton, mesmo que “el concepto teórico fue elaborado primero por Bajtín, se difundió más en los escritos de Gérard Genette y Julia Kristeva.” (Menton, 1993a, p. 44).

apresentar a maior quantidade de fatores possíveis, além de ressaltar a impossibilidade de aplicação destes fatores a todos os romances (Menton, 1993a, pp. 47–48).

Como causa mais significativa da impulsão para a publicação de tantos romances históricos nos moldes do novo romance histórico a partir da década de 1970, Menton sugere a proximidade dos 500 anos da chegada dos primeiros navegadores europeus na América. Além disso, considera que estas comemorações também proporcionaram um melhor discernimento sobre os vínculos históricos partilhados entre as nações latino-americanas, bem como estimularam um questionamento da história oficial (Menton, 1993a, pp. 48–49).

Entretanto, mesmo que os eventos e as comemorações relacionadas aos 500 anos de descobrimento possam ser indicados como contribuintes fundamentais para a publicação de inúmeros novos romances históricos entre 1970 e 1992, a partir de um ponto de vista negativo, a propagação destes pode ser vista como resultado da conjuntura cada vez mais complicada no espaço latino-americano (Menton, 1993a, p. 51).

2.4. Romance histórico no Brasil

Poucos anos depois de sua consolidação nos espaços de origem, o romance histórico também se estabeleceu no Brasil, sendo seu aparecimento vinculado a solidificação do romance moderno como gênero e com o estabelecimento dos preceitos do romantismo na América e da instituição do folhetim, o qual era utilizado para disseminar esta forma de literatura (Esteves, 2010, p. 43). Para mais, estas manifestações literárias correspondem ao período posterior, relativamente próximo, da independência do Brasil, estando vinculadas ao desejo de instalar o conceito de uma nação unicamente brasileira e também de conceber clássicos culturais e literários, buscando reafirmar as diferenças entre a nova nação brasileira e o Reino de Portugal e dos Algarves (Esteves, 2010, p. 44).

Nessa conjuntura, durante os primeiros decênios em que o Brasil esteve independente, diversas narrativas híbridas foram publicadas "em forma de folhetins pelos nascentes periódicos", as quais mesclavam crônicas históricas e ficcionais, dotadas de sentimentalismo e, em determinados casos, também contendo enaltecimentos ao meio ambiente local. De acordo com Esteves estas narrativas híbridas "podem ser consideradas como uma espécie de proto-história tanto do romance como gênero quanto do romance histórico no Brasil, antes de sua consolidação" com o escritor José de Alencar (Esteves, 2010, pp. 44–45).

Nesse sentido, para Esteves, as narrativas de gênero híbrido, como é o caso da obra *Virginia ou A Vingança de Nassau* (1840), de João José de Souza e Silva Rio podem ser considerados como os primeiros romances históricos do Brasil (Esteves, 2010, p. 46). Em contrapartida, de acordo com Menton o responsável pelo surgimento do romance histórico romântico no Brasil foi o escritor José de Alencar, com as obras *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865) (Menton, 1993a, p. 36).

Sobre José de Alencar, Esteves refere que tanto o romance, quanto o romance histórico alcançaram seu amadurecimento através do escritor cearense, considerado como o romancista mais renomado do período romântico, o qual teria sido amplamente influenciado por Walter Scott (Esteves, 2010, p. 48). Por meio da ampla produção de Alencar solidificou-se no Brasil o ideal nacionalista, através do indianismo, e o romance histórico brasileiro por meio de obras como: *O Guarani* (1857), *As Minas de Prata* (1862-1866), *Iracema* (1865), *Guerra dos Mascates* (1871) e *Ubirajara* (1874) (Esteves, 2010, p. 48).

Em virtude da solidificação do romance histórico romântico com José de Alencar a composição de romances históricos prosseguiu fortemente nesta linha no Brasil por meio de duas vertentes distintas. Uma delas buscou compor romances históricos à moda de Walter Scott, abrangendo, no entanto, questões da nacionalidade acentuadas por descrições de aspectos do meio ambiente local. Já a outra buscou compor romances regionalistas, com seus enredos em áreas periféricas ou do interior do império brasileiro, reforçando a visão de uma nação heterogênea constituída a partir de distintos brasis e romances históricos de carácter regionalista. Além da reconstrução de momentos históricos, prevaleceu nestas vertentes a pormenorização de ambientes naturais rústicos (Esteves, 2010, p. 51).

De acordo com Esteves, por aproximadamente cem anos os romances históricos permaneceram como favoritos, muito provavelmente pelo fato de os escritores deste período estarem explicitamente dispostos a satisfazer seus leitores, entretanto nenhum romance histórico de expressivo renome foi publicado durante este período. Apesar da adoção de determinados aspectos do realismo-naturalismo, algumas das características fundamentais presentes nas obras de Alencar permaneceram em uso, como o enaltecimento do meio ambiente e a criação de protagonistas exageradamente idealizados (Esteves, 2010, p. 52).

Durante quase todo o século XX, romances históricos relativamente tradicionais permaneceram sendo publicados, porém uma significativa parte destes deixou de seguir

determinadas particularidades dos romances à moda de Scott, como, por exemplo, a ficcionalização de figuras históricas (Esteves, 2010, p. 58).

Segundo Esteves, com base nos preceitos estabelecidos pelos sucessores de José de Alencar, uma significativa parte destes escritores optou por produzir romances regionalistas abrangendo variadas regiões brasileiras. Contudo, poucos dos notáveis escritores regionalistas que contribuíram para esta forma de escrita, a qual possui grande relevância no segundo momento do modernismo brasileiro, se dedicaram a esta vertente, e, no momento que escreveram, não foram suas principais obras, como, por exemplo, o escritor José Lins do Rego, autor dos romances históricos *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953) (Esteves, 2010, p. 58).

De acordo com Esteves, a trilogia *O tempo e O Vento* (1949-1961), do escritor gaúcho Erico Verissimo, se trata da mais primorosa obra com características regionais, podendo ser inclusive indicada como o romance histórico de maior relevância na literatura brasileira do século XX (Esteves, 2010, pp. 59–60).

2.4.1. Romance histórico brasileiro contemporâneo

No Brasil, assim como nos demais países latino-americanos, o novo romance histórico também passou a se fazer presente, no entanto, em menores proporções que naqueles de língua espanhola, havendo ao longo dos anos um considerável aumento destes no país (Esteves, 2010, p. 63). Neste sentido, Carlos Alexandre Baumgarten acredita que depois da década de 1970 surgiram no Brasil muitas obras romanescas que se dedicaram a recuperar e a escrever a história de distintas épocas do país, por, pelo menos, dois trajetos distintos (Baumgarten, 2000, p. 170). Num deles os escritores compunham narrativas que focavam em fatos presentes na história oficial, sendo em determinados casos “definidores da própria constituição física das fronteiras brasileiras”, enquanto no outro as narrativas desenvolveram uma revisão do caminho traçado pela história literária brasileira (Baumgarten, 2000, p. 170).

Entre as obras brasileiras portadoras de aspectos deste novo romance histórico latino-americano, compreendido até o ano de 1992, Menton indica seis obras: *Galvez Imperador do Acre* (1976), do escritor Márcio Souza, *Mad Maria* (1980), de Márcio Souza, *Em Liberdade* (1981), de Silvano Santiago, *Viva o Povo Brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro, *A Casca da Serpente* (1989), de José J. Veiga e *Memorial do Fim (A morte de Machado de Assis)* (1991), de Haroldo Maranhão (Menton, 1993b, pp. 13–14).

Em convergência com Menton, Baumgarten considera que foi com a inovadora obra *Galvez, Imperador do Acre*, do escritor amazonense Márcio Souza, que o romance histórico brasileiro teve uma redefinição de seus limites, através da adoção das mais recentes características do “romance histórico latino-americano”, contendo, também, aspectos dos dois trajetos indicados anteriormente, “pois, simultaneamente, focaliza fato da história do País e desenvolve ampla reflexão sobre o processo literário nacional.” (Baumgarten, 2000, p. 171). Baumgarten salienta que as características inovadoras presentes na obra de Márcio Souza “sinaliza, em verdade, para o surgimento de um novo paradigma no plano da escrita do romance histórico brasileiro”, o qual também é verificado em obras de demais escritores que se dedicam a realizar por meio da ficção uma revisão da história oficial do Brasil, como “Deonísio da Silva, Luiz Antonio de Assis Brasil, Ana Miranda, Moacyr Scliar” (Baumgarten, 2000, p. 175).

Para Esteves, mesmo que o novo romance histórico não tenha atingido o Brasil da mesma maneira que atingiu aos demais países da América Latina de fala espanhola, a existência de muitos romances históricos brasileiros além daqueles elencados por Menton até o ano de 1992 e a publicação de mais de uma centena destes de 1992 até o ano de 2000 evidencia o crescimento do novo romance histórico em solo brasileiro (Esteves, 2010, pp. 62–63).

Aliás, de acordo com Esteves, pode ser observado que houve no Brasil durante os últimos anos uma excepcional proliferação de romances históricos, onde muitos destes alcançaram grande êxito de venda, diversos obtiveram importantes premiações, alguns foram traduzidos para diferentes línguas e, inclusive, alguns se tornaram filmes ou seriados televisivos (Esteves, 2010, p. 63).

Ao fazer referência aos romances históricos brasileiros publicados nas últimas décadas, Esteves considera a pluralidade como sendo a principal marca. Sobre serem caracterizados como romances históricos tradicionais ou pós-modernos, observa que parte destes contêm suficientes características para serem enquadrados como pós-modernos, contudo, a maior parte destes ainda se insere nos moldes tradicionais estabelecidos por Scott (Esteves, 2010, p. 70). Sobre as características presentes nas obras analisadas, Esteves refere:

São narrativas curtas, de cerca de cem páginas ou romances de várias centenas de páginas. Alguns alternam períodos separados no tempo; outros se fixam em um único período histórico claramente delimitado. Alguns apresentam um anacronismo claramente disparatado; outros mantêm um tempo bastante linear. Em alguns casos a representação do passado acoberta comentários em que se nota explicitamente uma crítica ao presente; noutros o passado praticamente nada tem a ver com o presente. Alguns são detetivescos, muitas

vezes paródias bem armadas de romances policiais; outros são verdadeiros *thrillers*; outros ainda pretendem ser *thrillers*, sem consegui-lo. Há romances psicológicos ou introspectivos, nos quais por vezes é difícil descobrir que a ação acontece em épocas distantes no tempo; há romances em que predomina a ação; em outros, uma descrição da paisagem. Alguns são imensos murais, mostras panorâmicas de longos períodos da história; outros concentram a ação em um único dia. A maior parte trata da história do Brasil ou relaciona-se com ela. Há casos, no entanto, em que a ação ocorre na Idade Média. Há até mesmo um caso em que a ação ocorre no Peru incaico. (Esteves, 2010, pp. 69–70)

Marilene Weinhardt, ao realizar um estudo preliminar abarcando obras que ficcionalizam o passado histórico em período mais recente, entre 2011-2014, considera que a quantidade de obras publicadas durante o respectivo período não apresenta o mesmo vigor em comparação a quantidade de obras publicadas no período final do século passado, contudo, (Weinhardt, 2015, p. 102) "não houve falência da modalidade", sendo visível a manutenção do interesse por estas obras tanto entre escritores como por entre leitores (Weinhardt, 2015, p. 107). Sobre as características presentes nas obras analisadas (2011-2014), Weinhardt menciona:

[...] delineiam-se algumas constantes: experimentalismos mais radicais no plano formal já não constituem um desafio a enfrentar; não parece haver urgência de rupturas com modos de entender o passado que, se ainda não constituem tradição, já estão na pauta há algum tempo, seja da criação literária, seja dos estudos históricos; a experiência individual e do passado familiar ousam aparecer sem subterfúgios, e também sem idealização; é raro o registro de tom celebratório; figuras históricas sobre as quais há poucos e esgarçados dados biográficos, mas certamente representaram espécies de desvios do padrão em sua época, constituem atrativo particular. Enfim, as ausências mais óbvias: os grandes acontecimentos, a figuras históricas de primeira plana, a exacerbação da metaficcionalidade, para ficar em alguns dos traços frequentados com insistência nas décadas anteriores, não se mostram particularmente instigantes nos últimos anos. (Weinhardt, 2015, p. 107)

2.5. Literatura da região Sul do Brasil

No Rio Grande do Sul, foi com a publicação do romance *A Divina Pastora* (1847), do escritor José Antonio do Vale Caldre e Fião, concebida a primeira “representação literária da história” do Estado (Baumgarten, 2001, pp. 75, 76). Poucos anos depois, o mesmo escritor publicou seu segundo e último romance, intitulado *O Corsário* (1851), se tornando o iniciador do romance gaúcho e “precursor no aproveitamento da história regional como matéria de ficção.” (Baumgarten, 2001, p. 76).

Ivânia Campigotto Aquino com base nas obras de Caldre e Fião (1847), Vivaldo Coaracy (1924), Viana Moog (1939), Erico Verissimo (1949-1962) e José Guimarães (1972-1975), considera que, assim como a nível nacional, foi praticado no Rio Grande do Sul "uma literatura de cunho documental", contudo voltada a representar aspectos característicos do Estado (Aquino, 2007, pp. 5, 286).

A contar da década de 1970, também como a nível nacional, se verificou no Rio Grande do Sul o aparecimento de inúmeros romances voltados principalmente ao resgate da história regional, como, por exemplo, *A Ferro e Fogo (Tempo de Solidão e Tempo de Guerra)* (1972 e 1975), do escritor Josué Guimarães¹⁰, e das obras *Um Quarto de Léguas em Quadro* (1976) e *A Prole do Corvo* (1978), do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil (Baumgarten, 2001, p. 80). De acordo com Baumgarten, estas narrativas surgidas no Estado na década de 1970, contêm basicamente características equivalentes às do romance histórico vigentes do século XIX até metade do XX (Baumgarten, 2001, p. 80).

A partir da década de 1980, as narrativas que utilizavam a história como fonte apresentaram um crescimento e um novo método para a utilização da história como “matéria literária” foi adotado (Baumgarten, 2001, p. 80). Além disso, de acordo com Baumgarten, também se observou nesta época no Rio Grande do Sul a produção de obras dedicadas “a reescrita da história oficial” e a “revisão de aspectos referentes à história literária regional.” (Baumgarten, 2001, p. 80).

De acordo com Weinhardt, normalmente o regionalismo na literatura do Rio Grande do Sul é identificado como aquele que “focaliza a vida nos pampas, com as lidas de criação de gado, tropeirismo e eventuais participações em lutas armadas.” (Weinhardt, 2004, p. 19). Contudo, em contrapartida:

Os cortes operados [em seu estudo] determinaram um campo muito mais amplo, que inclui imigrantes, sertanejos, habitantes urbanos, quase todos afetados pela vizinhança de estancieiros e peões, mas sem incorporar integralmente os hábitos campeiros. Cumpre salientar que não só a literatura se deu conta de que o Sul, mesmo o Extremo Sul, não é apenas o pampa. (Weinhardt, 2004, p. 20)

Weinhardt, embora não tenha realizado análises estatísticas em busca de estabelecer uma confrontação com diferentes obras romanescas, acredita poder afirmar que atualmente o contato com temas históricos na ficção é abundante na região Sul do Brasil, apresentando pontos característicos resultantes de particularidades de sua conjuntura tanto histórica como geográfica (Weinhardt, 2004, p. 33). Portanto, grande parte das obras analisadas sobre esta região por Marilene Weinhardt abrangem as adversidades relacionadas à ambientação de pessoas sozinhas e em grupos, as quais não faziam parte dos “povos descobridores e conquistadores” (Weinhardt, 2004, p. 33).

¹⁰ Além dos dois volumes publicados o escritor planejava completar o projeto com um terceiro tomo. Contudo, Josué Guimarães faleceu antes disso, no ano de “1986, vítima de um câncer.” (Aquino, 2007, p. 215).

De acordo com Weinhardt, a maioria dos textos estudados não realiza uma abordagem que coloca no passado "uma auréola de idealismo" e frequentemente um questionamento da tradição é realizado através do "exame de suas origens." (Weinhardt, 2004, p. 185). Observa que a releitura do passado que singulariza a região Sul é feita pelos escritores de forma "bastante descompassada." (Weinhardt, 2004, p. 186). "Do ponto de vista sociológico e antropológico", entre as obras dos três estados da região Sul, são observados diversos "traços de identificação", contudo o estado que mais se dedica a produção é o do Rio Grande do Sul (Weinhardt, 2004, p. 187).

Especificamente sobre a integração do imigrante alemão na literatura brasileira, esta ocorreu alguns anos depois da introdução deste no Rio Grande do Sul (Neumann, 2021, p. 86) (Aquino, 2007, p. 72), sendo inserido duas décadas depois de sua chegada, com o primeiro romance gaúcho *A Divina Pastora*, já mencionado anteriormente. De acordo com Ivânia Aquino, apesar desta não se tratar de uma obra dedicada a imigração alemã, predominando "no enredo as ações de pessoas de origem lusa", o imigrante alemão já se encontra inserido "como parte integrante da sociedade e do espaço territorial do Rio Grande do Sul." (Aquino, 2007, p. 72). O escritor Caldre e Fião:

[...] atento ao novo que se apresentava no processo de colonização da terra, [...] coloca uma família de imigrantes em relação direta com as personagens do plano principal, como o Almênio, um destemido guerreiro farroupilha, e Edélia, a própria divina pastora. Nesse sentido, observamos que o pouco tempo da presença alemã na província rio-grandense já havia sido suficiente para, na visão de Caldre e Fião, serem os alemães considerados moradores integrados ao sul tanto quanto os demais. (Aquino, 2007, p. 72)

No século seguinte, como um outro exemplo envolvendo os imigrantes germânicos se faz necessário mencionar a obra *A Ferro e Fogo (Tempo de Solidão e Tempo de Guerra)* (1972 e 1975), do escritor Josué Guimarães, também já referida anteriormente, por se tratar de uma obra essencial ao "se falar da história da imigração alemã no Brasil e sua representação na literatura brasileira" (Neumann, 2021, p. 92).

Abrangendo como tema central a imigração alemã e seus primeiros cinquenta anos de vida na província de São Pedro do Rio Grande do Sul a obra se dedica a abarcar diferentes questões sobre esta, através de "um relato abrangente das consequências sociais" tanto para a província, como para o Brasil (Neumann, 2021, p. 92), preenchendo uma lacuna que até então existia na "literatura sobre a imigração alemã" (Aquino, 2007, p. 289). De acordo com Neumann, a obra do escritor Josué Guimarães se trata de "um marco importante na literatura brasileira" diante de sua abordagem inovadora para a época, "sem orgulho nacional, sem transfiguração ou discurso de sacrifício." (Neumann, 2021, p. 93). Além disso, de acordo com Aquino, a obra de Josué Guimarães ainda permanece

como a única obra de "narração híbrida – literatura e história – com tamanha abordagem da participação da etnia alemã na formação do Rio Grande do Sul." (Aquino, 2007, p. 218).

De acordo com Aquino, a presença dos imigrantes alemães e seus descendentes na "produção romanesca sul-rio-grandense" constitui a principal representação sobre a imigração no Estado, "seguida pela italiana", e ainda hoje ficcionistas permanecem se dedicando a apresentar "novas visões e formulando questões para se interpretar a imigrações alemã com base em diversos aspectos." (Aquino, 2007, pp. 290–291).

Neste sentido, a fim de ilustrar a presença destes imigrantes germânicos, tanto no Rio Grande do Sul, como em outros estados, pode-se observar na Tabela 1 obras citadas nos trabalhos de Ivânia Campigotto Aquino, Marilene Weinhardt e Gerson Neumann como alguns exemplos da literatura brasileira que se dedicam a englobar em seu enredo "elementos germânicos (imigrantes e descendentes)" (Neumann, 2021, p. 86) e a "cultura alemã" (Aquino, 2007, p. 290).

Tabela 1 – Obras que englobam elementos e a cultura germânica.

Título da obra	Ano de publicação	Autor	Referência
<i>A Divina Pastora</i>	1847	José Antônio do Vale Caldre e Fião	(Aquino, 2007, p. 5; Neumann, 2021, pp. 86, 91)
-	1902	Graça Aranha	(Neumann, 2021, p. 86).
<i>Frida Meyer</i>	1924	Vivaldo Coaracy	(Aquino, 2007, p. 5; Neumann, 2021, p. 86)
-	1927	Mário de Andrade	(Neumann, 2021, p. 86).
<i>Um Rio Imita o Reno</i>	1939	Clodomir Vianna Moog	(Aquino, 2007, p. 5; Neumann, 2021, p. 86; Weinhardt, 2004, p. 55)
-	1940	Bayard de Toledo Mércio	(Neumann, 2021, p. 86).
<i>O Tempo e o Vento</i>	1949 - 1962	Erico Verissimo	(Aquino, 2007, p. 5; Neumann, 2021, p. 86)
<i>A Ferro e Fogo</i>	1972 - 1975	Josué Guimarães	(Aquino, 2007, p. 5; Neumann, 2021, pp. 86, 92; Weinhardt, 2004, p. 55)
<i>O Guarda-Roupa Alemão</i>	1975	Lausimar Laus	(Weinhardt, 2004, p. 78).
<i>Verde Vale</i>	1979	Urda Alice Klueger	(Weinhardt, 2004, p. 74).
<i>As Parceiras</i>	1980	Lya Luft	(Aquino, 2007, p. 290).
<i>A Asa Esquerda do Anjo</i>	1981	Lya Luft	(Aquino, 2007, p. 290; Neumann, 2021, p. 87)
<i>Reunião de Família</i>	1982	Lya Luft	(Neumann, 2021, p. 87)
<i>As Brumas Dançam sobre o Espelho do Rio</i>	1982	Urda Alice Klueger	(Weinhardt, 2004, p. 76).
<i>No Tempo das Tangerinas</i>	-	Urda Alice Klueger	(Weinhardt, 2004, p. 76).
<i>Te Arranca Alemão Batata</i>	1986	Rui Nedel	(Aquino, 2007, p. 290).
<i>Valsa para Bruno Stein</i>	1986	Charles Kiefer	(Aquino, 2007, p. 290; Neumann, 2021, p. 87)
<i>A Face do Abismo</i>	1988	Charles Kiefer	(Aquino, 2007, p. 290).
<i>Trilogia Perversa</i>	1988	Ivo Bender	(Aquino, 2007, p. 290).
<i>Os 40 Anos do Doutor Stummer</i>	1988	Roberto Velloso Eifler	(Aquino, 2007, p. 290).
<i>Videiras de Cristal</i>	1990	Assis Brasil	(Aquino, 2007, p. 290).
<i>A Valsa da Medusa</i>	1990*/1989**	Valesca de Assis	*(Aquino, 2007, pp. 290–291); **(Neumann, 2021, pp. 87, 93).
<i>Quem Faz Gemer a Terra</i>	1991	Charles Kiefer	(Neumann, 2021, p. 87).
<i>A Colheita dos Dias</i>	1991*/1992**	Valesca de Assis	*(Aquino, 2007, p. 291); **(Neumann, 2021, p. 87).
<i>Olhos de Guia</i>	1993	Fernando Neubarth	(Aquino, 2007, p. 291).
<i>À Sombra das Tílias</i>	1999	Fernando Neubarth	(Aquino, 2007, p. 291).
<i>Bárbaros no Paraíso</i>	2001*/2003**	Pedro Stiehl	*(Aquino, 2007, p. 291); **(Neumann, 2021, p. 87).
<i>Na Companhia das Tias</i>	2004	Guido Kopittke	(Neumann, 2021, p. 87).
<i>Um Rio entre Nós</i>	2004	Ivanio Fernandes Habkost	(Neumann, 2021, p. 87).
<i>Rapsódia em Berlim</i>	2006	Pedro Stiehl	(Neumann, 2021, p. 87).
<i>O Pescador de Arenques</i>	2007	Jairo Scholl Costa	(Neumann, 2021, p. 87).
<i>Enchantes</i>	2010	Guido Kopittke	(Neumann, 2021, p. 87).
-	-	Paulo Becker	(Aquino, 2007, p. 291).

- Dado não informado.

2.6. Romance histórico contemporâneo como uma nova interpretação da História

Independentemente do local de origem, o romance histórico contemporâneo desempenha uma conduta crítica perante a História, realizando uma nova interpretação de determinado acontecimento histórico amparado por artimanhas ficcionais. De acordo com as concepções "da pós-modernidade, o romance histórico contemporâneo rompe com as grandes narrativas totalizadoras", ciente de seu carácter individual, fragmentado e modo próprio de olhar e representar o mundo e os acontecimentos históricos (Esteves, 2010, p. 68). Neste sentido, através da compreensão fragmentada e própria do mundo contemporâneo, até mesmo o entendimento sobre autoria é colocado em dúvida. O narrador, como conhecedor de sua posição de representante de muitas outras vozes, apresenta uma ou variadas interpretações dos fatos pretéritos (Esteves, 2010, p. 68). Assim como a globalização, que dissolveu os tradicionais limites e fragmentou os tradicionais vínculos econômicos e sociais, o narrador também dissolve limites, como aqueles espaciais e temporais (Esteves, 2010, p. 68).

Diante da imensa quantidade de informações disseminadas no mundo atual, as quais direcionam para todos os sentidos, compete ao leitor, através "do pacto de leitura imposto pela obra, construir suas verdades particulares e desconstruir as verdades alheias que não lhe convencem. Ou que não lhe convêm." (Esteves, 2010, p. 69).

Folha em branco

Capítulo 3 – Colônia Santa Maria da Soledade

Este capítulo tem por objetivo tratar inicialmente, de modo breve, algumas questões relacionadas à colonização germânica, utilizando como base os autores Roche (1969), Seyferth (1988 e 2002) e Waibel (1958). Em seguida, são abordadas questões gerais sobre a colônia Santa Maria da Soledade, utilizando como fontes jornais e leis da época, relatórios provinciais de 1856 até 1876, além das obras de Amstad (2005) e Gansweidt (1946).

1. Colonização germânica

A "motivação imigrantista" no Brasil teve seu ponto de partida com o suposto interesse pela diversificação agrícola do Estado. Assim, com base no tratado de Nova Friburgo (1818) assinado por D. João VI, no ano de 1819 foi fundada Nova Friburgo no Rio de Janeiro, a qual recebeu imigrantes suíços. Embora apresentando resultados efêmeros ao longo dos primeiros anos, o interesse pelo projeto colonizador permaneceu, sendo recommençado com a implantação da colônia de São Leopoldo, baseado nos mesmos princípios (Seyferth, 2002, pp. 118–119).

Assim, em 1822, época em que o Brasil se tornou independente, o governo imperial buscou enfatizar a colonização das duas provinciais mais ao sul, por meio da inserção de agricultores e ex-soldados originados sobretudo da Europa Central. Tais imigrantes eram vistos como necessários para atuar como trabalhadores livres na exploração agrícola de pequenas propriedades familiares, em função da iminente proibição do tráfico de pessoas escravizadas, bem como para defender este território, uma vez que neste período tal região era considerada pelo governo como suscetível às invasões dos "argentinos pelo lado sul" e aos ataques indígenas "pelo interior" (Waibel, 1958, pp. 210–212).

Neste período, as gigantescas florestas da região sul ainda eram de domínio dos povos indígenas, sendo cruzadas pelos homens brancos por meio de trilhas de boiadeiros e tropas, os quais eram "freqüentemente atacados pelos índios." Diante desta situação, bem como pelo fato de o governo possuir interesse em colonizar tais florestas, este acreditava existir a necessidade de "retroceder ou eliminar os índios." (Waibel, 1958, pp. 210–211). Desta forma, o governo seguiu uma lógica de colonização geopolítica direcionada às terras devolutas, "sem qualquer consideração pela população nativa",

considerada como “nômade e incivilizada”, e biologicamente direcionada aos europeus devido “à pressuposição da superioridade européia” (Seyferth, 1988, p. 119).

A colonização¹¹ alemã¹² foi dividida em duas fases, onde a primeira¹³ abrangeu o intervalo compreendido entre os anos de 1824 e 1889 e foi subdividida em três períodos, enquanto a segunda¹⁴ teve início em 1890 e foi subdividida em dois períodos (Roche, 1969, pp. 94, 117–118, 130–131).

Durante o primeiro período da primeira fase “as primeiras colônias alemãs no sul do Brasil” foram fundadas, sendo estas estabelecidas em locais “onde os caminhos de tropa e de gado entravam e saíam da selva.”. A primeira destas foi a colônia de São Leopoldo, fundada no ano de 1824 na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, no vale do rio dos Sinos, seguida pela fundação das colônias de Rio Negro e São Pedro de Alcântara, ambas em 1829 (Waibel, 1958, pp. 212–213). Nas décadas seguintes, no intervalo compreendido entre os anos de 1830 e 1847, a colonização ficou paralisada em decorrência de “crises políticas que sobreviveram no Rio de Janeiro e, depois, no Rio Grande do Sul” (Roche, 1969, pp. 99–100).

Após, deu-se o início do segundo período da primeira fase, compreendido entre 1847 e 1874 (Roche, 1969, p. 101). Com isso, durante a década de 1850, a região situada entre as áreas ocupadas pelas colônias de Santa Cruz e São Leopoldo, “especialmente ao longo dos cursos do Caí e do Taquari”, a qual até então era formada por uma grande área de selva, onde “apenas alguns intrusos luso-brasileiros” haviam adentrado, foi destinada para o estabelecimento de diversas colônias particulares¹⁵ divididas em pequenos lotes

¹¹ De acordo com Waibel, no Brasil, diferente dos Estados Unidos, a colonização em sua maioria foi dirigida e não espontânea, uma vez que quase sempre foi “organizada, planejada, subvencionada e dirigida” pelo governo ou por particulares (Waibel, 1958, pp. 213–214).

¹² Mesmo que os imigrantes fossem identificados como alemães, a “Alemanha (unificada ou não) não pode ser considerada como a única origem” destas pessoas (Seyferth, 1988, p. 4). Além disso, até 1875 esta imigração foi exclusiva para a região Sul e para Espírito Santo, quando foi iniciada a imigração italiana (Seyferth, 1988, p. 4).

¹³ No primeiro deles, que compreendeu de 1824 até 1847, tanto a organização como a direção da colonização esteve vinculada ao governo imperial (Roche, 1969, p. 94). No segundo período da primeira fase, compreendido entre 1847 e 1874, a colonização foi retomada, sendo esta uma época mais favorável para a colonização, a qual passou a contar com o “estatuto legal de que necessitava.” (Roche, 1969, p. 101). Já o terceiro período, que deu fim a primeira fase, compreendeu entre 1874 e 1889, correspondendo a uma época marcada “pela frieza do Governo local com respeito à colonização” (Roche, 1969, pp. 113–114).

¹⁴ Em 1890, quando teve início a segunda fase da colonização e respectivamente o quarto período, que abrangeu de 1890 até 1914, ocorreram disputas administrativas entre o governo central e governo local quanto a colonização, pelo fato de possuírem interesses e visões distintas sobre esta. Já a partir de 1914 teve início o quinto período da colonização alemã, o qual abrangeu os anos marcados pela 1ª e 2ª Guerra Mundial. Foi neste último período que ocorreu a distinção entre imigração e colonização, a criação de diversos órgãos governamentais, a centralização administrativa e a finalização da regulamentação. Neste último período a evidência das funções administrativas e governamentais esteve mais evidente (Roche, 1969, pp. 117–118, 130–131).

¹⁵ Nesse período também existiam outras colônias particulares na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, como: colônia de D. Pedro 2º e colônia do Monte Bonito, ambas em Pelotas, e colônia do Mundo Novo,

que foram subsequentemente vendidos aos colonos (Waibel, 1958, para. 215). Dentre estas, figura-se a colônia Santa Maria da Soledade, tema central do romance histórico em estudo, a qual foi originalmente arquitetada pelo Conde de Montravel (Figura 1).

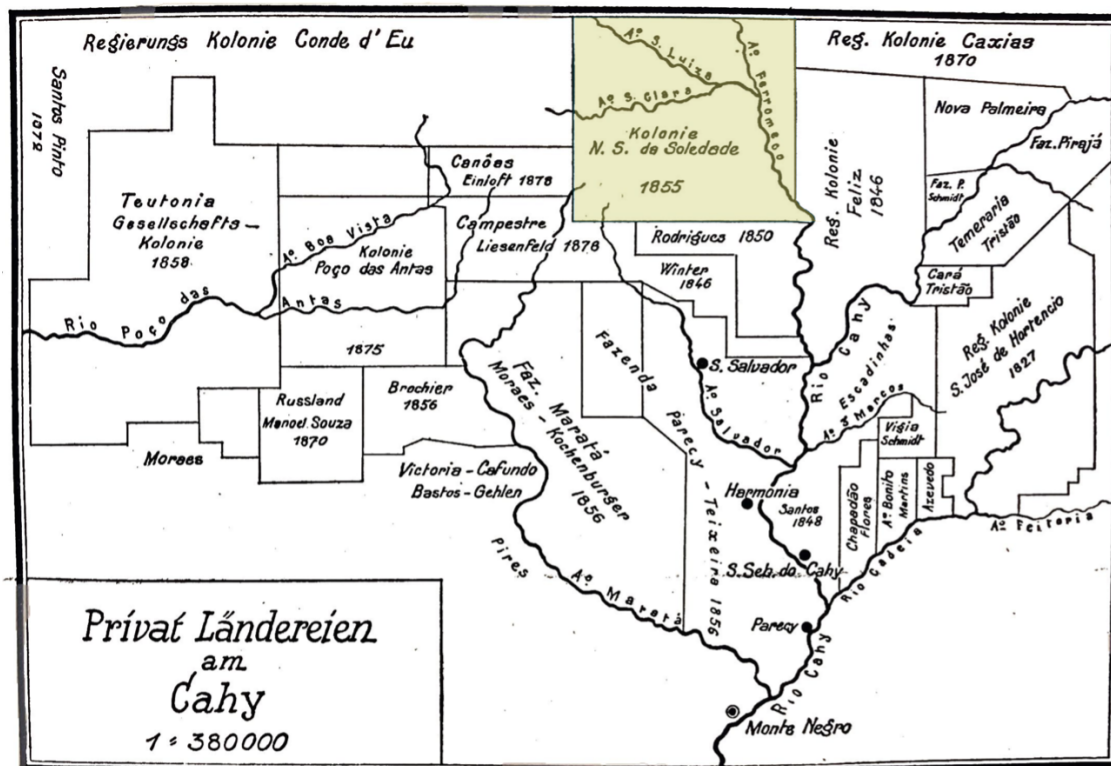


Figura 1 - Antigo mapa das colônias no Vale do Rio Caí (Roche, 1969, p. 5, mapa fora do texto, com alterações).

2. Empreendimento colonizador

2.1. Processo de implantação da colônia e posterior transferência para o governo imperial

O processo de implantação da colônia Santa Maria da Soledade teve início em 6 de fevereiro de 1855, momento em que foi firmado um contrato entre o Conde de Montravel¹⁶ e o governo imperial para a aquisição de 4 territórios, ou de área equivalente, num total de 16 léguas quadradas de terras devolutas entre o rio Caí e o arroio Maratá, (Coelho, 1856, p. 94). Dentre as condições acordadas, Montravel se comprometeu com a fixação de “576 famílias de colonos lavradores”, enquanto o governo imperial se comprometeu a medir e demarcar a respectiva área para implantação da colônia e a subsidiar a empresa colonizadora “com a quantia de 15\$ rs. por cada um dos colonos de

em São Leopoldo (Coelho, 1856, pp. 93–94). De acordo com o então presidente da província, Jeronymo Francisco Coelho, a maior parte da colonização conduzida por empresas particulares era infrutífera (Coelho, 1856, p. 93).

¹⁶ No período precedente ao estabelecimento do contrato junto ao governo imperial, Felix de Montravel exerceu a função de vice-cônsul da França, em Porto Alegre (Laemmert, 1854, p. 193), (Laemmert, 1855, p. 217).

10 a 40 anos de idade, e de 10\$ rs. pelos colonos de 5 a 10 anos, isto até o numero de 2880 colonos importados.” (Coelho, 1856, pp. 94–95).

Entretanto, mesmo com o amparo de um contrato que garantia significativos benefícios (Koseritz, 1867, pt. 13), as dificuldades financeiras logo se fizeram presentes ao colonizador. Desta forma, buscando superá-las (“Interior. Correspondência Do Rio Grande.”, 1856), o Conde de Montravel optou por iniciar a Sociedade Montravel, Silveiro e Comp.^a com os senhores Israel Rodrigues Barcellos, Dionizio de Oliveira Silveiro e José Antonio Coelho Junior. Deste modo, “cedendo todo o direito que pelo contrato lhe assistia, assim como as obrigações” (Muritiba, 1856, p. 25). Mesmo assim, devido aos pequenos progressos no projeto de colonização, Montravel e seus sócios necessitaram firmar em 23 de fevereiro de 1857 um novo contrato, o qual garantia “novos favores”, além de atender algumas de suas reclamações (Camara, 1857, p. 24).

Contudo, apesar das vantagens obtidas neste novo contrato a sociedade colonizadora não cumpriu com a introdução dos 1.440 colonos até julho de 1858, como havia se comprometido, faltando 16 colonos para atingir tal meta. Dentre as razões alegadas pela sociedade para o incumprimento desta cláusula estavam os “diferentes obstaculos” encontrados no processo colonizatório, tais como “a falta da entrega dos territorios promettidos” e a perda de valores monetários com a “quebra da casa Duclos & Comp.” (A. M. da S. Ferraz, 1858, pp. 22–23). Apesar disso, a sociedade conseguiu ser “alliviada da multa em que incorrera.” (A. M. da S. Ferraz, 1859, p. 47).

Mesmo assim, com o passar dos anos, a sociedade permaneceu com algumas dificuldades financeiras (Leão, 1860b, p. 32), obrigando que esta solicitasse a extinção do seu contrato com o governo imperial (Koseritz, 1867, p. 14). Desta forma, a gerência da colônia foi transferida ao governo em 1869, chegando ao fim a administração desta por parte da empresa colonizadora Montravel, Silveiro e Comp.^a (Martiren, 2017, p. 397), com base na “autorização concedida pela Resolução nº 1303 de 22 de Junho de 1866” (Decreto Nº 4.387, de 10 de Julho de 1869, 1869). Assim, o governo imperial se comprometeu a pagar à sociedade uma importância que correspondia às dívidas dos colonos¹⁷ da colônia Santa Maria da Soledade com esta, passando estes a dever para o governo imperial (Decreto Nº 4.387, de 10 de Julho de 1869, 1869).

¹⁷ Depois de verificar pessoalmente as condições da colônia em abril de 1863, o presidente da província, Espiridião Pimentel, redige que “bem longe está a época do cumprimento das obrigações, que os colonos contrahirão para com a sociedade que, não obstante os apuros em que se acha, tem sido summamente benigna para com elles.” (Pimentel, 1864a, p. 97). Alguns anos mais à frente, em relatório de 1867, Carlos de Koseritz menciona que as dívidas dos colonos com a sociedade ainda eram existentes, devendo “grandes sommas á associação” (Koseritz, 1867, p. 14).

Mais tarde, no ano de 1877, a colônia foi “emancipada do regimen colonial, passando ao dominio da legislação commum ás outras povoações do Imperio, e cessando a administração especial” a partir do decreto n. 6480 (Decreto N. 6480 - de 18 de Janeiro de 1877, 1877).

2.2. Relatos sobre possíveis razões que não colaboraram para o sucesso do empreendimento

Dentre os relatos que destacaram a Sociedade Montravel, Silveiro e Comp. e as razões que não colaboraram para o seu sucesso está o de Carlos de Koseritz. Este menciona que a administração do empreendimento foi “funesta” ao próprio negócio “e mais funesta ainda para os interesses dos seus associados”, os quais empenharam “grande parte de suas fortunas n'este malfadado ensaio”, ao passo que Montravel¹⁸ deixou a empresa (Koseritz, 1867, pp. 13–14). Além disso, Koseritz considera que Montravel praticou inúmeros erros neste projeto, tais como: (i) “exclusivismo em materia religiosa”, preferindo por admitir somente colonos católicos; (ii) inserção de colonos de diferentes origens; (iii) volumosos gastos com trabalhos iniciais; (iv) inexistência de boas vias de comunicação; e (v) falta de dinheiro para o prosseguimento da obra (Koseritz, 1867, pp. 13–14).

Já na obra organizada por Amstad, a demasiada heterogeneidade das pessoas, a presença de imigrantes que “nem sempre” eram “da melhor qualidade” (Amstad, 2005a, pp. 51–52), e acima de tudo, a “incompetência dos empreendedores”, são apresentadas como razões para a curta duração da companhia, a qual, segundo a obra, teria terminado “em fiasco” (Amstad, 2005b, p. 91). Desta forma, buscando apresentar um exemplo da incompetência da companhia, está relatado na obra, de forma sarcástica, que Montravel, a fim de manter o tráfego entre a colônia e o seu exterior durante a época das enchentes, teria idealizado a construção de “uma carroça com rodas muito altas”, mas este havia esquecido que “infelizmente [...] neste caso os animais tinham que puxar a carreta nadando.” (Amstad, 2005b, p. 91).

Além destes, a imprensa da época também fez apontamentos negativos sobre a gerência da sociedade, destacando que a colonização “desde sua fundação começou mal sob os auspícios de Montravel & C.” e que esta objetivava unicamente “fazer fortuna rapidamente”, procurando, “com consciencia ou sem ella, prejudicar-se, desconceituando-se por toda a parte.” (Jornal do Commercio, 1860).

¹⁸ Koseritz refere Montravel como alguém “um pouco exaltado” e “sanguineo” (Koseritz, 1867, pp. 13–14).

3. Instalação e desenvolvimento da colônia Santa Maria da Soledade

3.1. Expectativas de prosperidade

Poucos meses depois de firmado o contrato para a aquisição dos territórios para a implantação da colônia Santa Maria da Soledade os jornais noticiavam as favoráveis condições da respectiva região e as expectativas econômicas sobre este novo empreendimento, o qual poderia se tornar rival da primeira colônia da província, São Leopoldo, conforme pode ser observado em matéria do jornal *Correio Mercantil*, do mês de maio de 1855:

–Lereis nos jornaes que, subindo pelo Cahy, em vapor, foi o Sr. presidente examinar as terras que perto daquelle rio forão vendidas pelo governo imperial ao Conde de Montravel. E’ uma soberba situação para colonias, e S. Leopoldo vai ter em poucos annos uma rival. (“Rio Grande Do Sul,” 1855)

Por sua vez, o *Diario de Pernambuco*, em julho do mesmo ano, noticiou a abundância da natureza local, assim como as expectativas econômicas sobre esta região e colônia, sendo inclusive equiparada novamente à colônia de São Leopoldo:

A localidade abundante de espessos matos, com planicies cobertas de uma vegetação illimitada, pelo vigor dos elementos proprios que em si encerra a natureza do terreno, com um rio navegavel em todas as estações do anno, e muito mais facil do que a navegação do rio dos ‘Sinos’ [...]. A colonia do Conde de Montravel está assentada sob melhores condições do que a de S. Leopoldo [...]. Conhecemos o sitio em que se acham collocadas estas duas colonias, e ousamos assegurar, como conhecedor de sua topographia, que a empreza do Conde de Montravel, assim como a colonia estabelecida outr’ora na Feitoria do linho canhamo. ha de trazer uma população laboriosa e sumamente util para a provincia, porque tem de fazer sua grande importancia agricola e manufactureira, como a fortuna do Conde de Montravel e seus associados ou descendentes, (*Carta particular.*) (“S. Pedro Do Sul,” 1855)

Para além da abundância local e das expectativas com o empreendimento, outra questão presente nesta matéria diz respeito à visão existente sobre a população imigrante europeia e os benefícios de sua presença, assim como também, de forma indireta, sobre a população nativa. Ao mencionar os imigrantes como “uma população laboriosa e sumamente util para a provincia” é enfatizada a visão negativa sobre os nativos e o descaso com estes.

3.2. Dificuldades enfrentadas

Apesar das expectativas lançadas sobre um futuro promissor para a colônia Santa Maria da Soledade, este tardou a chegar, provavelmente devido aos entraves que surgiram ao longo do processo, tais como os problemas relacionados à demarcação das divisas entre as terras particulares das terras devolutas, o lento processo inicial de povoamento, aos

conflitos entre nativos e colonos e o difícil acesso, os quais são resumidamente apresentados na sequência.

Os problemas relacionados à demarcação das divisas de terras para a implantação da colônia, as quais abrangiam tanto terras públicas como particulares, e que nunca antes haviam sido medidas, podem ser vistos como alguns dos primeiros entraves encontrados por este empreendimento (Sinimbu, 1855, p. 17), levando até 1857 para ser concluída a medição do primeiro dos quatro territórios adquiridos por Montravel (Camara, 1857, p. 24).

O lento processo de colonização antes de 1859 também pode ser observado como um fator que impactou negativamente o empreendimento colonial. Em relatório, o vice-presidente da província, Patricio Correa da Camara, mencionou como possibilidades a “falta de agentes próprios” ou a existência de problemas desconhecidos pela presidência como pontos dificultantes ao processo colonizatório de Santa Maria da Soledade. Assim, de acordo com o mesmo relatório, um dos sócios da empresa colonizadora teria viajado à Europa com o intuito de “promover a vinda dos colonos” (Camara, 1857, p. 24), o que no entanto, não impediu, por exemplo, o incumprimento do prazo determinado para estabelecimento do número necessário destes (A. M. da S. Ferraz, 1859, p. 47).

A presença de indígenas no território delimitado como colonial, bem como nos seus arredores, foi encarada como um problema tanto pelo governo como pelos colonos, instituindo desde o princípio uma relação conturbada entre os nativos com os recém-chegados e o governo, como pode ser observado em diversos trechos dos relatórios provinciais, sendo alguns deles representados na sequência:

Chegando ao meu conhecimento que nas mattas proximas á esta colonia existião vestígios de terem os Indigenas por ali apparecido, e para evitar os receios de serem os colonos, como forão 3 delles assaltados, saqueados e mortos, em Dezembro de 1858, Março de 1859, e em Maio do corrente, fiz para ali seguir um Inferior do Corpo Policial com 3 Indigenas do Aldeamento de Nonohay, para com gente propria fazerem uma entrada n'aquellas mattas. (Leão, 1860b, p. 33)

No dia 14 d'aquelle mez assaltarão os bugres a casa do colono Lambertus Werteg, [...] levando para as mattas a família do mesmo colono, composta de mulher e filhos.

Tão depressa tive conhecimento d'esta triste occurrencia, autorisei o Dr. chefe de policia á mandar proceder ás necessarias diligencias com o fim de affastar os bugres para longe das colonias e de rehaver a família raptada.

Por officio de 24 de Fevereiro communicou-me o Dr. chefe de policia que forão infructiferas as diligencias empregedas, pois apenas se encontrárão vestígios passageiros de marcha dos selvagens (de Mello, 1868, p. 30)

Chegando ao meu conhecimento que, têm-se dado correrias de indigenas em diversos pontos da Colonia Nova Petropolis, [...] e reconhecendo que o

destacamento ali estacionado para repellar as agressões dos indígenas, não tem produzido os desejados resultados, resolvi nomear a João Weisheimer para com 20 colonos percorrerem por quinze dias as linhas Feliz, [Santa Maria da] Soledade e Nova Petropolis, com o fim de chamar os indígenas ao gremio da civilização, e fazel-os respeitar os habitantes d'aquellas linhas. A João Weisheimer recommendei que, no desempenho de sua commissão, procedesse com a maior prudencia, certo de que só lhe era permittido offender aos infelizes indígenas quando o exigisse a propria defesa, nos termos do codigo criminal [...].

Em officio de 17 de Maio me communicou João Weisheimer, em resultado de sua commissão, que, tendo com onze companheiros entrado nos mattos da Colonia de Santa Maria da Soledade, subindo a encosta do arroio Santa Clara, da mesma Colonia, entranhando-se 5 legoas mais ou menos serra a dentro, contornando os fundos da linha Feliz e indo até o lugar denominado - Campo dos Bugres -, não encontrára em todo este trajecto vestigios recentes de andarem por ahi indígenas, e sim antigos, que provavão terem elles por ahi andado algum tempo antes. (Sertorio, 1870, pp. 59–60)

Estes relatos auxiliam na compreensão da visão sobre os indígenas na época, onde pode-se observar que estes eram considerados como perigosos, incivilizados e foras da lei.

Assim, verifica-se que foram tomadas medidas contra estes, onde o governo, ciente dos conflitos e considerando necessário proteger os colonos, bem como fazer com que nativos os respeitassem, ao final da década de 1850, teria disponibilizado “um velho canhão de grosso calibre” para intimidar os indígenas que se aproximavam, uma vez que se estes “tinham medo do disparo de espingardas, um tiro de canhão os” afastaria “a distância de horas” (Amstad, 2005b, p. 83). Além disso, muitos colonos se retiraram desta colônia para abandonar o conflito com os indígenas e buscar um lugar mais povoado para viver devido ao medo de que estes voltassem à colônia (A. M. da S. Ferraz, 1859, p. 47).

Tambem concorreo para essa emigração a invasão dos bugres em março deste anno. Apparecerão elles ao norte da colonia, e além de roubos que praticarão, assassinarão a dous colonos e aterrarão por tal modo os que por esse lado se ião estabelecendo, que muitas familias se retirarão para São Leopoldo, e outros lugares. (A. M. da S. Ferraz, 1859, p. 47)

E por fim, um outro quesito mencionado como um limitador no desenvolvimento da colônia diz respeito às vias de comunicação, as quais eram precárias ou inexistentes. Tal situação gerava grandes dificuldades para a exportação de produtos agrícolas¹⁹, como pode ser observado no relatório de Joaquim Antão Fernandes Leão, datado de 1861, o qual menciona a “falta de vias de comunicação” como um limitador para “exportação em maior escala” (Leão, 1861, p. 33), bem como no relatório de Espiridião Pimentel do

¹⁹ Em 1860 em decorrência das dificuldades relacionadas a exportação de produtos agrícolas, que na época consistia em uma tarefa onerosa e pouco lucrativa devido aos baixos valores recebidos por estes no mercado, houve um aumento da criação de suínos com o objetivo de dar destino a determinados produtos agrícolas, como milho e abóbora (Leão, 1860b, p. 33).

ano de 1864, o qual refere "a falta de boas vias" como "uma das causas do definhamento da colônia" (Pimentel, 1864a, p. 97).

3.3. Desenvolvimento socioeconômico

Para melhor ilustrar o desenvolvimento socioeconômico da colônia Santa Maria da Soledade foram utilizados relatórios provinciais elaborados entre os anos de 1855 e 1876²⁰. Embora estes abranjam diversas informações relacionadas a esta colônia, eles não apresentam uma padronização de dados, o que levou à utilização destes de forma estratégica para cada um dos próximos itens.

3.3.1. Contingente populacional, religião e estado civil

Durante a fase inicial, entre os anos 1858 e 1859, a ampliação do contingente populacional da colônia Santa Maria da Soledade foi significativa, como pode-se observar nos dados da Tabela 2, passando de 315 para 1.240. Após o ano de 1859 o crescimento populacional continuou, embora em uma taxa mais amena, fazendo com que a colônia alcançasse aproximadamente dois mil e duzentos habitantes em meados da década de 1870 (Figura 2a). Além disso, contrastando com o plano inicial, que objetivava admitir somente colonos de origem suíça de religião católica²¹ (Sinimbú, 1854), foram inseridos ao decorrer do processo de assentamento das famílias também indivíduos de outras origens, como alemães, belgas, brasileiros, franceses e holandeses, conforme pode-se observar na Figura 2b (Castro, 1876; de Mello, 1867; A. M. da S. Ferraz, 1858, 1859; Leão, 1860b, 1861; Pimentel, 1864a; Rocha, 1862). Desta forma, apesar da grande diversidade de origens, torna-se nítida a predominância de indivíduos declarados como alemães, seguidos por holandeses (até 1861) e posteriormente por brasileiros.

²⁰ Grande parte da informação utilizada contempla o período de 1858 até 1866 devido à escassez de dados dos relatórios fora deste período.

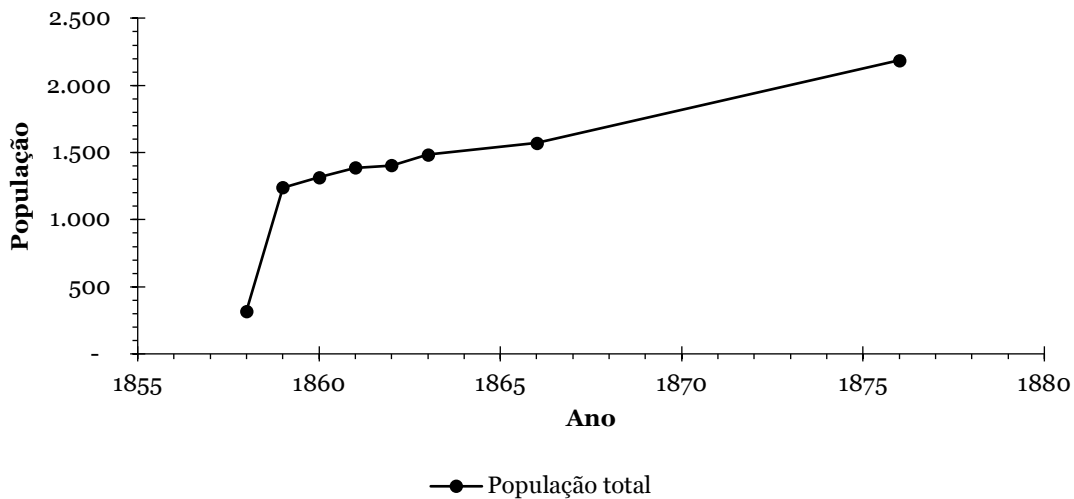
²¹ Conde de Montravel, respondendo as críticas de José Cândido Gomes em recente publicação, menciona entre outras questões, que a opção por colonos suíços de religião católica havia sido uma imposição do governo e que por conta desta, teria sofrido muitas hostilidades (Montravel, 1857, p. 2).

Tabela 2 – População da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1858-1876.

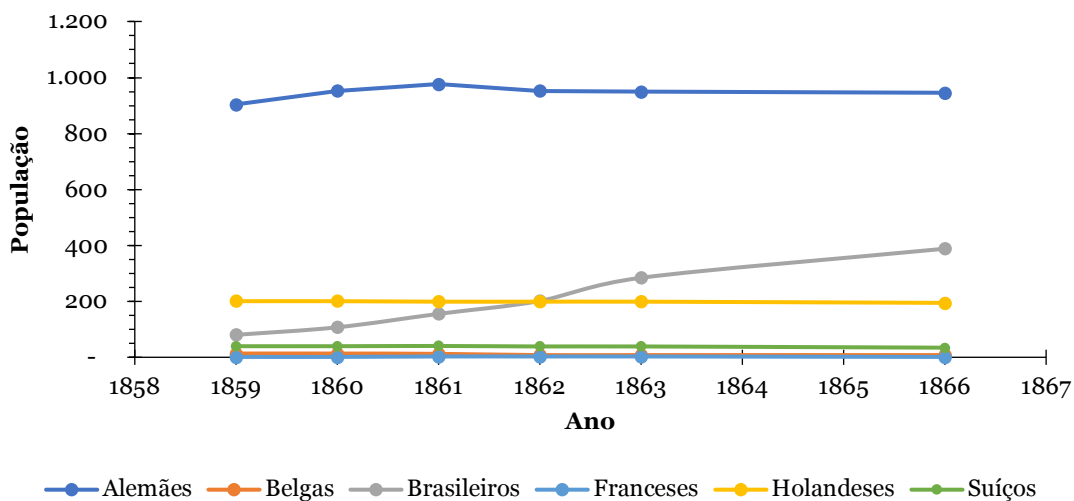
Ano	Alemães	Belgas	Brasileiros	Franceses	Holandeses	Suíços	Famílias	População total	Fonte
1858	-	-	-	-	-	-	-	315	i
1859	904	13	81	1	201	40	263	1.240	ii
1860	953	13	108	1	201	40	283	1.316	iii
1861	977	12	156	2	199	41	291	1.387	iv
1862	953	8	202	2	199	39	-	1.403	v
1863	950	8	285	2	199	39	-	1.483	vi
1866	945	8	389	1	194	34	330	1.571	vii
1876	-	-	-	-	-	-	-	2.187	viii

- Dado não informado; Fonte: i) (A. M. da S. Ferraz, 1858, p. 22); ii) (A. M. da S. Ferraz, 1859, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, Estabelecida em Terras Pertencentes á Sociedade Montravel Silveiro e Comp.); iii) (Leão, 1860b, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, em 30 de Junho de 1860.); iv) (Leão, 1861, p. 32); v) (Rocha, 1862, p. 49); vi) (Pimentel, 1864a, p. 98); vii) (de Mello, 1867, p. 76); viii) (Castro, 1876, p. 42).

a)



b)



Fonte: (Castro, 1876; de Mello, 1867; A. M. da S. Ferraz, 1858, 1859; Leão, 1860b, 1861; Pimentel, 1864a; Rocha, 1862).

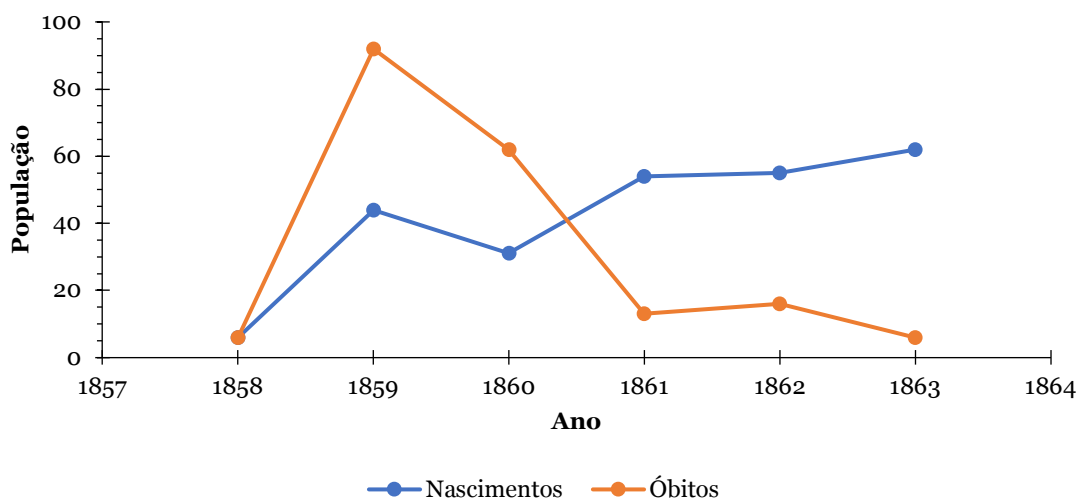
Figura 2 – População da colônia Santa Maria da Soledade: (a) total e (b) origem.

Em relação aos dados de nascimentos e óbitos registrados na colônia, pode-se observar que entre 1858 e 1863 os nascimentos apresentaram um crescimento anual, com exceção do ano de 1860, o qual teve uma ligeira queda. Já referente aos óbitos, estes apresentaram um valor significativamente superior aos nascimentos nos anos de 1859²² e 1860²³, e nos três anos subsequentes, entre 1861 e 1863, estes reduziram consideravelmente, ficando muito abaixo do número de nascimentos, como pode ser observado na Tabela 3 e na Figura 3 (A. M. da S. Ferraz, 1858, 1859; Leão, 1860b, 1861; Pimentel, 1864a; Rocha, 1862). Assim, tanto a redução do número de óbitos, como o aumento no número nascimentos podem estar relacionados com a melhora das condições de vida destes colonos.

Tabela 3 – Registro de nascimentos e óbitos da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1858-1866.

Ano	Nascimentos	Óbitos	Fonte
1858	6	6	i
1859	44	92	ii
1860	31	62	iii
1861	54	13	iv
1862	55	16	v
1863	62	6	vi

Fonte: i) (A. M. da S. Ferraz, 1858, p. 22); ii) (A. M. da S. Ferraz, 1859, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, Estabelecida em Terras Pertencentes á Sociedade Montravel Silveiro e Comp.); iii) (Leão, 1860b, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, em 30 de Junho de 1860); iv) (Leão, 1861, p. 32); v) (Rocha, 1862, p. 49); vi) (Pimentel, 1864a, p. 98).



Fonte: (A. M. da S. Ferraz, 1858, 1859; Leão, 1860b, 1861; Pimentel, 1864a; Rocha, 1862).

Figura 3 – Registro de nascimentos e óbitos da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1858-1863.

²² Uma terça parte teria sido causada por disenteria que afetou parte dos colonos recém chegados pelo navio *Agatha*, onde a enfermidade “desgraçadamente [...] affectou á quasi todos os emigrantes” deste navio (A. M. da S. Ferraz, 1859, p. 47)

²³ Parte das mortes teria sido relacionada ao “pessimo estado sanitario em que chegarão muitos dos colonos, e sobretudo os vindos no navio *Agatha*.” (Leão, 1860b, p. 33).

Durante este período, além dos óbitos, o número de retirados²⁴ e excluídos²⁵ também contribuiu para a diminuição da população local. Assim, durante os anos de 1859, 1860 e 1862, os relatórios informam que se retiram 254 pessoas da colônia, enquanto foram excluídas outras 385 pessoas (Tabela 4), onde o maior montante está localizado no ano de 1859 (A. M. da S. Ferraz, 1859; Leão, 1860b; Rocha, 1862).

Tabela 4 – Registro do número de retirados e excluídos da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1859-1862.

Ano	Retirados	Excluídos	Fonte
1859	217	309	i
1860	14	76	ii
1862	23	--	iii

- Dado não informado. Fonte: i) (A. M. da S. Ferraz, 1859, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, Estabelecida em Terras Pertencentes á Sociedade Montravel Silveiro e Comp.); ii) (Leão, 1860b, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, em 30 de Junho de 1860.); iii) (Rocha, 1862, p. 49).

Assim, o avanço do contingente populacional, aliado aos dados de nascimentos e óbitos, bem como de excluídos e retirados, indicam a prosperidade da colônia no decorrer do tempo. Além disso, o número crescente de brasileiros pode estar vinculado ao fato de que os filhos nascidos no Brasil destes colonos, também eram contabilizados como brasileiros.

Durante a fase inicial de colonização, a quantidade de colonos católicos e luteranos era bastante uniforme. Contudo, durante todos os anos seguintes o número de católicos foi anualmente ampliado, enquanto a quantidade de luteranos permaneceu praticamente constante na casa dos 600 indivíduos, como pode ser observado na Tabela 5 e Figura 4 (de Mello, 1867; A. M. da S. Ferraz, 1859; Leão, 1860b, 1861; Pimentel, 1864a; Rocha, 1862), indicando uma predominância da fé católica na colônia no decorrer do tempo.

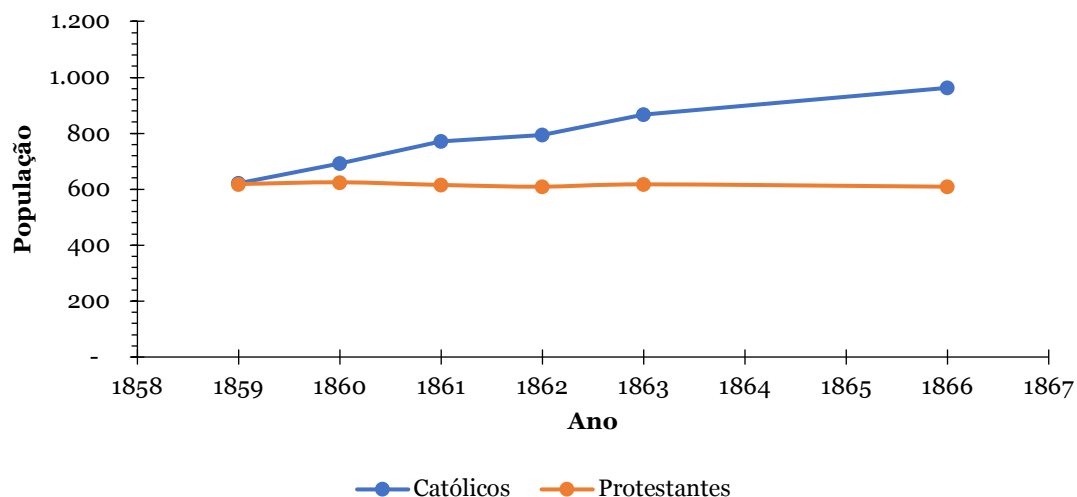
Tabela 5 – Religião dos colonos da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1859-1866.

Ano	Católicos	Protestantes	Total	Fonte
1859	622	618	1.240	i
1860	692	624	1.316	ii
1861	772	615	1.387	iii
1862	794	609	1.403	iv
1863	866	617	1.483	v
1866	962	609	1.571	vi

Fonte: i) (A. M. da S. Ferraz, 1859, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, Estabelecida em Terras Pertencentes á Sociedade Montravel Silveiro e Comp.); ii) (Leão, 1860b, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, em 30 de Junho de 1860); iii) (Leão, 1861, p. 32); iv) (Rocha, 1862, p. 49); v) (Pimentel, 1864a, p. 98); vi) (de Mello, 1867, p. 76).

²⁴ Indivíduo que se retira livremente do espaço que está inserido.

²⁵ Indivíduo que é excluído da colônia por decisão da administração desta.



Fonte: (de Mello, 1867; A. M. da S. Ferraz, 1859; Leão, 1860b, 1861; Pimentel, 1864a; Rocha, 1862).

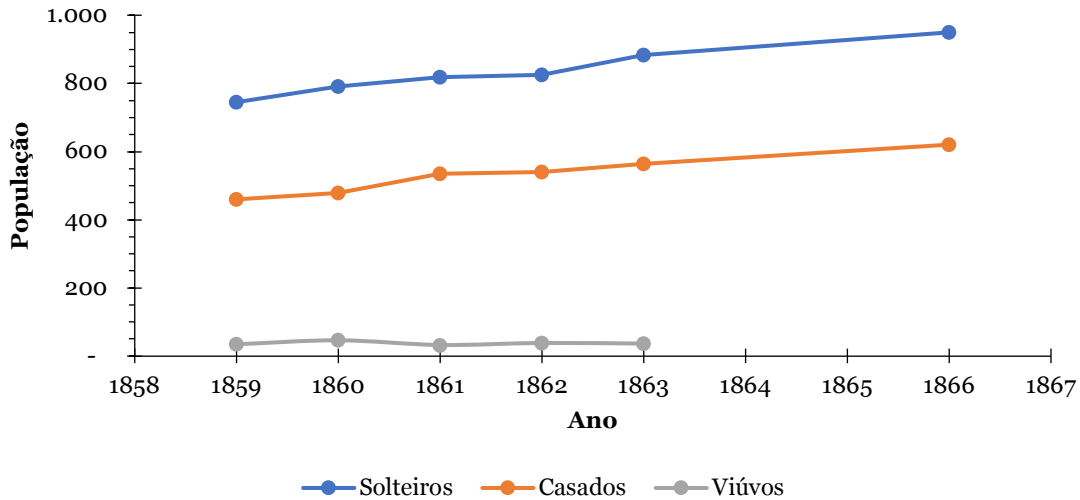
Figura 4 – Religião dos colonos da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1859-1866.

Em relação ao estado civil dos colonos, é possível verificar a presença de um elevado número de solteiros durante todo o período analisado, o qual incluía tanto maiores e menores de 12 anos. Já em relação ao número de indivíduos viúvos, pode-se observar que estes permaneceram em pequeno número durante todo o respectivo período. Tais dados são apresentados na Tabela 6 e na Figura 5 (de Mello, 1867; A. M. da S. Ferraz, 1859; Leão, 1860b, 1861; Pimentel, 1864a; Rocha, 1862).

Tabela 6 – Registro do estado civil dos moradores da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1859-1866.

Ano	Solteiros	Casados	Viúvos	Fonte
1859	746	460	34	i
1860	792	478	46	ii
1861	819	536	32	iii
1862	825	540	38	iv
1863	883	564	36	v
1866	951*	620*	-	vi

- Dado não informado; *Procedida a inversão dos campos, devido a uma possível inversão da quantidade de indivíduos solteiros e casados, uma vez que o número de casados em todos os demais relatórios utilizados são pares, com mesmo número de pessoas do sexo masculino e feminino. Fonte: i) (A. M. da S. Ferraz, 1859, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, Estabelecida em Terras Pertencentes á Sociedade Montravel Silveiro e Comp.); ii) (Leão, 1860b, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, em 30 de Junho de 1860.); iii) (Leão, 1861, p. 32); iv) (Rocha, 1862, p. 49); v) (Pimentel, 1864a, p. 98); vi) (de Mello, 1867, p. 77).



Fonte: i) (de Mello, 1867; A. M. da S. Ferraz, 1859; Leão, 1860b, 1861; Pimentel, 1864a; Rocha, 1862).

Figura 5 – Registro do estado civil dos moradores da colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1859-1866.

3.3.2. Cultura agrícola e criação de animais

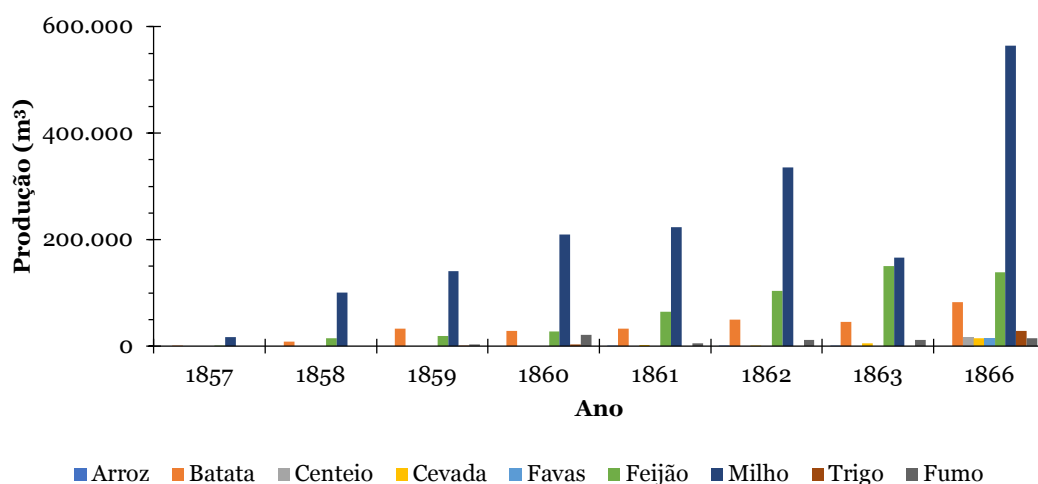
Em relação à cultura agrícola da colônia verifica-se que ao longo dos anos ocorreu uma considerável diversificação desta, bem como um crescente aumento nas quantidades cultivadas. Desta forma, nos anos de 1857 e 1858 a colheita local era restringida à batata, feijão e milho. Já nos dois anos seguintes, 1859 e 1860, observa-se que além dos produtos já presentes em 1857 e 1858, houve também colheita de trigo e fumo. Posteriormente, verifica-se também a colheita de arroz, centeio, cevada e favas. Tais dados podem ser observados na Tabela 7 e na Figura 6. Além disso, pode-se também observar, na mesma tabela e figura, que a colheita de milho em todos estes anos foi superior aos demais gêneros, seguido pelo feijão e pela batata (de Mello, 1867; A. M. da S. Ferraz, 1858; Leão, 1860b, 1861; Pimentel, 1864a; Rocha, 1862).

Tabela 7 – Registro da produção agrícola (colheita) na colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1857-1866.

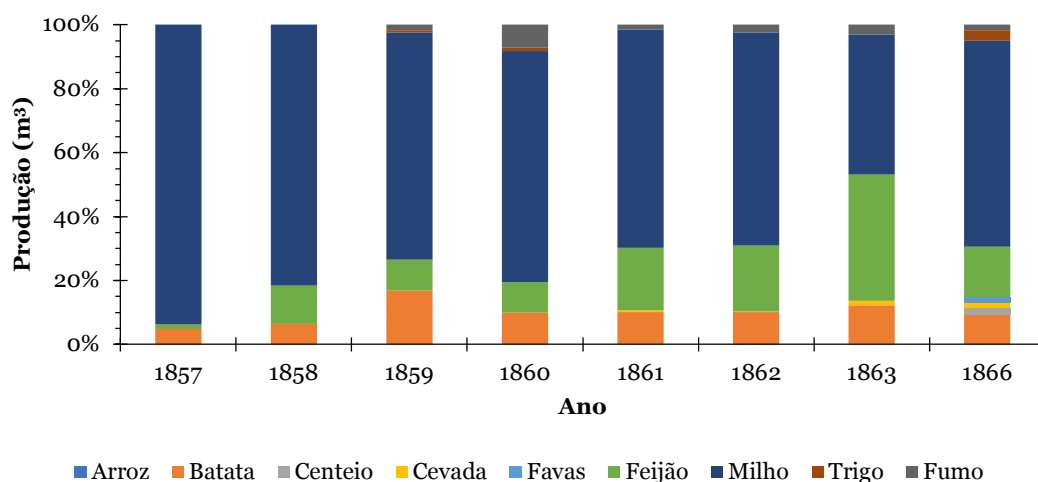
Ano	Colheita (kg)									Fonte
	Arroz	Batata	Centeio	Cevada	Favas	Feijão	Milho	Trigo	Fumo	
1857	-	840	-	-	-	252	16.398	-	-	i
1858	-	8.015	-	-	-	14.672	100.912	-	-	ii
1859	-	33.250	-	-	-	19.377	140.781	1.255	3.381	ii
1860	-	28.569	-	-	-	27.551	209.302	2.770	20.727	ii
1861	622	32.419	-	1.854	-	64.683	223.820	-	5.258	iii
1862	682	49.875	-	1.360	-	103.680	335.386	-	12.053	v
1863	840	45.448	-	5.315	-	150.851	166.460	-	11.535	vi
1866	-	82.705	16.655	14.832	14.513	139.081	564.837	28.429	14.400	ix

- Dado não informado. Valores convertidos para kilo grama (kg) utilizando (American Society of Agricultural and Biological Engineers, 2008, p. 1) e (Rastovski, 1981, p. 221). Onde 1 alqueire equivale à 0.0125 metros cúbicos; 1 libra equivale à 14.7 kg; 1 arroba equivale à 15 kg. Fonte: i) (A. M. da S. Ferraz, 1858, p. 23); ii) (Leão, 1860b, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, em 30 de Junho de 1860.); iii) (Leão, 1861, p. 33); v) (Rocha, 1862, p. 49); vi) (Pimentel, 1864a, p. 98); ix (de Mello, 1867, p. 77).

a)



b)



Fonte: (de Mello, 1867; A. M. da S. Ferraz, 1858; Leão, 1860b, 1861; Pimentel, 1864a; Rocha, 1862).

Figura 6 – Registro da produção agrícola (colheita) na colônia Santa Maria da Soledade entre os anos de 1857-1866.

Além disso, podemos observar que além dos gêneros referidos na Tabela 7, também eram cultivados na colônia, para consumo e venda, outros gêneros, como pode ser verificado nos relatórios da década de 1860, tais como: abóbora, aipim, algodão, cana-de-açúcar, erva-mate, linho, mostarda e legumes diversos, tinham pomares e fabricavam alguns produtos localmente, como a manteiga (de Mello, 1867, p. 77; Leão, 1860b, p. 33, 1861, p. 33).

Além disso, os colonos também se dedicavam à criação de alguns animais, sendo tal prática também ampliada ao longo do tempo. Por exemplo, em 1860 foram registrados as seguintes quantidades e tipologia de animais presentes na colônia: 5.300 aves; 75 cabras; 352 cavalos; 2.127 porcos; e 116 reses (Leão, 1860b, Anexo - Mappa Estatístico da Colonia de Santa Maria da Soledade, em 30 de Junho de 1860.). Já no ano de 1867 a quantidade registrada destes foi significativamente superior: 21.434 aves; 1.357 cabras; 754 cavalos; 7.224 porcos; e 582 reses (de Mello, 1867, p. 77).

Assim, com base no desenvolvimento da cultura agrícola, a qual não apenas aumentou significativamente a produção, mas também a diversificou consideravelmente. Demonstrando, em conjunto com o significativo aumento da quantidade de animais presentes na colônia, que essa teve um salto no desenvolvimento econômico sustentado pela exploração agrícola.

3.3.3. Outros estabelecimentos e profissões

A presença de um estabelecimento comercial, nomeadamente uma venda, por volta do ano de 1858 é reportada pelo Mons. Matias José Gansweidt em sua obra literária *As Vítimas do Bugre* (Gansweidt, 1946, p. 44). Mas somente no início da década de 1860, pela primeira vez é mencionada a presença de estabelecimentos do gênero nos relatórios provinciais, assim no ano de 1860, encontravam-se na colônia: “3 grandes armazens com negocio, e outras casas onde em pequena escala se encontram generos estranhos á produção da colonia”, além de um moinho em funcionamento e outro em construção (Leão, 1860b, p. 33). Anos depois, em 1867, três engenhos para cana-de-açúcar e quatro para fabricação de óleos diversos são mencionados (de Mello, 1867, p. 77).

A presença de variados profissionais também pode ser observada na colônia. Relativamente aos profissionais dedicados aos cuidados médicos dos colonos, pode-se observar que no ano de 1859 já se fazia menção à existência de um médico contratado pela sociedade colonizadora, o qual trabalhava e residia na colônia (A. M. da S. Ferraz, 1859, p. 47). Além disso, a presença de artesãos na colônia também é referida. Com base no relatório de 1861 encontravam-se domiciliados um ferreiro, um fabricante de cerveja,

um charuteiro, um funileiro, um tanoeiro, um tecelão, um seleiro, dois marceneiros, três alfaiates, quatro sapateiros e cinco pedreiros (Leão, 1861, p. 33).

Referente à instrução escolar, pode-se observar que, no ano de 1860, se encontram em funcionamento “duas escolas de 1.^{as} letras” (Leão, 1860b, p. 33). E na mesma década, no ano de 1867, verifica-se também a existência de templos religiosos, contando com “3 Capellas Catholicas e uma Evangelica” (de Mello, 1867, p. 77).

Folha em branco

Capítulo 4 – Análise intertextual da obra *A Colônia do Conde*

Este capítulo busca tratar brevemente de algumas visões sobre a intertextualidade ao longo do tempo, utilizando como base as perspectivas e definições elaboradas por Genette (2010), Kristeva (1984 e 2005), e Samoyault (2008). Na sequência, se objetiva apresentar os modelos de análise fornecidos por Sant'Anna (1999), assim como a definição pelo modelo a ser seguido para a subsequente análise intertextual da obra *A Colônia do Conde* (2018), do escritor Eliseu Demari, com a finalidade de analisar algumas marcas intertextuais presentes na referida obra.

1. Algumas visões sobre a intertextualidade

Diversos foram os estudiosos que se dedicaram ao longo dos anos, cada qual à sua maneira, ao estudo da intertextualidade, como, por exemplo, Antoine Campagnon, Gérard Genette, Julia Kristeva, Laurent Jenny, Michael Riffaterre, Michel Schneider e Roland Barthes (Samoyault, 2008b, pp. 15–16, 23, 28–29, 35, 39–41). Contudo, antes da introdução do termo intertextualidade, esta discussão envolvendo a presença de um texto em outro texto já estava em pauta.

Julia Kristeva refere Mikhail Bakhtin como o estudioso responsável por inserir na teoria literária que "todo texto se constrói como mosaico de citações, [que] todo texto é absorção e transformação de um outro texto" (Kristeva, 2005, p. 68). Isto é, o texto corresponde a um espaço de permuta e de redistribuição de fragmentos de outros textos, sendo um novo texto fruto de outros em decorrência da "carga dialógica das palavras e dos textos" (Samoyault, 2008b, p. 18).

Mais tarde, a partir do empréstimo de que em "todo texto a palavra introduz um diálogo com outros textos", Julia Kristeva compõe e introduz, com base na obra de Mikhail Bakhtin, o termo intertextualidade (Samoyault, 2008b, pp. 15–16, 18). Ao dissertar sobre o texto, Kristeva define-o como:

[...] um aparelho translinguístico que redistribui a ordem da língua, relacionando uma fala comunicativa, destinada à informação directa, com diversos tipos de enunciados anteriores ou sincrónicos. O texto é, pois, uma PRODUTIVIDADE, e isto quer dizer: 1) a sua relação com a língua em que se situa é redistributiva (destrutivo-constitutiva) e, por conseguinte, pode ser estudado mediante categorias lógicas e matemáticas, mais que simplesmente linguísticas; 2) essa relação é uma permutação de textos, uma

intertextualidade: no espaço de um texto cruzam-se e neutralizam-se vários enunciados tomados noutros textos. (Kristeva, 1984, p. 12)

Posteriormente, Gérard Genette também se dedica ao estudo da intertextualidade, incluindo-a como um dos cinco tipos de transtextualidade. Este autor, através da elaboração de uma definição mais restritiva que aquela concebida por Kristeva, considera a intertextualidade "como uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro" por meio do emprego da citação, do plágio e da alusão (Genette, 2010, p. 14). De acordo com Tiphaine Samoyault a obra de Genette, *Palimpsestes*, se trata de um trabalho determinante "para a compreensão e a descrição da noção, inscrevendo-a numa tipologia geral de todas as relações que os textos entretêm com outros textos." (Samoyault, 2008b, p. 28).

Por fim, na concepção de Tiphaine Samoyault a intertextualidade se trata de uma característica da literatura, uma vez que esta é composta por meio de uma relação tanto com o mundo, bem como "consigo mesma, com sua história, a história de suas produções, a longa caminhada de suas origens." (Samoyault, 2008a, p. 9). Neste sentido, para Samoyault, os textos são originados de textos predecessores, "segundo o princípio de uma geração não espontânea", através da utilização de diversas práticas intertextuais, como alusão, citação, colagens, paródia, pastiche, plágio e referência (Samoyault, 2008a, pp. 9–10).

2. Modelos de análise de Affonso Romano de Sant'Anna

A partir das considerações realizadas pelo estudioso Affonso Romano de Sant'Anna em sua obra *Paródia, Paráfrase & Cia* (1999), será realizada uma análise da intertextualidade na obra *A Colônia do Conde*, com o objetivo de compreender de que modo alguns textos foram incorporados no respectivo romance histórico de Eliseu Demari. Desta forma, são apresentados a seguir os três modelos propostos por Sant'Anna para a realização de uma análise textual, os quais são designados como primeiro, segundo e terceiro modelo.

O primeiro deles, apresentado na Figura 7, considera a estilização como uma técnica, ou seja, o artifício utilizado para alcançar o efeito desejado, seja ele favorável ou contrário ao texto primário. Assim, de acordo com a técnica empregada, pode-se obter a paráfrase quando os ideais do novo texto se dão na mesma direção dos do texto anterior, pró-estilo, por outro lado, se estes são opostos, ocorre um contra-estilo, obtendo-se a paródia (Sant'Anna, 1999, p. 36).

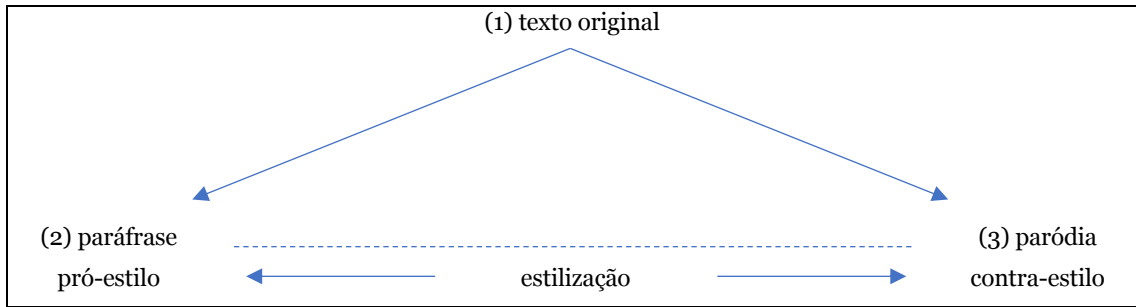


Figura 7 - Primeiro modelo (Sant'Anna, 1999, p. 36, com alterações).

O segundo modelo, apresentado na Figura 8, faz uso de três níveis de desvios em relação ao texto primário, nomeadamente, mínimo, tolerável e total. Para Sant'Anna, o desvio mínimo ocorre por meio da paráfrase, onde se realiza uma reafirmação dos ingredientes do texto primário (Sant'Anna, 1999, p. 41). O desvio tolerável corresponde à estilização, onde ocorre um desvio "quantitativamente verificável", o qual admite todas as transformações possíveis, sem, no entanto, desencadear uma subversão ou inversão de seu sentido, "mantendo-se fiel ao paradigma inicial" e à "organização ideológica do sistema" (Sant'Anna, 1999, pp. 38–39). Trabalhando em uma "área de pouca diferença em relação" ao texto primário, o escritor realiza uma reforma deste, sem, no entanto, modificá-lo essencialmente (Sant'Anna, 1999, pp. 39, 41). Por último, o desvio total ocorre por meio da paródia, onde a "organização ideológica do sistema" não é mantida, havendo uma perversão do sentido primário, ou seja, uma deformação da "estrutura ou sentido" deste (Sant'Anna, 1999, pp. 39, 41). Portanto, a estilização pode ser compreendida como intermediária entre a paráfrase e a paródia, contudo, tanto ela como a paráfrase contêm uma aproximação natural, sendo integrantes de um mesmo conjunto, enquanto a paródia, diferentemente destas, integra um conjunto distinto (Sant'Anna, 1999, pp. 41–42).

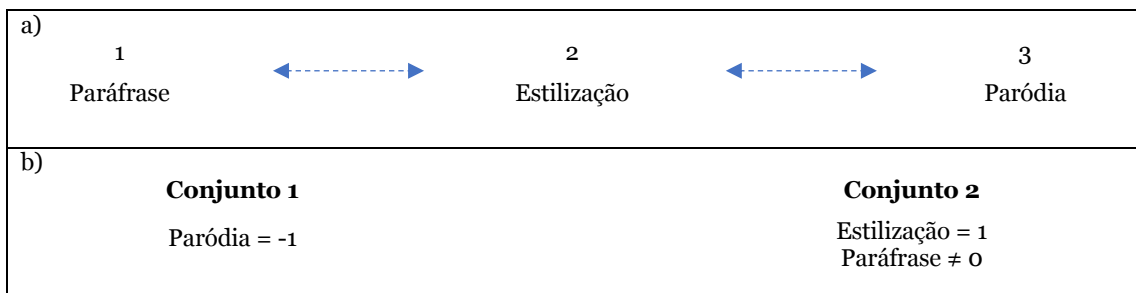


Figura 8 - Segundo modelo - a) níveis de desvios e b) conjuntos (Sant'Anna, 1999, pp. 41–42, com alterações).

Por fim, o terceiro modelo, apresentado na Figura 9, utiliza quatro termos divididos em dois conjuntos, onde paráfrase e estilização estão para o conjunto das similaridades, enquanto paródia e apropriação estão para o conjunto das diferenças (Sant'Anna, 1999, p. 47). Neste modelo, semelhantemente ao segundo modelo, a paráfrase corresponde ao "grau mínimo de alteração do texto", enquanto a estilização corresponde ao "desvio

tolerável", sendo ambas integrantes do conjunto das similaridades (Sant'Anna, 1999, p. 48). Já a paródia representa uma "inversão do significado" a qual tem em seu ponto máximo a apropriação (Sant'Anna, 1999, p. 48).

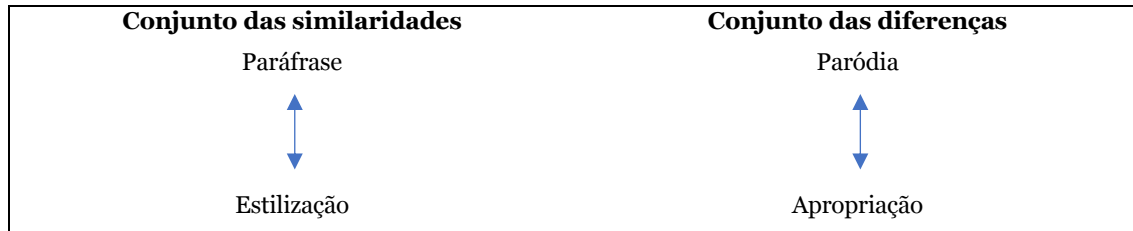


Figura 9 - Terceiro modelo (Sant'Anna, 1999, p. 47, com alterações).

Por fim, diante da possibilidade de utilização de modo livre dos modelos de análise apresentados acima, desde que estes estejam em conformidade com "a potencialidade do texto" a ser examinado e sendo necessário "uma construção e uma invenção teórica à altura dos textos" (Sant'Anna, 1999, pp. 81–82), optou-se por adotar os conceitos do segundo modelo, o qual estabelece três níveis de desvios em relação ao texto primário (mínimo, tolerável e total), uma vez que este, diante das características do romance histórico *A Colônia do Conde*, afigura-se como o mais adequado para a realização desta análise em particular.

3. Eliseu Demari, *A Colônia do Conde* e outras obras literárias que abrangem a colônia Santa Maria da Soledade

3.1. Eliseu Demari e a obra *A Colônia do Conde*

Em 2018, a colônia Santa Maria da Soledade, 163 anos depois de sua fundação, se tornou tema central do enredo desenvolvido no segundo livro do jornalista, ilustrador e escritor barbosense Eliseu Demari, o romance histórico intitulado *A Colônia do Conde*, uma edição independente (Demari, 2018b; *Eliseu Demari*, n.d.).

Demari é graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), atuou como jornalista no *Jornal Contexto* por 25 anos e teve sua primeira obra publicada no ano de 2012, intitulada *Tiras em Quadrinhos do Nestor Badagna*, pela editora Contexto. Atualmente, Demari ocupa a função de diretor-presidente da Fundação de Cultura e Arte (Proarte) do município de Carlos Barbosa, deste janeiro de 2021, e é graduando em Letras pela Universidade do Vale do Taquari (Univates), desde 2018 (Decreto Nº 1.594, de 07 de Abril de 2003, 2003; Demari, 2018b; *Eliseu Demari*, n.d.).

3.2. Obras literárias que abrangem a colônia Santa Maria da Soledade

O romance histórico intitulado *A Colônia do Conde*, o qual, possivelmente, refere-se à quinta obra literária a abarcar a colônia Santa Maria da Soledade, uma vez que se tem conhecimento da existência de outras quatro obras envolvendo, de algum modo, a respectiva colônia. Dentre estas, a primeira obra a ser publicada se trata do diário de viagem *Uma Colônia no Brasil*, de Marie Barbe Antoinette Rutgerts van Langendonck – intitulado *Une Colonie au Brésil: Récits Historiques par Madame Van Langendonck* (1862), a qual foi traduzida para o português por Dora Lindenberg van Langendonck (1990) e, posteriormente, por Paula Berinson (2002) (M. Van Langendonck, 2002, pp. 9–10, 13–14). O posto de segunda obra é ocupado por *As Vítimas do Bugre*, de Monsenhor Matias José Gansweidt – publicada originalmente com o título *Luis Buger und die Opfer Seiner Rache* (1929) e traduzida para o português pelo Irmão Eugênio Damião (1946). Por fim, Fidélis Dalcin Barbosa é responsável pela publicação da terceira e da quarta obra envolvendo a colônia, as quais são intituladas, respectivamente, como *Prisioneiros dos Bugres* (1966) e *Luís Bugre, o Indígena Diante dos Imigrantes Alemães* (1977).

Diante de alguns conhecimentos prévios sobre as obras literárias citadas acima, assim como de outras informações²⁶ relacionadas à colônia Santa Maria da Soledade, pôde-se perceber que o romance histórico *A Colônia do Conde*, possivelmente, apresenta sinais de intertextualidade com estas. Portanto, a realização de uma análise intertextual se torna possível, uma vez que, de acordo com Sant'Anna, tal análise possui uma relação direta com o leitor e somente pode ser efetuada por um indivíduo provido de "repertório ou memória cultural e literária para decodificar os textos superpostos." (Sant'Anna, 1999, p. 26).

Portanto, a partir de uma leitura mais minuciosa das obras referidas acima, de alguns documentos relacionados ao tema, e do romance histórico em estudo, buscou-se realizar uma análise comparativa entre estas com o intuito de compreender quais seriam algumas das possíveis fontes e como estas foram utilizadas no romance histórico objeto deste estudo. Além disso, cabe ressaltar aqui que não se objetiva dissertar sobre todas as marcas de intertextualidade presentes na obra *A Colônia do Conde*, mas sim, de discorrer

²⁶ Outros meios, além das cinco obras literárias referidas, também contemplaram questões relacionadas à esta colônia, como, por exemplo, documentos da época, jornais nacionais e internacionais. Como alguns exemplos de documentos temos os relatórios de presidentes, vice-presidentes e de demais outras autoridades da província de São Pedro do Rio Grande do Sul e do Império do Brasil. Já com relação aos jornais do período temos, por exemplo, *Auswanderungs-Zeitung*, *Correio Mercantil*, *Diario de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*.

sobre algumas destas. Desta forma, é realizada no próximo item uma análise intertextual, a qual é dividida em dois grupos, nomeadamente: obras literárias e jornais.

4. Análise intertextual da obra

4.1. Obras literárias

*4.1.1. Uma Colônia no Brasil*²⁷

Com base nas definições de Affonso Romano de Sant'Anna, pode-se presumir desde o primeiro capítulo do romance histórico *A Colônia do Conde* uma relação de intertextualidade com a obra de Madame van Langendonck. A primeira provável relação de intertextualidade entre as respectivas obras pode ser observada logo nas duas primeiras páginas do primeiro capítulo do livro de Demari, a partir de uma referência a uma publicação em um jornal alemão por uma escritora sobre a colônia Santa Maria da Soledade. Na cena, Montravel, estando na França, lê os jornais durante o período do café da manhã, quando se depara com o capítulo inaugural de uma literatura sobre a colônia por ele iniciada, o qual deixa-o profundamente abalado devido ao potencial difamatório da referida publicação. Por mais que neste primeiro momento a viajante van Langendonck não seja citada declaradamente, um pouco mais à frente, ainda no mesmo capítulo, ocorre um salto no tempo para o passado e Langendonck é inserida na trama, como Madame Van Lang, em um trecho envolvendo uma carta enviada por esta ao Conde, onde é demonstrado o interesse desta em deixar a Bélgica para viver na colônia. Tal trecho é apresentado na segunda coluna da Tabela 8. Já na primeira coluna da Tabela 8 são apresentados dois fragmentos do livro *Uma Colônia no Brasil*, localizados na *Nota Breve sobre Madame Van Langendonck* e no segundo capítulo, respectivamente.

²⁷ Para a realização desta dissertação foi utilizada a obra traduzida por Paula Berginson, do ano de 2002. Contudo, cabe ressaltar que, não necessariamente tenha sido esta a versão utilizada Eliseu Demari como fonte de inspiração para o romance histórico.

Tabela 8 – A manifestação de interesse da Madame em morar na colônia.

<i>Uma Colônia no Brasil</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>Primeiro fragmento: [...] Lá casou-se em 1827 com Jean Remi Félicien Philippe van Langendonck, oficial do Régiment de Guide e diretor do Hospital Militar de Charleroi. [...] Foi poetisa e escritora com várias obras publicadas como <i>Aubepines</i>, poesia, editado em 1841, <i>Heures poétiques</i>, poesia, em 1846. (M. Van Langendonck, 2002, p. 13)</p> <p>Segundo fragmento: Dois dias depois de nossa chegada, Léon, meu filho mais velho, deixou Porto Alegre para ir escolher o sítio de uma colônia nas terras concedidas ao Conde de Montravel pelo governo brasileiro. O Senhor de Montravel tentou fazer-me abandonar o projeto de ir explorar as florestas virgens: foram palavras vãs. Desde a idade da razão, a expressão floresta virgem dera livre curso a imaginação e deixara em mim o desejo intenso de ver uma. O dia que me trouxe a realização inesperada deste sonho enfim brilhava, apenas algumas léguas me separavam deste objetivo para o qual minhas aspirações se orientaram por tanto tempo; os argumentos mais lógicos foram, portanto, inúteis, nada pôde abalar minha decisão. (M. Van Langendonck, 2002, p. 31)</p>	<p>Um dos primeiros contatos recebidos pelo Conde foi da Madame Van Lang, uma senhora belga que soube da iniciativa por meio do filho Leon, integrante da equipe de agrimensores. 'Deveras surpreendente', classificou ao finalizar a leitura da carta. À Madame interessava a aventura. O Conde acabou lembrando-se que já ouvira falar do senhor Van Lang, que fazia de oficial de regimento e diretor do hospital de Charleroi. Escreveu ela que enviudara com o filho homem feito e duas coletâneas de poesias publicadas. A partir de então pretendia inebriar-se com o verde paraíso dos trópicos. Não era a categoria de habitante esperada para uma colônia de florestas nativas e de futuro agrícola, ao menos em curto prazo. Assim, o Conde tratou de remeter súbita resposta dando conta do desafio que seria para a Madame Van Lang projetar-se pelo Atlântico. «'Com efeito, desaconselho a viagem. Por mais que ardas de verdadeira coragem ou consideres que o conforto valão a entedies. Por mais que o filho esteja a tua espera.' É assim que devo escrever». (Demari, 2018a, p. 11)</p>

Ao comparar os fragmentos de textos apresentados na Tabela 8 nota-se que possivelmente as informações sobre o marido, bem como as relacionadas com as obras da viajante, apresentados no primeiro fragmento da primeira coluna da Tabela 8, serviram de amparo para Demari discorrer em sua obra sobre tais questões, através do emprego da paráfrase, conforme pode ser observado no primeiro parágrafo da segunda coluna da Tabela 8, onde "Jean Remi Félicien Philippe van Langendonck, oficial do Régiment de Guide e diretor do Hospital Militar de Charleroi" (M. Van Langendonck, 2002, p. 13), passa a ser referido apenas como "senhor Van Lang [...] oficial de regimento e diretor do hospital de Charleroi" (Demari, 2018a, p. 11), e Madame, que no primeiro trecho é citada como "poetisa e escritora com várias obras publicadas" (M. Van Langendonck, 2002, p. 13), passa a ser descrita como autora de "duas coletâneas de poesias publicadas" (Demari, 2018a, p. 11). Assim, Demari, ao utilizar a paráfrase, realiza uma pequena modificação do texto primário, referindo aquilo que já havia sido descrito de uma forma mais Condensada, além de realizar uma ligeira modificação no sobrenome de ambos.

Além disso, as informações relacionadas ao interesse da Madame em viver na colônia, presentes no segundo fragmento da primeira coluna da Tabela 8, podem ter sido utilizadas por Demari, através do emprego da estilização, para dissertar sobre a tentativa de persuasão de Montravel, conforme pode ser observado na segunda coluna da Tabela

8. No referido trecho, onde a Madame menciona que Montravel buscou convencê-la a "abandonar o projeto de ir explorar as florestas virgens" (M. Van Langendonck, 2002, p. 31), passa a ser descrito, na obra de Demari, como uma tentativa de persuasão por meio de carta, realizada por Montravel para evitar que Langendonck atravessasse o Atlântico (Demari, 2018a, p. 11). Deste modo, Demari, ao utilizar a estilização, realiza uma reforma do texto primário, dando origem a uma troca de cartas, mas sem proceder a uma subversão ou inversão do sentido do texto.

Uma outra relação intertextual entre estas obras é observada no quarto capítulo do romance histórico de Demari, no trecho onde são referidas algumas práticas do agenciador Brugger, o qual assumiu o agenciamento de emigrantes na Suíça em substituição de Diesbach, cunhado de Montravel, bem como em um trecho do vigésimo capítulo desta obra, o qual também apresenta traços de intertextualidade com a obra de Langendonck, onde Madame Van Lang, no papel de narradora, descreve as políticas adotadas pelos agentes colonizadores para o agenciamento de emigrantes para a colônia Santa Maria da Soledade. Tais trechos são apresentados na segunda coluna da Tabela 9. Já na primeira coluna da Tabela 9 são apresentados dois fragmentos do quarto capítulo de Langendonck.

Tabela 9 – Angariação de emigrantes.

<i>Uma Colônia no Brasil</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>Primeiro fragmento: Mas a Sociedade Montravel, intimada a cumprir as obrigações de seu contrato com o governo brasileiro, pedira colonos aos agentes de colonização na Europa. Estes lhe enviaram não a escória desta população, mas os piores dessa escória. A chegada do primeiro transporte composto inteiramente por alemães pouco nos interessou. Foram-lhes concedidas colônias bastante afastadas da nossa para nos preservar de qualquer contato com eles. Infelizmente, não foi assim da segunda vez. Ela nos trouxe alguns belgas, recrutados nas prisões e depósitos de mendigos. (M. Van Langendonck, 2002, p. 55)</p> <p>Segundo fragmento: Entre os colonos vindos da Alemanha, estavam ladrões, incendiários, assassinos. Quase todos eram indivíduos que haviam passado de quatro a doze anos na cadeia e com os quais tínhamos medo de nos encontrar nas florestas. No entanto, é justo dizer que a Alemanha não envia apenas bandidos para o Brasil. Muitos alemães são infatigáveis trabalhadores a quem nada espanta, a quem pouca coisa desencoraja. Comem muito mas não são gulosos. Conseqüentemente, a ordem e o trabalho dão inevitavelmente a estes um bem-estar que eles jamais tiveram em sua pátria de origem. [...] Os agentes da colonização na Holanda espalharam nos vilarejos brochuras endereçadas àqueles que desejavam enriquecer de maneira rápida e segura. Dizia-se que no Brasil cada riacho possuía um leito de diamantes e de pedras semipreciosas, que aí se encontrava o ouro por toda parte, que esses valores eram recolhidos a mancheias. Que a terra produzia sem cultura e que em poucos anos daí se poderia voltar cumulado de riquezas. (M. Van Langendonck, 2002, pp. 57–58)</p>	<p>Primeiro fragmento: Assim, transferiu toda a chefia do agenciamento ao Senhor Brugger. Este tratou de contratar mais pessoas para o trabalho de percorrer os campos e as periferias das cidades em busca de gente interessada em mudar de vida. «Imaginem um mundo novo, onde tudo há de ser feito por quem não tem medo de desafios! O Brasil vos espera com água abundante, madeiras nobres, metais preciosos e temperaturas formidáveis. Basta assinar aqui». «Senhor Brugger, temos proposta para ir à América do Norte». «Devo revelar-lhe um porém. O Brasil é um ambiente flexível e, digo mais, solidário. Lá não vai haver caso com este seu registro de passagem pela prisão». (Demari, 2018a, pp. 35–36)</p> <p>Segundo fragmento: No que diz respeito a políticas e gestões, tenho plena convicção de que houve má-fé dos agentes colonizadores para com o desespero da sociedade em cumprir o contrato de assentamento de colonos. Amealharam corjas recrutadas sabe-se lá em que antros. Catapultaram da Europa diretamente a Santa Maria da Soledade ladrões, incendiários e até homicidas. Há corajosos trabalhadores, sim, mas a bandidagem pode ser encontrada em tamanhas proporções. A ponto de causar medos e eventos deploráveis para as pretensões da colônia. Pobre Dom Pedro II. (Demari, 2018a, pp. 144–145)</p>

Ao comparar os trechos apresentados na Tabela 9, verifica-se que as informações relacionadas à procedência dos colonos bem como ao método de recrutamento destes, os quais foram empregados pelos agentes na Europa, apresentadas na primeira coluna da Tabela 9, possivelmente amparam o autor de *A Colônia do Conde* para tratar de tais questões, através da utilização da estilização e da paráfrase, conforme pode ser verificado na segunda coluna da Tabela 9. Assim, o autor pode ter-se inspirado tanto no trecho do segundo fragmento da primeira coluna da Tabela 9 onde Langendonck refere que na colônia de Santa Maria da Soledade se encontravam colonos provenientes da escória da escória, onde muitos dos alemães que nela se instalaram "eram indivíduos que haviam passado de quatro a doze anos na cadeia", bem como no trecho do primeiro fragmento da primeira coluna da Tabela 9, onde refere que os belgas teriam sido "recrutados nas prisões e depósitos de mendigos" (M. Van Langendonck, 2002, pp. 55, 57), para inserir na trama o procedimento adotado para angariar emigrantes interessados em "mudar de

vida", independentemente se estes haviam passado ou não pela prisão (Demari, 2018a, pp. 35–36), através da estilização. Além disso, o trecho "Entre os colonos vindos da Alemanha, estavam ladrões, incendiários, assassinos" (M. Van Langendonck, 2002, p. 57), é parafraseado e estilizado para "Catapultaram da Europa diretamente a Santa Maria da Soledade ladrões, incendiários e até homicidas." (Demari, 2018a, p. 145). Para mais, nota-se que o autor emprega a paráfrase ao utilizar o fragmento "infatigáveis trabalhadores [alemães] a quem nada espanta" (M. Van Langendonck, 2002, p. 57), para descrever que entre os colonos europeus, também se encontravam "corajosos trabalhadores" (Demari, 2018a, p. 145). Desta forma, Demari utiliza as informações, provenientes dos fragmentos de Langendonck, que fazem referência aos pontos pejorativos de alguns grupos de imigrantes e não estende tais características a todos os imigrantes, assim como Madame, evitando, com isso, a generalização. Assim, Demari, ao fazer uso da estilização e da paráfrase, realiza modificações de menor e maior grau, mas sem alterar o significado das informações contidas no texto primário.

Já no trecho do segundo fragmento da primeira coluna da Tabela 9, onde Langendonck menciona que os agentes angariadores de emigrantes, que trabalhavam na Holanda, espalhavam brochuras contendo informações voltadas à abundância de metais e pedras preciosas, os quais poderiam ser "recolhidos a mancheias", bem como sobre a grande fertilidade do solo, o qual "produzia sem cultura" (M. Van Langendonck, 2002, pp. 57–58), pode ter sido utilizado pelo autor do romance histórico em estudo para dissertar sobre a maneira de Brugger e seus colaboradores para angariar emigrantes na Suíça. Entretanto, na obra de Demari não se enfatiza do mesmo modo os metais e pedras preciosas, mas sim o trecho se dedica a abordar com mais detalhes a abundância da natureza de um modo diferente daquele apresentado por Madame van Langendonck. Portanto, pode-se supor que no trecho da segunda coluna da Tabela 9 a presença da obra da Madame na obra de Demari se faz através do emprego da estilização, onde alterações são realizadas, sem subverter ou inverter o sentido.

No décimo primeiro capítulo do romance histórico em estudo, o qual também é narrado em primeira pessoa pela própria viajante belga, é possível verificar algumas marcas intertextuais no fragmento onde a narrativa se dedica a dissertar sobre a admiração da belga pela forma de "como as mulheres engrandeciam Santa Maria da Soledade", citando como exemplo a superação da mulher do holandês Sneijder (Demari, 2018a, p. 87). Tal fragmento é exibido na segunda coluna da Tabela 10, enquanto o trecho do quarto capítulo de Langendonck, que pode ter sido utilizado por Demari para tratar deste assunto, é apresentado na primeira coluna da Tabela 10.

Tabela 10 – Bravura feminina na colônia Santa Maria da Soledade.

<i>Uma Colônia no Brasil</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>Um outro holandês abandonara sua posição de primeiro empregado na casa de um grande fazendeiro e acreditando nas promessas da famosa brochura, viera ao Brasil com três filhos e uma mulher grávida; quando este homem se convenceu de que nada era menos certo do que uma colheita de ouro e de pedras preciosas, quando viu que para alimentar sua família ele só devia contar com um trabalho manual infinitamente mais duro no início que aquele que o fazia sobreviver na Holanda, tornou-se triste e perdeu toda a energia. No entanto, tinha a aparência de um homem robusto, era de grande estatura, tinha apenas vinte e oito anos, e sua fisionomia denotava coragem. Um dia, encontrei-o na floresta: estava doente e caminhava lentamente. Deteve-se e com lágrimas na voz, disse-me:</p> <p>– Meu Deus, senhora, que fiz eu deixando a Holanda, onde tinha assegurado meu pão? Jamais poderei, sozinho, ganhar, aqui, a vida, para minha mulher e dentro em breve, quatro filhos.</p> <p>[...]</p> <p>O infeliz explodiu em soluços: – Não verei, disse ele, nem um outro ano nem mesmo um outro mês, o engano foi grande por demais, não resistirei...</p> <p>No dia seguinte, à noite, a febre lhe causou um delírio que durou três dias; no quarto, a mulher de Sneider estava viúva.</p> <p>A Sociedade deu a esta mulher dois trabalhadores que roçaram e plantaram uma parte de seu terreno. Três meses depois, passadas apenas algumas semanas depois de dar à luz, ela se casou novamente com um alemão, que a faz feliz, trabalha bem e substitui tanto quanto possível, junto aos órfãos, o pai que eles perderam. (M. Van Langendonck, 2002, pp. 59–60)</p>	<p>Passados meses, me admirava como as mulheres engrandeciam Santa Maria da Soledade. Atrevo-me a considerar que nos tempos recentes não há precedente como este. Com homens atordoados pelo desespero em prover a família em meio à carestia geral, de pão e espírito, se erguem Afrodites, Freias, Saras, Joanas, verdadeiras Liberdades de Delacroix a guiar o povo. Havia um heroísmo construído – senão nato – nestas donas a fortalecer lotes e trilhas. A elas não era dada a possibilidade de mortificação. Enquanto o holandês Snejder se prostrava em melancolias e falecia pelo futuro a que havia submetido os seus, a mulher erguia um escudo de forças descomuns para amparar os filhos e mais tarde servir aos netos e fazer admirar os bisnetos. (Demari, 2018a, pp. 87–88)</p>

Ao confrontar os trechos expostos na Tabela 10, observa-se que possivelmente as informações onde a Madame refere o sentimento de desilusão vivenciado por Sneider, seguido por sua morte, assim como o subsequente rumo de sua família (M. Van Langendonck, 2002, pp. 59–60) apresentado na primeira coluna da Tabela 10, possivelmente serviram de amparo para Demari desenvolver, através do emprego da estilização, a admiração de Van Lang pela forma "como as mulheres engrandeciam Santa Maria da Soledade" (Demari, 2018a, p. 87), através do exemplo de superação da mulher de Snejder, como pode ser observado na segunda coluna da Tabela 10. Portanto, ao utilizar a estilização, Demari efetua uma reforma do texto primário, enfatizando o papel das mulheres na colônia, porém não procedendo a uma subversão ou inversão do sentido do texto. Além disso, a grafia do nome de Sneider é alterada para Snejder, ocorrendo apenas uma ligeira alteração, adicionando a letra "j".

Ainda no mesmo capítulo, pode-se observar que Demari estabelece outras relações de intertextualidade com o quarto capítulo da obra da viajante, como, por exemplo, ao

abordar o ritual de benzedura realizado pela senhora Maximiliano, o qual serviria para curar uma hérnia no abdome, como pode ser observado na Tabela 11.

Tabela 11 – A senhora Maximiliano.

<i>Uma Colônia no Brasil</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>[...] A Senhora Nunez me contava que havia passado a noite junto a uma mulher cujo parto havia feito quando vimos um holandês passar a alguns passos do galpão caminhando com dificuldade, carregado com um menino de três anos que trazia nos braços e fazendo avançar um outro, mais velho. O calor era sufocante, e o homem parecia extenuado de fadiga. A Senhora Maximiliano o chamou. Fê-lo sentar-se: deu a ele, assim como aos dois filhos, mate com muito açúcar e depois lhe perguntou porque carregava uma criança que parecia saber andar muito bem. O pobre homem mostrou uma hérnia que afligia seu filho e disse que há três anos o outro tinha a mesma lesão. É preciso ir ao rancho ver o doutor, eu lhe disse. É inútil, disse nossa anfitriã, se não chover no próximo domingo, que ele venha aqui com os filhos, eu os curarei. Quando o homem partiu, perguntei à Senhora Nunez se ela tinha a sua disposição os aparelhos empregados em tais circunstâncias. Curarei os meninos sem drogas e sem bandagens, disse. De resto, venha no domingo, a senhora verá.</p> <p>No dia marcado, a curiosidade me fez ir a sua casa. Seu filho, de acordo com suas ordens, tinha ido, na floresta, em busca de uma figueira selvagem. Descobri uma, a pouca distância de lá, para onde se levou o pai e as duas crianças, que vieram muito cedo.</p> <p>Quando chegaram perto da figueira, a Senhora Maximiliano aplicou a planta do pé descalço de uma das duas crianças contra a árvore, traçou com a ponta de uma faca o contorno do pé na casca da árvore; recolocou o mesmo pé (aquele do lado em que se encontrava a hérnia) transversalmente sobre esta primeira marca e traçou um segundo contorno que cruzava o primeiro. Fez a mesma operação com o pé da outra criança. Então, destacou a casca, que se achava entre o traçado dos quatro contornos e a fechou em um pequeno saco de tecido trazido com este objetivo. (M. Van Langendonck, 2002, pp. 63–64)</p>	<p>[...] Apenas a velha ficara sentada na cadeira de balanço feita em vime observando o homem que caminhava com dificuldade puxando uma padiola. Duas pessoinhas vinham a bordo do transporte. Como o infeliz não tinha ajudante, a outra extremidade da maca arrastava nas pedras e sulcos da estradinha utilizada mais por animais que pelas pessoas. Era de imaginar-se o quanto de mal-estar causavam os solavancos da viagem ao homem que misturava português com holandês e aos dois meninos que gemiam meio deitados e agarrados de qualquer jeito ao tabuleiro de madeira.</p> <p>O homem estava suado, com nervos pulsando nas têmporas, os braços cortados por espinhos. Mas o que mais lhe doía era o sofrimento dos filhos, que eram gêmeos até no padecer. Explicou que ambos os meninos retorciavam-se importunados por calombos avermelhados no ventre. Cansado, o pai procurava falar rápido para acelerar o desfecho do suplício ou por receio de perder a voz que já se apagava. Fiz de tradutora de algumas expressões holandesas. Explicou que tentara auxílio na casa do <i>Contremaître</i> ainda pela manhã e, na impossibilidade de qualquer remédio, partiu morro acima com a indicação de encontrar a mestiça curandeira.</p> <p>«Isso são males de hérnias» disse a senhora Maximiliano. Apontou para uma de tantas figueiras que ficava nos arredores. «Procurar médico a estas alturas é inútil».</p> <p>Movida pela vontade de ajudar de alguma forma e ainda mais pela curiosidade, amparei a dona da casa a caminhar até a grande árvore. Diante da figueira, a senhora passou a balbuciar pregações que intercalavam idiomas, do latim ao português, do português ao alemão e ao indígena, num transe de dar medo. Com os olhos aguados fixos num horizonte indivisível, a Maximiliano fazia sinal para que a padiola fosse encostada ao tronco. As crianças choravam.</p> <p>A senhora segurou a sola do pé de um dos meninos de encontro à figueira e com um canivete desenhou o contorno na casca. Ela agia com destreza, como se executasse tais ações há milênios. Enquanto isso, seguia sussurrando as ladainhas.</p> <p>«Tem que ser o pé direito porque é no lado direito que está a machucadura» explicou baixinho a nora, que haveria de herdar o 'dom'.</p> <p>A curandeira reposicionou o pé em posição perpendicular ao traçado, fazendo novamente o perímetro com a lâmina na casca. O resultado foi uma cruz na cobertura da árvore. Destacou o recorte e o encerrou num saco de estofado de pronto alcançado por uma das netas. (Demari, 2018a, pp. 91–92)</p>

Ao comparar os trechos de ambas as obras apresentados na Tabela 11 se pode verificar que possivelmente as informações da primeira coluna da Tabela 11, onde a Madame

refere o episódio da cura de um menino de três anos, acometido com uma hérnia no abdome, pode ter amparado Demari para dissertar em sua obra, através do uso da estilização e da paráfrase, sobre um episódio muito semelhante, conforme pode ser observado na segunda coluna da Tabela 11. Assim, observa-se que na parte inicial as diferenças são mais acentuadas, dando mais ênfase e drama no evento narrado, como, por exemplo, onde na obra de Langendonck é mencionado que o holandês passava na proximidade do galpão da família Nunez com um filho no colo e o outro caminhando (M. Van Langendonck, 2002, p. 63), passa a ser referido, na obra de Demari, como a aproximação de um holandês "puxando uma padiola" com os dois filhos "a bordo do transporte" (Demari, 2018a, p. 91), assim como no ritual de benzedura, o qual ganha um ar de maior misticidade e causa um maior estranhamento por parte da narradora e do holandês. Além disso, o ritual na obra da Madame não ocorreu no mesmo dia e foi o filho da senhora Maximiliano que ficou responsável por encontrar a respectiva figueira (M. Van Langendonck, 2002, p. 64), enquanto na obra de Demari o procedimento ocorre no mesmo dia e a figueira é selecionada pela própria senhora Maximiliano (Demari, 2018a, p. 91). Por fim, na parte final dos trechos selecionados na Tabela 11, pode-se observar que Demari se mantém muito mais fiel ao texto primário, executando pequenas alterações. Deste modo, pode-se verificar que o autor faz tanto o uso da estilização, em alguns momentos, diante da reforma do texto primário, sem, no entanto, proceder a uma subversão ou inversão do sentido do texto, assim como também faz uso da paráfrase, em outros momentos, realizando somente pequenas modificações do texto primário, referindo aquilo que já havia sido descrito, inclusive com a utilização de alguns sinônimos e substituição de alguns objetos. Além disso, Demari opta por preservar o nome da Senhora Maximiliano e a nacionalidade do holandês, entretanto, as crianças de idades diferentes passam a ser irmãos gêmeos.

Por fim, no décimo oitavo capítulo da obra de Demari pode ser novamente observada uma marca de intertextualidade entre a obra em estudo com a da viajante belga. Neste capítulo, onde a viajante ocupa novamente o posto de narradora, observa-se uma passagem envolvendo a estada da Madame, em Porto Alegre, na residência de d'Ornano, vice-cônsul da França em Porto Alegre, antes do retorno desta à Bélgica. Tal trecho é apresentado na segunda coluna da Tabela 12. Já na primeira coluna da Tabela 12 são apresentados dois fragmentos do oitavo capítulo de Langendonck.

Tabela 12 – Estada de Madame na residência de d'Ornano e posterior partida.

<i>Uma Colônia no Brasil</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>Primeiro fragmento: O Senhor d'Ornano vivia há vários anos com sua irmã. Esta, não aguentando as saudades, retornou à Córsega. O cônsul então se achou sozinho em uma casa imensa e me conjurou a aceitar a acolhida em sua casa enquanto esperava meu embarque para a Europa. Durante vários meses desfrutei da hospitalidade do Barão d'Ornano. Nunca, durante esse tempo, ele renunciou a seu comportamento delicado e benevolente. Um caráter igual ao seu é coisa rara: encontrei bem poucos. Ele me honrava com o respeito de um filho por uma mãe: afável e atencioso, estava sempre disposto a me acompanhar. Apresentava-me a seus amigos com palavras tão elogiosas que chegavam a me encabular. Enfim, o Senhor d'Ornano oferecia o protótipo perfeito desses cavalheiros de velha linhagem entre os quais a urbanidade e a polidez eram inerentes a sua natureza e que nunca se esquecem de que <i>Noblesse oblige</i>. Uma noite, tive a honra de ser recebida pelo presidente, governante da província de São Pedro, a quem o cônsul me tinha apresentado. Era um homem afável, simples, embora erudito, e de uma perfeita polidez. Foi graças à estima que ele professava pelo Senhor d'Ornano que meus filhos obtiveram sua benevolente proteção. (M. Van Langendonck, 2002, p. 111)</p> <p>Segundo fragmento: Nesse dia, fui abraçar pela última vez a senhora Einzelmann e seus queridos filhos e, ao meio-dia, meus filhos e o senhor Barão me acompanharam até o navio a vapor. A desolação de meus filhos era tão grande que apenas o respeito humano me fez persistir na partida. Pobres rapazes! Que de uma maneira ou de outra o céu nos reúna ainda na terra, para que eu possa lhes dizer, por experiência própria, que a saudade certamente foi apenas invenção de um cérebro doente. A pátria do coração está onde está a família, lá onde estão aqueles que nos são caros. (M. Van Langendonck, 2002, p. 121)</p>	<p>Primeiro fragmento: O Barão d'Ornano tinha um sobrado imenso na Capital, que há pouco servia também à irmã. Em lágrimas crescentes a cada dia, ela admitiu saudades do Mediterrâneo e tomou o caminho de volta à Córsega. Sem esposa, sem filhos, vivia o vice-cônsul entre salas e salões, quartos, escritório e o criado, de nome Raymond. [...] Passamos os dias entre recitais de poesia e passeios curtos. O anfitrião ouvia meus versos de olhos fechados e aplaudia com ânsia assim que percebia o encerramento da métrica. Sempre disposto, conduzia-me ao sol primaveril e me apresentava amigos: «Eis a Madame Van Lang, meu senhor. De fineza belga, lindas sabedorias e experientes belezas». Ficava encabulada pelos elogios e mais ainda pelas piscadelas que trocava com estes conhecidos. Levou-me até a conhecer o governante da Província. Enfim, d'Ornano era de natureza polida e hospitaleiro como ninguém. <i>Noblesse oblige</i>. Um perfeito cavalheiro que compartilhou bons quarenta dias de benevolências enquanto esperava meu embarque. Tempo de escrever ao Sire cartas que remeteria na breve escala do Rio de Janeiro. Escrever é que faço de melhor. Quando subia ao iate que apitava no cais, ainda devidamente cercada pelas gentilezas do vice-cônsul, percebi que era observada com insistência. Retesei em direção do homem cuja barba em ponta no queixo se destacava sobre o opaco plastrão de musselina. À distância, o Conde Montravel ensaiava um aceno débil. (Demari, 2018a, pp. 137–139)</p>

Ao realizar a comparação entre os trechos selecionados e apresentados na Tabela 12, verifica-se que possivelmente as informações sobre a estada da viajante na residência do vice-cônsul, apresentado no primeiro fragmento da primeira coluna da Tabela 12, auxiliaram Demari a descrever sobre o sobrado deste na capital, bem como sobre as razões que levaram a sua irmã a retornar para Córsega, através do emprego da paráfrase, conforme pode ser observado na segunda coluna da Tabela 12. Adicionalmente, observa-se que o período da estada da Madame foi encurtado por Demari, passando de "vários meses" (M. Van Langendonck, 2002, p. 111) para "quarenta dias" (Demari, 2018a, p. 138). Além disso, o trecho presente no segundo fragmento da primeira coluna da Tabela 12, o qual discorre sobre o momento de embarque da Madame, pode ter sido utilizado por Demari, através do uso da estilização, para escrever o último parágrafo da segunda

coluna da Tabela 12, uma vez que o autor retira os filhos da cena e insere o Conde de Montravel, o qual de longe acenava timidamente. Desta forma, sinalizando uma possível proximidade entre ambos, a qual é também explorada em algumas passagens do romance histórico em estudo.

4.1.2. *As Vítimas do Bugre*²⁸

Assim como foram observados traços de intertextualidade entre o romance histórico *A Colônia do Conde* e a obra *Uma Colônia no Brasil*, também podem ser observados tais traços em uma outra obra, intitulada *As Vítimas do Bugre*, de Matias José Gansweidt, a qual é parcialmente ambientada na colônia Santa Maria da Soledade.

Pode-se presumir que uma das relações intertextuais se dá entre as famílias Carrard e Versteg, presentes nas obras de Demari e de Gansweidt, respectivamente, as quais podem ser vistas como semelhantes em determinados momentos ao longo dos textos. Um dos exemplos desta semelhança pode ser verificado no trecho do quinto capítulo de Demari, onde a esposa de Carrard e seus dois filhos mais novos se encontram em casa, enquanto Carrard e os demais filhos haviam saído para conseguir trabalho extra com o *Contremaître*, quando são surpreendidos por uma flechada que atinge o marco da porta da residência da família. Tal trecho é apresentado na segunda coluna da Tabela 13, enquanto na primeira coluna da Tabela 13 são apresentados dois fragmentos do sétimo capítulo de Gansweidt²⁹.

²⁸ Para a realização desta dissertação foi utilizada a obra traduzida por Irmão Eugênio Damião, do ano de 1946.

²⁹ Apesar da obra de Matias José Gansweidt ser possivelmente a primeira obra a retratar este episódio envolvendo o sequestro da família Versteg, Demari pode ter utilizado alguma das obras de Fidélis Dalcin Barbosa, intituladas *Prisioneiros dos Bugres* e/ou *Luís Bugre: o Indígena Diante dos Imigrantes Alemães*, como inspiração para a cena envolvendo a esposa e os filhos mais novos da família Carrard.

Tabela 13 – Esposa e filhos mais novos de Carrard.

<i>As Vítimas do Bugre</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>Primeiro fragmento: Valfrida volta do estábulo, atravessando o terreiro, quando um quero-quero fere a harmonia da madrugada com um berreiro insistente, agudo. Ninguém como as aves para anunciar algo de novo, de anormal. Avisam, antes de qualquer cão, da presença de estranhos. Plutão também nota alguma cousa e logo empina as orelhas. Rápido, põe-se em pé, eriça os pelos e, momentos depois, flecha para o mato, latindo em sinal de alarma e entra no cerrado. Mãe e filhos estacam. Olham desconfiados e atentos na direção que seguira o cachorro. Este não demora em saltar para fora da mata. Logo atrás dêle rompem o silvado seis grandes cães de línguas a bambaleiar fora das bôcas. Ainda estão mãe e filhos sob a impressão do susto, quando surge da floresta um homem de aspecto selvagem e avança direitinho sôbre eles. Reforçado, de estatura meã, a tez do rosto bronzeada, tirante a claro com manchas mais escuras, na mão um rifle e, pendurado ao lado da perna, de calças rasgadas, um belo macuco morto. Valfrida nunca vira o estranho, mas um tétrico pressentimento logo lhe domina o espírito: Luís Bugre em carne e osso e nenhum outro! Um desfalecimento indesejável lhe invade o coração e no rosto se lhe estampam rugas e sinais evidentes de temor interno. (Gansweidt, 1946, pp. 50–51)</p> <p>Segundo fragmento: Os quero-queros alarmam novamente meio mundo. Também os galos, em frente da casa cocorejam em sinal de apreensão e, ao mesmo tempo, de protesto. Plutão, o vigia fiel, salta para o terreiro, envereda como seta em direção ao mato, latindo, esganiçado e furioso. A mãe se dispõe a sondar a causa de tanto alarido, quando, pela janela aberta, sibila uma flecha que se vai cravar, retinindo e tremulando, nas tábuas da parede oposta. (Gansweidt, 1946, p. 52)</p>	<p>As pedaladas no fiar e o tagarelar dos filhos abafaram um rebuliço no galinheiro arranjado de galhos secos. A mulher parou o trabalho e prestou atenção, levando um susto ao ouvir um cacarejar prolongado e de repente sufocado. Deu a volta às pressas na choupana e conseguiu ver um vulto escuro correr e agachar-se entre as brumas e plantas. Aquela visão lhe fez travar como se fosse a própria esposa de Ló, da qual se lembrou de súbito dos sermões do padre Marilley. «Rose! Pedro! Para dentro já, rápido!» bradou a mãe recobrando-se do baque e correndo em direção à abertura da casinhola. Então foi a vez dela ver os filhos petrificados. Uma flecha estava cravada na madeira que servia de marco para a porta da barraca. (Demari, 2018a, p. 41)</p>

Ao comparar os trechos apresentados na Tabela 13, verifica-se que possivelmente as informações da primeira coluna da Tabela 13, onde Gansweidt refere que a esposa e os dois filhos se encontravam em casa na ausência de Versteg, o qual havia partido para a quermesse realizada no Caí, quando são surpreendidos por Luis Antônio acompanhado de seus cães (Gansweidt, 1946, p. 50), pode ter servido de suporte para Demari discorrer sobre o acontecimento envolvendo o dia em que a esposa de Carrard e filhos mais novos foram surpreendidos por uma flechada no marco da porta de sua moradia, momento em que Carrard e os demais filhos estavam ausentes de casa (Demari, 2018a, p. 41), através do uso da estilização, uma vez que diversas alterações são efetuadas, contudo não é realizada uma subversão do seu sentido. Assim, pode-se observar que em ambos os trechos as esposas se encontram trabalhando na propriedade da família e estão acompanhadas por dois filhos, um menino e uma menina, o animal que evidencia a

anormalidade é uma ave, assim como o elemento que se aproxima e causa medo é um elemento indígena (flecha e Luis Antônio). Além disso, a flecha atinge ambas as residências, porém em locais diferentes. Na obra de Demari a flecha crava no marco da porta, enquanto na obra de Gansweidt a flecha, ao passar pela janela aberta, fica cravada na parede do interior da residência.

Uma outra relação entre as obras de Demari e Gansweidt pode ser observada no nono capítulo da obra *A Colônia do Conde*, como no trecho onde é abarcada uma reunião de homens no pátio de Timóteo em decorrência de uma incursão indígena. Na cena, os imigrantes europeus, que se encontravam no local, se sentiam ameaçados com a presença de Luís Antônio, pejorativamente denominado como Luís Bugre. Tal trecho é apresentado na segunda coluna da Tabela 14, enquanto na primeira coluna da Tabela 14 são apresentados dois fragmentos do quinto capítulo de Gansweidt³⁰.

³⁰ Descrições sobre Luís Antônio também são abordadas nas obras *Prisioneiros dos Bugres* e *Luís Bugre: o Indígena Diante dos Imigrantes Alemães*. Deste modo, assim como nos outros trechos analisados, a obra de Gansweidt pode não ter sido necessariamente a fonte de inspiração para Demari caracterizar o indígena Luís Antônio.

Tabela 14 – Luís Antônio.

<i>As Vítimas do Bugre</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>Primeiro fragmento: [...] Nesse episódio sucedeu que os chumbos atingissem o joelho de um jovem índio que, tropeçando, desarticulou o pé, e a fuga não lhe foi possível. Caiu prêso nas mãos dos colonos. A princípio, ninguém queria aceitar em casa o filho das selvas. Já estavam resolvidos a soltá-lo para que, livre, se embrenhasse no matagal, quando Matias Rodrigues da Fonseca se prontificou a levá-lo para casa, como empregadinho. O rapaz contava então uns 11 anos. O bugre aprendeu a falar alemão, mas com certa dificuldade. Um sotaque sui-gêneris sempre lhe ficou: embaralhava os tempos e modos dos verbos o que aliás é muito comum entre os aborígenes. Foi instruído na Religião Católica e, em 1849, nas águas lustrais, recebeu o nome de Luís Antônio. Quem batizou foi o Pe. João Sedlack, em Hortêncio. Desenvolveu-se rapidamente. Não chegou, porém a grande estatura. Curto de tronco, mas sólidamente constituído. Ainda hoje conserva traços bem característicos da sua raça selvagem. Tez marrãoescura. O rosto um tanto alvo traz algumas manchas mais negras. (Gansweidt, 1946, p. 40)</p> <p>Segundo fragmento: Conhecendo êle, como a palma da mão, tôda a selva ao longe e perto, valiam-se dêle os negociantes e ainda se valem para mostrar seus artigos aos selvicolas do interior. Isso fazia de muito bom gôsto, pois os negociantes em paga lhe davam pinga. Outras vêzes servia de guia para os compradores e agenciadores de terras a quem apontava os melhores chãos. (Gansweidt, 1946, p. 41)</p>	<p>«Vejam este mancebo aqui. Chega mais perto, Luís».</p> <p>Uma figura arredia vinha devagar, mancando, olhando a todos de lado por debaixo do chapéu de palha de aba larga. A pele dele era morena avermelhada; os olhos, repuxados e despertavam temor; tufo de pelo aludiam a um bigode em dúvida entre a puberdade e a idade adulta.</p> <p>«Este é Luís Bugre, nosso afillhado» apresentou o Rodrigues, direcionando-o com as duas mãos nos ombros. O rapaz baixou ainda mais a face e apertava os lábios.</p> <p>Proseguiu o proprietário: «O Luís Bugre era kaingang. Questão de uns dez anos veio arrebeitar a roçada com uma horda, mas caiu com uma pedrada bem posta no joelho. Era gurizote e não conseguiu seguir adiante, de modos que recolhemos, demos nome de gente, catequese, foi até batizado Luís Antônio. Ele fala como nós e conhece como ninguém cada palmo destes matos. Sabe até o gosto do pasto, é ou não é?».</p> <p>Como ninguém comentava nada, perguntava nada e meio que sequer respirava com a história diante do olhar ameaçador do bugre tornado gente, o fazendeiro seguiu tratando dos cenários de quando as terras mais antigas estiveram à vontade dos índios. Mais do que Condenar as movimentações hostis, o Rodrigues pretendeu ensinar filosofias aos ouvintes. «Para os kainganges e outras tribos que varam este Rio Grande há um instinto de que a terra não pode ser repartida em cercados e muros. Fala alguma coisa para o senhores ouvirem, Luís».</p> <p>«O homem é da terra, não contrário. A terra viva como vivos espíritos».</p> <p>Um arpeio percorreu a espinha dos europeus, que se mantinham em total silêncio. (Demari, 2018a, pp. 76–77)</p>

Ao realizar uma análise comparativa entre as duas colunas da Tabela 14 verifica-se que possivelmente as informações relacionadas à Luis Antônio presentes na primeira coluna da Tabela 14, serviram de amparo para Demari caracterizar e descrever Luis Antônio no episódio através do uso da estilização. A exemplo da obra de Gansweidt, Luis é um sujeito que é discriminado devido à sua origem indígena, seu modo de falar alemão e suas características físicas. Além disso, Luis amedronta e causa desconforto aos europeus apenas por sua presença, principalmente por se tratar de um "bugre tornado gente" (Demari, 2018a, p. 76). Portanto, pode-se observar que Demari, ao utilizar a estilização, realiza diversas alterações na estrutura textual, passando as informações da obra primária para um episódio posterior a uma incursão, contudo não emprega uma subversão ou inversão do sentido, uma vez que este contempla diversas informações do texto primário, contudo enfatizando o olhar de preconceito por parte dos europeus sobre Luís.

Além disso, Demari pode ter utilizado algumas das informações do trecho apresentado no primeiro fragmento da primeira coluna da Tabela 14 para, através do uso da paráfrase, discorrer sobre como o jovem índio havia sido capturado, bem como sobre sua conversão para a religião católica. Assim, no trecho onde menciona que "sucedeu que os chumbos atingissem o joelho de um jovem índio que, tropeçando, desarticulou o pé, e a fuga não lhe foi possível. Caiu prêso nas mãos dos colonos" (Gansweidt, 1946, p. 40), passa a ser referido como "caiu com uma pedrada bem posta no joelho. Era gurizote e não conseguiu seguir adiante, de modos que recolhemos" (Demari, 2018a, p. 76), onde é referido que Luis "Foi instruído na Religião Católica e, em 1849, nas águas lustrais, recebeu o nome de Luís Antônio" (Gansweidt, 1946, p. 40), passa a ser descrito como "demos nome de gente, catequese, foi até batizado Luís Antônio" (Demari, 2018a, p. 76). Já o segundo fragmento da primeira coluna da Tabela 14 também aparenta ter sido utilizado para, através do uso da paráfrase, dissertar sobre os conhecimentos da região por Luís Antônio, assim onde está descrito que "Conhecendo êle, como a palma da mão, tôda a selva ao longe e perto" (Gansweidt, 1946, p. 41) passa a ser descrito como "conhece como ninguém cada palmo destes matos" (Demari, 2018a, p. 76). Portanto, Demari, ao fazer uso da paráfrase, realiza pequenas modificações do texto de Gansweidt, referindo o que já havia sido descrito, substituindo os chumbos por uma pedrada, jovem índio por gurizote, instruído na religião católica por catequese e palma da mão por cada palmo.

Mais relações de intertextualidade podem ser observadas entre a obra de Demari, nono e décimo quinto capítulo, com a obra de Gansweidt, segundo capítulo. Neste caso, dois fragmentos, um de cada capítulo, se dedicam a dissertar sobre o Major Barend, um ex *brummer*, os quais podem ter sido inspirados nos dois fragmentos sobre o Major Káten. Assim os dois fragmentos da obra em estudo são apresentados na segunda coluna da Tabela 15, enquanto os dois fragmentos sobre o Major Káten são exibidos na primeira coluna da Tabela 15.

Tabela 15 – Major Barend.

<i>As Vítimas do Bugre</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>Primeiro fragmento: Da sua fundação e administração se responsabiliza o Major Káten, originário de Coblença (Reno alemão). Após longa série de infortúnios na terra natal, lançara-se em viagens pelo mundo até fixar-se no Brasil, onde agora pretende reconstruir sua existência sobre novas bases. (Gansweidt, 1946, p. 10)</p> <p>Segundo fragmento: No comêço da viagem, campos ondulados. O suor, a breve trecho, poreja de tôda a pele. E pudera não! Pesam os fardos que carregam nos ombros. Pesam as crianças nos braços. Atrapalham os caminhos acidentados. Requeima o sol. E, acima de tudo, porque ninguém está acostumado à marcha, consomem-se depressa as fôrças. Solícito, o Major a todos procura aliviar. Êle mesmo, para poupar as jovens senhoras, acrescenta ao pacote que transporta, ora esta, ora aquela criança. (Gansweidt, 1946, pp. 11–12)</p>	<p>Primeiro fragmento: Como muitos ali não se conheciam, aproveitaram para aproximar-se quando o assunto dos índios abrandou. Um sujeito forte e confiante se apresentou como Major Barend. Disse-se holandês de pais e de avós germânicos, vindo ao Brasil para servir com os <i>brummers</i> nas batalhas do Prata. (Demari, 2018a, p. 77)</p> <p>Segundo fragmento: O Major ausentava-se com frequência para receber colonos no portinho dos Guimarães ou em São Leopoldo. Queria auxiliar os coitados desde então, aliviar de alguma forma a sofrida peregrinação morro acima. Orientava caminhos, ajudava a carregar objetos e crianças, concedia palavras de acolhimento. (Demari, 2018a, pp. 117–118)</p>

Ao comparar os trechos apresentados na Tabela 15 observa-se que possivelmente as informações da primeira coluna da Tabela 15 sobre a origem, função e comportamento do Major Káten podem ter servido de base para Demari criar, através do uso da estilização, o seu personagem de mesma patente, Major Barend. Assim Demari altera, além do nome, a nacionalidade do Major, passando este de "originário de Coblença (Reno alemão)" (Gansweidt, 1946, p. 10) para "holandês de pais e de avós germânicos" (Demari, 2018a, p. 77), oferecendo mais detalhes referentes à origem deste. Além disso, enquanto na obra *As Vítimas do Bugre* o Major tem o papel de responsável pela fundação e administração da colônia e não tem seu passado detalhado, mencionando que este devido à uma "longa série de infortúnios na terra natal, lançara-se em viagens pelo mundo até fixar-se no Brasil, onde agora pretende reconstruir sua existência sobre novas bases" (Gansweidt, 1946, p. 10), na obra *A Colônia do Conde* este não é responsável pela fundação, entretanto passa a ser responsável pela administração ao longo da trama, além de ser referido como alguém "vindo ao Brasil para servir com os *brummers* nas batalhas do Prata" (Demari, 2018a, p. 77).

Por outro lado, Demari mantém o caráter solícito do Major, o qual pode ter sido inspirado no trecho em que este acompanha as três famílias de imigrantes, apresentado no segundo fragmento da primeira coluna da Tabela 15, o qual é apresentado por Gansweidt como alguém que "a todos procura aliviar. Êle mesmo, para poupar as jovens senhoras, acrescenta ao pacote que transporta, ora esta, ora aquela criança" (Gansweidt, 1946, p. 12), o descrevendo como um sujeito que buscava "auxiliar os coitados [colonos] desde então, aliviar de alguma forma a sofrida peregrinação morro acima. Orientava

caminhos, ajudava a carregar objetos e crianças, concedia palavras de acolhimento" (Demari, 2018a, pp. 117–118). Portanto as alterações efetuadas por Demari não subvertem ou invertem o sentido primário do texto de Gansweidt, porém oferecem diferentes detalhes.

Por fim, uma outra suposta relação intertextual entre estas duas famílias pode ser observada no décimo sétimo capítulo de Demari no trecho que se dedica a tratar sobre a retirada de Carrard após a morte do filho e da esposa. Tal trecho é apresentado na segunda coluna da Tabela 16. Já na primeira coluna da Tabela 16 é apresentado o fragmento do décimo oitavo capítulo de Gansweidt³¹.

Tabela 16 – Retirada da colônia.

<i>As Vítimas do Bugre</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
Lamberto Versteg a quem agora pouco importa o lar arruinado, vende aquelas terras por uma ninharia a um italiano austríaco de nome Antônio Zêni, e parte depois sem destino certo, acompanhado tão somente da amargura da sua desgraça, e das condolências dos que o conhecem. (Gansweidt, 1946, p. 132)	«É PRECISO MUITA coragem para deixar a colônia rumo a mais um destino de desconhecidos». Eugênio despedia-se do pai, que respondia: «Mas é preciso mais coragem para ficar aqui». Nenhum dos Carrard se surpreendeu com a morte da mãe. Ao receber a notícia do falecimento de Calmo, a senhora se debruçou na roda de fiar onde trabalhava dia e noite, na vigília dos filhos famintos e do esgotado marido. Caiu morta e pequena, quase sumindo, de carnes aos poucos arrancadas pelas tantas privações. Ao pai restou um pranto rouco, que se fazia notar em intervalos forçados pela determinação de não chorar a tristeza de perder o filho mais velho e a mulher em poucas horas. Havia também raiva. (Demari, 2018a, p. 128)

Ao comparar os dois trechos apresentados na Tabela 16, verifica-se que possivelmente as informações da primeira coluna sobre a retirada de Versteg em decorrência do desaparecimento da esposa e dos filhos, o qual ocorreu por meio de um sequestro realizado pelos indígenas, pode ser mais uma das relações de intertextualidade estabelecida entre as famílias Versteg e Carrard através do emprego da estilização, uma vez que na obra de Gansweidt a partida de Versteg é relacionada ao desaparecimento da esposa e dos filhos, os quais haviam sido sequestrados. Já no romance histórico de Demari, a retirada de Carrard da colônia se dá em decorrência da morte do filho, o qual sucumbiu após ser atingido por uma flechada, e da esposa, a qual faleceu pouco depois. Portanto, ao utilizar a estilização o autor reformula o texto de Gansweidt sem alterar o

³¹ Nas obras *Prisioneiros dos Bugres* e *Luís Bugre: o Indígena Diante dos Imigrantes Alemães* a partida de Versteg também é abordada. Deste modo, não necessariamente a obra de Gansweidt tenha sido a fonte de inspiração utilizada por Demari.

destino do patriarca da família, o qual parte da colônia motivado pela perda dos familiares após uma incursão indígena.

4.1.3. *Gênesis*

Uma outra relação de intertextualidade pode ser observada entre o sexto capítulo do romance histórico e o décimo primeiro capítulo de *Gênesis*, a partir de uma comparação entre a colônia Santa Maria da Soledade e a narrativa sobre a Torre de Babel. No trecho da obra em estudo, refere-se o objetivo de tornar a colônia um empreendimento grandioso "que chegasse até os Céus" contudo, a falta de "hegemonia da língua" e de uma "cultura una" prejudicava a iniciativa (Demari, 2018a, p. 51). Tal trecho é apresentado na segunda coluna da Tabela 17. Já na primeira coluna da Tabela 17 é apresentado o fragmento do décimo primeiro capítulo de *Gênesis*, no Pentateuco.

Tabela 17 – A comparação da colônia com a Torre de Babel.

<i>Gênesis</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>A Torre de Babel – Todo o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras. Como os homens emigrassem para o oriente, encontraram um vale na terra de Senaar e aí se estabeleceram. Disseram um ao outro: 'Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!' O tijolo lhes serviu de pedra e o betume de argamassa. Disseram: 'Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus! Façamo-nos um nome e não sejamos dispersos sobre toda a terra!' Ora, Iahweh desceu para ver a cidade e a torre que os homens tinham construído. E Iahweh disse: 'Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum desígnio será irrealizável para eles. Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros.' Iahweh os dispersou dali por toda a face da terra, e eles cessaram de construir a cidade. Deu-se-lhe por isso o nome de Babel, pois foi lá que Iahweh confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e foi lá que ele os dispersou sobre toda a face da terra. (Giraldo, 1985, p. 45)</p>	<p>Era impossível passar ao largo da comparação entre a colônia e a mítica narrativa da Torre de Babel. Em vez da unidade, acabávamos na diversidade de línguas e na dispersão de homens exilados de nações diferentes numa realidade à margem de Deus.</p> <p>Nossa Torre de Babel não se media por um mundo cidadão como aquela do <i>Gênesis</i>, bem pelo contrário. Muitas migrações europeias buscavam as grandes cidades – na Montevideu onde estava meu pai havia mais franceses que nativos –, enquanto que o Império do Brasil promovia a ocupação dos interiores. Contudo, admitimos que projetávamos uma edificação grandiosa que chegasse até os Céus por meio do trabalho e da confiança no Senhor. Isso sim: avançaríamos como uma sociedade célebre em nome e atitudes.</p> <p>Mas não tínhamos a hegemonia da língua. Ora, é da cultura una que se faz um Estado. (Demari, 2018a, p. 51)</p>

Ao realizar um comparativo entre os textos apresentados na Tabela 17 pode-se observar que possivelmente algumas informações do trecho da primeira coluna da Tabela 17 podem ter inspirado Demari para realizar uma relação entre a colônia e a mítica Torre de Babel em seu romance histórico. Assim, através do emprego da estilização, o autor refere que o propósito inicial para colônia era tornar esta "uma edificação grandiosa", a qual alcançaria "os Céus por meio do trabalho e da confiança no Senhor" (Demari, 2018a, p. 51), tão grandiosa quanto a cidade e a torre do livro bíblico. Entretanto, devido à diversidade linguística e cultural da colônia, esta não alcançou inicialmente o sucesso desejado por Montravel, talvez por não ter sido colonizada por apenas um idioma e uma

religião, tal como havia sido acordado. Desta forma, a colônia de Santa Maria da Soledade apresentou um destino similar ao da cidade e da torre de Babel, resultando em um local marcado pela "diversidade de línguas" e pela "dispersão de homens exilados de nações diferentes numa realidade à margem de Deus." (Demari, 2018a, p. 51).

4.2. Jornais

4.2.1. *Correio Mercantil e Diario de Pernambuco*

A partir da leitura de duas notícias de dois jornais, *Correio Mercantil* e *Diario de Pernambuco*, realizada por Barcellos para Montravel no segundo capítulo de Demari, pode-se presumir uma relação intertextual do romance histórico em estudo com as publicações destes dois jornais da época. Tal trecho da obra de Demari é apresentado na segunda coluna da Tabela 18, enquanto na primeira coluna da Tabela 18 são apresentados dois fragmentos das publicações *Colonização no Brasil (Correio Mercantil)* e *S. Pedro do Sul (Diario de Pernambuco)*, ambos do ano de 1855.

Tabela 18 – Notícias sobre a colônia.

<i>Correio Mercantil</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>A fertilidade do solo, a sua salubridade, a vizinhança da capital da província, a facilidade do transporte pelo rio, reunidas às informações fidedignas que o governo teve da boa fé e zelo do empresário, dão a esta colônia as melhores esperanças de um prospero futuro. (“Colonização No Brasil,” 1855, p. 1)</p>	<p>Barcellos chegava com as novidades: «O nobre fidalgo gostaria de saber das notícias dos jornalões da capital do Império?».</p> <p>«Pois mal não faz».</p> <p>«Correio Mercantil!» entoou o deputado. «'A fertilidade do solo, a sua salubridade, a vizinhança da capital da Província, a facilidade do transporte pelo rio, reunidas às informações fidedignas que o governo teve da boa-fé e zelo do empresário, dão a esta colônia as melhores esperanças de um próspero futuro', é o que diz a nota».</p> <p>«<i>Quelle chance!</i> Fico muito satisfeito. Preciso lembrar de enviar um agrado ao Cândido Gomes. Este é o redator, certo?».</p> <p>Barcellos não se satisfez com o sorriso arrecadado e desdobrou outro jornal que tinha debaixo do braço: «Tem mais. Escute esta carta particular publicada no Diário de Pernambuco. 'A colônia do Conde Montravel está assentada sob melhores condições do que a de São Leopoldo, famosa e única que neste nosso Brasil existe como um padrão de glória para o reinado do Sr. D. Pedro I'».</p> <p>Mãos às costas e olhar absorto no estuário do Guaíba, o Conde vislumbrava a concepção que deveria ser nada mais que grandiosa. Um território de espessa e ilimitada floresta com leito navegável em todas as estações do ano. Terras em que a natureza certamente permitiria grandíssimos resultados a uma população laboriosa e útil. Será um êxito a servir de modelo. Haveria de ser a fortuna de contemporâneos e descendentes. (Demari, 2018a, pp. 13–14)</p>
<i>Diário de Pernambuco</i>	
<p>A empreza do Conde de Montravel, para o estabelecimento de uma colônia agrícola nas margens do rio Cahy, he uma concepção grandiosa, e cheia de importantissimos resultados. A localidade abundante de espessos matos, com planicies cobertas de uma vegetação illimitada, pelo vigor dos elementos proprios que em si encerra a natureza do terreno, com um rio navegavel em todas as estações do anno, e muito mais facil do que a navegação do rio dos Sinos, faz inteiramente um contraste com a mesquinha e mal dirigida empreza da colônia de Pedro Segundo, de que lhe dei noticia na minha anterior carta, noticia por certo tão desagradavel quão verdadeira.</p> <p>A colônia do Conde de Montravel está assentada sob melhores condições do que a de S. Leopoldo, famosa e unica que neste nosso Brasil existe como um padrão de gloria para o reinado do Sr. D. Pedro I, de saudosa memoria, como para seu sabio e cordato ministro, o fallecido visconde de S. Leopoldo, Dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro da Cunha. Conhecemos o sitio em que se acham ealocadas estas duas colonias, e ousamos assegurar, como conhecedor de sua topographia, que a empreza do Conde de Montravel, assim como a colônia estabelecida outr'ora na Feitoria do linho e canhamo, ha de trazer uma população laboriosa e summamente util para a província, porque tem de fazer sua grande importancia agricola e manufactureira, como a fortuna do Conde de Montravel e seus associados ou descendentes, (<i>Carta particular.</i>) (“S. Pedro Do Sul,” 1855)</p>	

Ao comparar os trechos apresentados na Tabela 18, verifica-se que o primeiro fragmento da primeira coluna da Tabela 18, o qual é retirado de uma matéria intitulada *Colonização no Brasil*³², publicada no *Correio Mercantil* de 18 de maio de 1855, corresponde a parte do trecho exibido na segunda coluna da Tabela 18. Assim, Demari, através da utilização da paráfrase, cita a matéria e a insere de modo bastante semelhante ao apresentado no jornal, realizando somente pequenas alterações ortográficas, como, por exemplo, o uso de Província no lugar de província, boa-fé em vez de boa fé e empresário no lugar de

³² A referida matéria se trata de uma reprodução de outra publicação, intitulada *Colonização*, presente no relatório governamental, de 1855, de Luiz Pedreira do Coutto Ferraz (L. P. do C. Ferraz, 1855, pp. 60–63).

empresário, as quais possivelmente se devem ao fato do jornal conter uma ortografia diferente da seguida atualmente.

Já em relação ao segundo fragmento da primeira coluna da Tabela 18, o qual é retirado de uma matéria intitulada *S. Pedro do Sul*, publicada no *Diário de Pernambuco* de 24 de julho de 1855, corresponde parcialmente ao trecho que fornece as informações sobre a carta particular. Deste modo, Demari, reescreve uma parte da carta particular, onde o trecho "A colônia do Conde de Montravel está assentada sob melhores condições do que a de S. Leopoldo, famosa e única que neste nosso Brasil existe como um padrão de glória para o reinado do Sr. D. Pedro I' ("S. Pedro Do Sul," 1855), passa apenas por algumas reformas ortográficas, como, por exemplo, Conde ao invés de Conde, São Leopoldo no lugar de S. Leopoldo, única em vez de única e glória no lugar de glória, sendo este o único trecho da carta particular lido por Barcelos.

Após, Demari, através do uso da estilização, transforma outros trechos da carta particular em pensamentos do Conde, alterando a procedência da informação, como pode ser observado no último parágrafo da segunda coluna da Tabela 18, e realizando também alterações de diferentes graus, os quais se estendem entre a paráfrase e a estilização, como, por exemplo, "localidade abundante de espessos matos, com planícies cobertas de uma vegetação ilimitada, pelo vigor dos elementos próprios que em si encerra a natureza do terreno, com um rio navegável em todas as estações do ano" ("S. Pedro Do Sul," 1855), passa a ser referido como "território de espessa e ilimitada floresta com leito navegável em todas as estações do ano" (Demari, 2018a, p. 14). Além disso, as publicações dos dois jornais referidos na cena em que Barcellos realiza a leitura correspondem a matérias publicadas com intervalo de dois meses de diferença.

4.2.2. *Correio Mercantil*

No décimo segundo capítulo da obra de Demari também é observada uma possível marca de intertextualidade entre a obra em estudo com duas publicações do *Correio Mercantil*, sendo a primeira assinada pelo jornalista José Candido³³ Gomes e a segunda por Montravel, em resposta à publicação de Candido Gomes e com o intuito de "restabelecer a exactidão de algumas asserções proferidas" por este jornalista, "sem duvida mal informado." (Montravel, 1857, p. 2). Na obra de Demari, Montravel e Cândido³⁴ Gomes se envolvem em uma discussão presencial e acalorada na esquina da rua da Praia em Porto Alegre. Fragmentos desta discussão, bem como trechos das respectivas

³³ Grafia utilizada na publicação do *Correio Mercantil*.

³⁴ Grafia utilizada na obra *A Colônia do Conde*.

publicações de Cândido Gomes e Montravel, são apresentados na Tabela 19 e na Tabela 20, respectivamente.

Tabela 19 – Primeira parte da discussão entre Cândido Gomes e Montravel.

<i>Correio Mercantil</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>Uma lei de Sparta Condenava á morte o cidadão que não tomava parte nas contenddas politicas: esta idéa terrivel, porém eminentemente patriótica, era digna de um povo que limitava suas aspirações a ser forte e temido. [...] Como mostrando que tomava mais ao serio o seu dever, ha dous annos fez o governo um contrato com o Conde Montravel, pelo qual vendendo-lhe 16 leguas quadradas de terra medidas, á razão de meio real cada uma, lhe impunha a obrigação de importar 2,850 colonos em familias. Este contrato, renovado ha quatro mezes, augmentou enormemente as vantagens concedidas á empreza, já então representada por uma sociedade, pois além de outros favores lhe adiantou a quantia de 90:000\$.</p> <p>Assim um ajuste, que primeiramente só tinha o caracter de esteril, adquiriu mais o de – ruinoso. [...]</p> <p>A provincia possui vastas terras por ella compradas ou a outros titulos adquiridas; uma parte dellas estão já demarcadas, e agora procede a demarcação das outras. Tem igualmente estabelecidos depositos para colonos nas cidades do Rio-Grande e Porto-Alegre, dotados ambos de agentes interpretes e do necessario regulamento. Tem contratos com vapores da navegação fluvial para conduzir esses emigrantes aos portos das colonias. Em summa, tem montado todo o serviço para o recebimento dos colonos na barra, até deixa-los estabelecidos em terras proprias e amparados contra todas as eventualidades desfavoraveis.</p> <p>Parece, pois, que a parte da tarefa deixada á provincia deve ser a accommodação dos colonos. A do governo central seria esta outra: – importa-los. [...]</p> <p>Eis as observações que um dever de consciencia ou de amor á nossa provincia nos induziu a trazer ao publico sobre objectos de colonisação a ella referidos. Se nosso pequeno trabalho tiver modificado alguma crença falazmente tranquillisadora, ou se tiver embora confusamente mostrado a vereda mais curta para chegar ao ponto que todos demandamos, nossa intenção se acharia realizada, e com excesso satisfeitas nossas aspirações.</p> <p>Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1857. – José Candido Gomes. (Gomes, 1857, p. 1)</p>	<p>Primeiro fragmento: «Sabe, senhor Conde, uma lei de Esparta Condenava à morte o cidadão que não tomava parte nas contenddas políticas. Embora a faceta terrível, o enunciado é digno de um povo forte, destemido». «Entendo...». (Demari, 2018a, pp. 96–97)</p> <p>Segundo fragmento: «O fato é que o Rio Grande do Sul sofre para manter o passo desta política!». «O Sire é sensível a isso, meu caro». «Não basta ser sensível! Não bastasse tamanha sensibilidade, mete-se a fazer um contrato com o fidalgo vice-cônsul da França em Porto Alegre cheio de vantagens e adiantamentos. Não bastasse a sensibilidade e o contrato benevolente, torna a fazer ajustes, agora com mais sócios na empreitada. O que era estéril avançou para ruinoso!». «Ouça lá como fala de seus concidadãos». (Demari, 2018a, p. 99)</p> <p>Terceiro fragmento: A Província é vasta em terras e deveria ocupar-se da demarcação de lotes e recebimento de colonos, não dos trâmites de importação». «Quanto a isso, não me cabe opinar. É questão de governo, de política, de estratégias». «Senhor Conde, prometo lutar para que o Governo Geral estenda a mão para a Província. Tudo o que lhe coloco nesta manhã, farei registrar nos jornais do Rio de Janeiro acima. É um dever de profissão, de consciência e de amor a São Pedro do Rio Grande do Sul». «Também tenho valores e também tenho direitos». O Conde considerou que a conversa estava encerrada. Alisou a lapela do casaco e começava a afastar-se devagar. «Lembre-se que o senhor estava com pressa». O Conde lançou-se projetando o punho direito contra o jornalista. Barcellos e um par de senhores contiveram o francês. «Alto, senhores! Não preciso que ninguém me segure. Por favor, Barcellos. Por favor». (Demari, 2018a, p. 101)</p>

Ao comparar as duas colunas da Tabela 19 verifica-se que possivelmente diversas informações presentes na publicação de autoria de José Candido Gomes no jornal *Correio Mercantil* de 21 de setembro de 1857, ampararam Demari, através do emprego da paráfrase e da estilização, para criar em sua obra boa parte dos argumentos expostos pelo jornalista, conforme pode ser verificado na segunda coluna da Tabela 19, uma vez

que parte do episódio descrito no romance histórico apresenta diferentes graus de aproximação com o texto primário. Assim, a mudança de plano da discussão empregada por Demari pode ser considerada como uma estilização da publicação de Candido Gomes no jornal, assim como a alteração do destinatário da mensagem, passando de todo e qualquer cidadão com acesso ao jornal para Montravel e alguns curiosos que se aproximavam. Já a manutenção de fragmentos do texto do jornalista, realizando algumas alterações ortográficas, pode ser considerada como paráfrase, como, por exemplo, o trecho "Uma lei de Sparta Condenava á morte o cidadão que não tomava parte nas contendas politicas" (Gomes, 1857, p. 1) que passa a ser descrito como " uma lei de Esparta Condenava à morte o cidadão que não tomava parte nas contendas políticas." (Demari, 2018a, p. 96).

Tabela 20 – Continuação da discussão entre Cândido Gomes e Montravel.

<i>Correio Mercantil</i>	<i>A Colônia do Conde</i>
<p>Diz V. S. que o primeiro contrato do governo com a sociedade de colonização por mim organizada na provincia do Rio Grande do Sul era esteril. Quando assim fosse, V. S. não contestará que essa esterilidade não teria apparecido se não fossem as numerosas intrigas que rodearão a empresa desde o seu começo, partindo as primeiras do proprio que fôra encarregado de medir as terras, sendo que V. S. mesmo, na sua estimavel folha <i>O Mercantil</i>, de Porto Alegre, o censurou fortemente pelas suas interminaveis delongas. As outras forão o resultado das hostilidades produzidas pela publicação feita pela presidencia de um modelo de contrato que me obrigava a só introduzir na provincia Suissos catholicos.</p> <p>Semelhante projectada clausula levantou contra mim fortissimas prevenções por parte das populações allemães, prevenções que depois se traduzirão por hostilidades incessantes, de que V. S. tem tanto conhecimento como eu, e que muitas vezes forão contra mim exploradas.</p> <p>[...]</p> <p>Espero tambem que ao ler esta pequena exposição não negára V. S. indulgencia a um estrangeiro, a quem falta a facilidade de bem se exprimir em linguagem nacional, mas a quem não faltão ardentes desejos pela prosperidade deste paiz, cujas boas condições poderião ser tão bem aproveitadas. Sou com estima e consideração, Sou com estima e consideração de V. S. attencioso venerador e servo.</p> <p style="text-align: right;"><i>Conde de Montravel.</i></p> <p>Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1857. (Montravel, 1857, p. 2)</p>	<p>Montravel tomou fôlego. «Bons dias, bons dias a todos! Sou o Conde Montravel, colonizador com contrato válido perante o Império. Estava dizendo aqui para o senhor Cândido Gomes que nossa sociedade de colonização não é estéril, pois se assim fosse não teriam surgidos tantos e tantos entraves e as numerosas intrigas que rodeiam a iniciativa desde o começo. A primeira delas é referente aos trabalhos de medição das colônias, tarefa que, por sinal, foi censurada por este articulista por conta das intermináveis delongas dos agrimensores e pessoal de apoio. Se houve hostilidades pela cláusula de povoar o território com suíços católicos em determinado tempo, se deve ao modelo de contrato obrigado pelo governo. Este compromisso levantou contra mim e meus sócios fortes prevenções por parte das autoridades alemãs e que muitas vezes contra mim foram exploradas. [...] E paro-me por aqui, pois como estrangeiro não domino a linguagem nacional a ponto de entrar em mais minúcias técnicas. Tenho ardente desejo pela prosperidade deste país e assim me coloco como servo deste jornalista e de todos os senhores. Bom dia a todos».</p> <p>O Conde deixou a esquina em fúrias com a certeza de que cena arruinara não apenas o dia. (Demari, 2018a, pp. 102–103)</p>

Ao comparar os fragmentos de textos apresentados na Tabela 20 observa-se que muitas das informações existentes na publicação de autoria de Montravel no jornal *Correio Mercantil* de 25 de setembro de 1857, possivelmente serviram de subsídio para Demari, através do emprego da paráfrase e da estilização, fundamentar os argumentos do Conde

neste episódio do romance histórico em estudo, conforme pode ser verificado na segunda coluna da Tabela 20. Assim, boa parte do episódio recortado da obra de Demari apresenta diferentes níveis de proximidade com a publicação do *Correio Mercantil*. Portanto, ocorre também uma mudança do meio utilizado por Montravel para responder Cândido Gomes, passando de uma publicação para um discurso na esquina da rua da Praia em Porto Alegre, alterando também o destinatário da mensagem, passando de todo e qualquer leitor do jornal para Cândido Gomes e todos os presentes no local, o que pode ser visto como uma estilização da publicação deste. Por outro lado, a grande proximidade do discurso com o texto publicado, o qual também não apresenta subversão do sentido, pode ser visto como uma paráfrase, como, por exemplo a seguinte passagem que relata os problemas gerados pela obrigatoriedade de receber colonos suíços e católicos: "hostilidades produzidas pela publicação feita pela presidencia de um modelo de contrato que me obrigava a só introduzir na provincia Suissos catholicos" (Montravel, 1857, p. 2), a qual passa a ser descrita como as "hostilidades pela cláusula de povoar o território com suíços católicos em determinado tempo, se deve ao modelo de contrato obrigado pelo governo." (Demari, 2018a, p. 102).

Portanto, com base nas análises realizadas ao longo deste capítulo, pode-se considerar que o romance histórico *A Colônia do Conde*, de Eliseu Demari, corresponde a uma obra dotada de diversas marcas intertextuais, sendo fruto de empréstimos de diferentes textos precedentes, como, por exemplo, os analisados neste capítulo. Adicionalmente, o fato de algumas publicações estarem presentes em mais de um local, bem como a existência de textos semelhantes, possibilita que a fonte indicada pode não corresponder àquela utilizada por Demari para elaborar seu romance histórico.

Capítulo 5 – Análise dos elementos da narrativa e de alguns aspectos estilísticos da obra *A Colônia do Conde*

Este capítulo tem por objetivo analisar no romance histórico *A Colônia do Conde*, de Eliseu Demari, os elementos da narrativa, nomeadamente, descrições, diálogos, documentos, espaço, focalização, narradores, personagens, ritmo e tempo, com base nas definições elaboradas por Reis & Lopes (1987) e Aguiar e Silva (2004). Além disso, objetiva-se também analisar alguns aspectos estilísticos, nomeadamente, contrastes, efeito simbólico, efeito surpresa, estrangeirismos e latinismos, mostrar em vez de dizer, palavras expressivas, pormenores, repetições e vocabulário epocal, de acordo com definições presentes em Mancelos (2012).

1. Análise de elementos da narrativa

1.1. Narradores

Com base nas considerações de Reis & Lopes sobre narradores, pode-se verificar na obra *A Colônia do Conde* a presença das três tipologias de narradores: heterodiegético, autodiegético e homodiegético.

Para Reis & Lopes o narrador heterodiegético é alguém estranho à história que narra, pois não faz parte da narrativa como personagem, é quase sempre anônimo e normalmente se manifesta em terceira pessoa (Reis & Lopes, 1987, pp. 254–255). Assim, verifica-se que entre os 21 capítulos que integram a obra, 11 destes são narrados por este tipo de narrador, como, por exemplo, se verifica no trecho inicial do segundo capítulo:

BARCELLOS FOI O primeiro amigo brasileiro do Conde ao chegar dois anos antes para assumir o posto de vice-cônsul da França em Porto Alegre. O advogado e deputado participou da recepção oficial à família Montravel no Palácio de Barro e logo reduziu as formalidades como vizinho: o escritório dele lindava o hotel que o Conde abriu no perímetro da Alfândega. Falavam-se quase que diariamente sobre as complexidades políticas do Brasil e do além-mar, dos preços aplicados nas mais diversas economias e também encontravam tempo para os *fait divers*, como dizia o estrangeiro. Tanto treino auxiliava com gosto o aprendizado da língua portuguesa para o Conde. (Demari, 2018a, p. 13)

No respectivo trecho citado, pode-se verificar a presença de um narrador anônimo, em uma posição externa ao episódio que narra e que se dedica a descrever brevemente como surgiu a amizade entre o Conde Montravel, o qual chegava para ocupar o cargo de vice-

cônsul da França em Porto Alegre, e Barcellos, quem posteriormente se tornaria, além de amigo, sócio deste na sociedade colonizadora.

Como um outro exemplo de narrador heterodiegético pode-se constatar a seguir os dois parágrafos iniciais do quinto capítulo na obra:

AMANHECIA SOB ESPESSA neblina na colônia. Embora os primeiros raios do sol ainda não houvessem suplantado os morros, a cabana dos Carrard já contava apenas com a mãe, a menina quase mocinha e o caçula. As lavouras ainda se acostumavam e não havia criação de animais a zelar. O Pai Carrard e os demais filhos já haviam saído para tentar um trabalho extra na casa do *Contremaître*.

Numa velha roda desengonçada, a senhora fiava seda que trouxera bruta da Suíça. Os menores corriam pra lá e pra cá. Embora estivessem há pouco tempo no lugar, o medo inicial já não rondava o pensamento dos garotos, que brincavam com gravetos e pedras ao redor da casinhola. (Demari, 2018a, p. 40)

Neste fragmento, o qual é dedicado a descrever a situação da propriedade da família Carrard e os afazeres dos integrantes desta, pode-se constatar que este, assim como o exemplar anterior, é narrado por um narrador anônimo e externo ao fato narrado.

Diferentemente do narrador heterodiegético, um narrador autodiegético integra o universo diegético, expondo suas próprias experiências como o personagem principal da história narrada (Reis & Lopes, 1987, p. 251). Deste modo, observa-se que quatro dos 21 capítulos que integram o romance histórico em estudo são narrados por Montravel, o qual ocupa o papel de personagem principal da obra, e, portanto, se trata de um narrador autodiegético. Como um exemplo deste, pode-se observar o fragmento do sexto capítulo exposto na sequência, o qual corresponde ao primeiro dos quatro capítulos narrados pelo Conde:

O contrato que celebrei com a Corte para estabelecimento da colonização nas vizinhanças entre o rio Cahy e o arroio Maratá foi assim inovador que se notabilizou de imediato. Ao ponto de várias empresas particulares encaminharem pedidos e pressões para realizar a mesma campanha. Reignant apresentou pretensões, uma associação de empresários da capital, a firma Batista e Fialho, o fazendeiro Victorino, além do engenheiro De Normann. Todos queriam ser um pouco Montravel. (Demari, 2018a, p. 45)

Neste fragmento, pode-se observar que o Conde, personagem principal do romance histórico em estudo, expõe suas próprias experiências ao declarar o contrato celebrado por ele junto ao governo imperial como algo inovador, desta forma, tornando-se clara a manifestação do narrador autodiegético.

Um outro exemplo de narrador autodiegético pode ser observado no trecho a seguir, o qual se trata de um fragmento do décimo terceiro capítulo, e corresponde ao terceiro dos quatro capítulos narrados por Montravel:

Sempre com o pensamento voltado aos nossos distritos em povoamento, pude acompanhar pessoalmente um embarque no porto. Com a lista dos passageiros submetidos à Santa Maria da Soledade em mãos, realizei a chamada individual acrescentando uma saudação personalizada de grande encorajamento. Recordo de modo especial o quanto me compungiu o vulto de uma húngara que haveria de ser muito bela não fosse o estado de abatimento do qual certamente tentava desviar com a viagem: «Viúva Palse! Desassombre-se, minha senhora, que deixa para trás a pátria que a viu nascer, sim, mas também as guerras e a fome. Força». (Demari, 2018a, p. 111)

Neste trecho, assim como no anterior, Montravel, enquanto narrador autodiegético, exhibe fatos de sua vida, dando a conhecer o dia em que esteve presente e colaborou com o embarque dos passageiros que tinham como destino a sua colônia.

Por fim, o narrador homodiegético também integra o universo diegético, contudo, diferentemente do narrador autodiegético, este ocupa um papel que pode ser desde uma "simples testemunha imparcial" a uma "personagem secundária estreitamente solidária com a central" (Reis & Lopes, 1987, p. 258). Assim, relativamente aos demais cinco capítulos da obra, verifica-se a presença de três personagens que compõem o universo diegético e que ocupam a função de narrador homodiegético, nomeadamente Madame Van Lang, Philippe e Barcellos. Na sequência, são apresentados trechos a fim de ilustrar a presença destes três narradores homodiegéticos.

Desta forma, o trecho apresentado a seguir é narrado por Madame Van Lang e corresponde ao último dos três capítulos narrados pela escritora belga, o qual foi extraído do vigésimo capítulo da obra:

Eu e meu filho experimentamos uma regressão a condições inferiores, desde trabalhar a terra com técnicas rústicas a acompanhar os colonos definhando em desesperos mentais e físicos. Ora, que falta faz um planejamento mínimo sobre o desmatamento. Os imigrantes precisam derrubar árvores colossais para ter um espaço de plantio, mas não podem iniciar a colheita porque as toras quedam-se num compulsório destino: ou ficam dias a queimar ou semanas até apodrecer para enfim o terreno estar livre à sementeira. Quantas obras magníficas poderiam ser erguidas com a madeira nobre desleixada pela ausência de lenhadores, carpinteiros, entalhadores. O material poderia ser de um lucro fantástico para a colônia, mas é dado como algo ordinário. A natureza requer aproveitamento. (Demari, 2018a, p. 143)

No trecho precedente pode-se observar que Madame Van Lang ocupa o papel de narrador homodiegético, uma vez que a viajante se dedica a descrever algumas das

experiências vividas por ela e pelo filho na colônia, assim como a apresentar o seu ponto de vista sobre o mau aproveitamento dos recursos naturais locais.

No próximo fragmento pode-se verificar o primeiro parágrafo do oitavo capítulo do romance histórico em estudo, o qual é o único capítulo narrado por Philippe:

COMECEI A INVESTIGAR os modos do agente Brugger ao escutar rumores de que o envio de imigrantes se dava de forma desregrada. Tudo que um pai faz pelo filho é um leviatã perto do que recebe em troca. Não quero que ninguém pense que espero retribuições, e meu filho Conde Montravel sabe que sempre dei atenção aos seus movimentos, por mais que tivesse total capacidade de encaminhar negócios próprios. Por eu estar em França e ele longe, não foram poucas as vezes em que resolvi miudezas da empresa marítima e acompanhei as campanhas hoteleiras de Friburgo. Agora devo submergir às profundezas das tarefas de uma companhia de colonização que, pelo que sei, já é de amplo apoiada pelo Imperador do Brasil e suportada por importantes capitalistas. (Demari, 2018a, p. 68)

No trecho apresentado acima pode-se verificar que Philippe, pai de Montravel, desempenha a função de narrador homodiegético ao descrever um pouco da sua relação com o filho e o amparo dado aos negócios deste.

Por fim, o fragmento subsequente corresponde ao segundo parágrafo do décimo quarto capítulo, sendo este o único capítulo narrado por Barcellos, amigo e sócio de Montravel:

Desde o início entendi o novo amigo de maneira prática, sem fazer idealizações - e assim considero que frutificam as verdadeiras amizades. Montravel tinha a aura do francês evangelizador das boas novas ordens para o mundo e todos acabaram simplificando-o desta forma. Eu procurei a sensibilidade de entendê-lo como o resultado de uma rede de ideias que redemoinhavam a Europa naquele período: ele tinha devoção pela religião e pelo clero, ao passo que se compadecia pela necessidade de voz a camadas além da nobreza; podia encerrar-se num aspecto mercurial, mas se solidarizava numa audiência de reencontro entre mãe e filhos negros extraviados; tinha as exatidões da rotina em ângulo limítrofe aos devaneios e sonhos. (Demari, 2018a, p. 112)

No fragmento exibido acima pode-se observar as considerações de Barcellos, o qual exerce o papel de narrador homodiegético, sobre a maneira como busca entender o amigo Montravel, bem como a visão resumida das demais pessoas sobre o Conde.

Portanto, com base nas análises realizadas pode-se observar que a obra possui as três tipologias de narradores, as quais se encontram distribuídas de modo intercalado e irregular. Além disso, é possível verificar que todos os personagens que ocupam o papel de narrador são integrantes da elite e em sua maioria oriundos do continente europeu, havendo, portanto, a prevalência de uma visão europeia e elitista.

1.2. Focalização

Baseado nos conceitos estabelecidos em Aguiar e Silva sobre focalização (Aguiar e Silva, 2004, pp. 293–304), observa-se o emprego de uma focalização variável e múltipla no romance histórico em estudo. Na sequência, são exibidos alguns fragmentos com o objetivo de exemplificar o emprego destas diferentes focalizações.

O primeiro exemplo destes é referente a um parágrafo do terceiro capítulo, o qual é narrado por um narrador heterodiegético:

Com pouco mais de cinco décadas de idade, o lavrador Carrard era o mais experimentado da comitiva e sentiu-se impelido a criar ânimo aos demais. Verificou o relógio de bolso devidamente ajustado ao horário que lhe informaram na chegada ao porto de Itapemirim. Era hora da Ave-Maria. Pediu licença ao administrador e atenção dos suíços que zanzavam ao redor da casinha: «Amigos, devemos marcar nossa chegada a este paraíso verde com uma oração». (Demari, 2018a, p. 24)

É possível observar no fragmento exposto a presença de um narrador externo ao universo diegético, o qual, embora apresente um discurso valorativo ao classificar Carrard como o mais experimentado do grupo, não realiza interferências de modo explícito através de seu discurso. Além disso, este narrador realiza a descrição do íntimo deste personagem, compartilhando o sentimento de necessidade de Carrard em animar aos demais e expõe informações relativas ao personagem que até então eram desconhecidas, como a idade, a profissão deste e o ajuste do horário de seu relógio. Desta forma, a focalização adotada pode ser classificada neste fragmento como heterodiegética, neutral, interna e omnisciente.

Na sequência, é apresentado um trecho do décimo sexto capítulo, o qual também é narrado por um narrador heterodiegético:

Ao ouvir o aviso, o *Contremaître* largou num supetão a caneca de café fumegante que sorvia à beira do ensolarado Forromeco. Tinha pouco espaço de tempo para alcançar a casa, pois os índios se aproximavam com urros ameaçadores. Na sede da colônia havia o fuzil carregado. Correu num pavor que lhe queimava o rosto e gelava o peito ainda imobilizado pelo ferimento no ombro de mais de um mês. Resvalou, tornou a correr, o coração explodindo, e calculou: "Não faço hora". Ao perceber que seria capturado pelos índios que estavam cada vez mais perto da casa, guinou de súbito à direita. Desceu em desespero o barranco pedregoso tomado de carrapichos e papiros, lançando-se nas águas do arroio. O homem teve o dorso atingido por uma pedra e resfolegou braçadas sem intervalos seguindo a corrente. (Demari, 2018a, pp. 123–124)

É possível verificar que no trecho acima, assim como observado no fragmento anterior, o narrador não participa da diegese como agente e não exerce intromissões explícitas, todavia, realiza a exposição de juízos de valor, classificando os urros dos indígenas como

ameaçadores. Para mais, dá a conhecer o interior do personagem *Contremaître* diante da aproximação do grupo, como as sensações deste, e oferece detalhes ao longo do episódio narrado, até então desconhecidos, como o fato de existir um fuzil carregado na sede da colônia. Portanto, pode-se considerar que neste trecho existe uma focalização heterodiegética, neutral, interna e onisciente.

O próximo fragmento selecionado é oriundo do sexto capítulo, um dos quatro capítulos narrados pelo Conde Montravel:

RECORDAR OS BONS tempos na miséria dói, cantou Dante, e isto é pior quando raros foram os dias felizes. Os compromissos abreviados e frustrados com aquela gente, aquela nação e comigo próprio prostram meus dias, é inevitável. As manhãs são difíceis, pois é quando o ciclo de lembranças do que foi e do que poderia ter sido se retoma. Há urgência em contagiar estes pensamentos com quaisquer outros, mas ando exausto. (Demari, 2018a, p. 45)

Pode-se observar que, neste exemplo, Montravel expõe a sua própria interioridade ao longo do trecho e fornece a sua própria interpretação dos fatos ao mencionar que os dias felizes foram escassos. Assim, pode-se presumir que o fragmento apresenta uma focalização autodiegética, interna e restritiva.

Assim como no exemplo anterior, o fragmento subsequente também é narrado pelo Conde Montravel, o qual é proveniente do vigésimo primeiro capítulo da obra em estudo:

Descia à rua do Perrey para buscar os *croissants* e jornais. Com a leitura dos escritos da Madame Van Lang, realizei em definitivo que fomos da Europa para o Brasil com achapantes ideais de vanguarda, mas tínhamos mais a aprender do que a ensinar. Quanto mais o Brasil agia com naturalidade para irmanar os povos do mundo em conagração com a natureza, apontávamos dedos de implicantes preconceitos e históricas especulações mercantis. Lamento isto nos textos reveladores dela. Nem minha experiência de oficial e empreendedor, nem a educação humanista e as inclinações artísticas da Madame são suficientes para vislumbrar a plena capacidade que teria o Novo Mundo. Insuflamos uma expansão capitalista sem medir a capacidade do destino em suportar as consequências. Tentamos, mas não obtivemos de lidar com conceitos de igualdades sociais, igualdades de cor. É nada mais que as metrópoles fazendo um colonialismo disfarçado de intervenção civilizadora. O jovem país faz de conta que é independente e a potência finge que não o explora. O que Cabral descobriu nós redescobrimos com outras sanhas. Passaram-se anos e não houve resposta. Quem são os verdadeiros selvagens? Quem é escravo de quem? Qual é a miséria maior? (Demari, 2018a, p. 148)

Pode-se verificar que Montravel novamente expõe a sua interioridade ao longo do fragmento selecionado, exibindo algumas conclusões sobre o seu empreendimento e o processo colonizatório no Brasil. Além disso, o Conde oferece a sua visão sobre os acontecimentos. Assim, pode-se entender que tal fragmento apresenta uma focalização autodiegética, interna e restritiva.

Já o próximo fragmento pertence ao décimo primeiro capítulo, o qual é narrado por Madame Van Lang:

A curandeira reposicionou o pé em posição perpendicular ao traçado, fazendo novamente o perímetro com a lâmina na casca. O resultado foi uma cruz na cobertura da árvore. Destacou o recorte e o encerrou num saco de estofado de pronto alcançado por uma das netas.

Eu não conseguia submeter minha compreensão ao ritual que presenciava. A noite se fazia presente, tornando o ambiente ainda mais medonho. Que força haveria de operar-se naqueles desembaraços? Que confiança cristãos como nós poderíamos ter num esquema de preces confusas e superstições ao pé de uma figueira? (Demari, 2018a, p. 92)

Pode-se observar que neste recorte a personagem Madame Van Lang descreve um ritual que presenciou e dá a conhecer um pouco da sua interioridade ao demonstrar sua incredulidade sobre tal evento. Esta descreve os acontecimentos de acordo com o seu ponto de vista, fornecendo apenas os detalhes que observa do fato presenciado. Deste modo, pode-se supor que nesta passagem se faz presente uma focalização homodiegética, interna e restritiva.

Por fim, o trecho exibido a seguir, o qual é narrado por Barcellos, se encontra no décimo quarto capítulo:

Neste momento, contamos quase três centenas de almas na colônia. Diante dos números, despontam perspectivas de que venceremos os obstáculos que têm endereço Santa Maria da Soledade. Enquanto Montravel gerencia atos diretamente em Havre, tenho total apoio dos caros Silveiro e Coelho. Sou puro ânimo em ver que a sociedade passa a ter melhor imagem junto ao Palácio de Barro e não escondo de ninguém que isso me interessa pela vontade de ascender na política. É uma pena, não posso conviver na colônia mesmo que por poucas semanas por conta dos compromissos na Assembleia Provincial. Poderia até fazê-lo, mas não faço política de caudilho que conserva a cadeira à distância de um pampa. (Demari, 2018a, p. 115)

Ao analisar o trecho precedente, pode-se verificar que Barcellos, enquanto narrador, revela um pouco das suas motivações e sentimentos ao mesmo tempo em que fornece sua visão sobre os fatos. Porém, diferentemente do fragmento analisado anteriormente, este trecho não apresenta o narrador como sendo uma testemunha de um fato. Assim, pode-se pressupor a existência de uma focalização homodiegética, restritiva e interna.

Deste modo, com base nas análises realizadas, pode-se considerar que a obra em estudo apresenta uma focalização variável e múltipla, uma vez que são verificadas as focalizações: heterodiegética, homodiegética, interna, restritiva e omnisciente.

1.3. Personagens

De acordo com as considerações de Reis & Lopes acerca dos personagens, estes podem ser classificados em relação ao seu relevo, sua composição e sua modulação (Reis &

Lopes, 1987, pp. 306–310; 314–315). Desta forma, ao analisar a obra *A Colônia do Conde* é possível verificar a presença de um vasto número de personagens, os quais são classificados e descritos brevemente na Tabela 21.

Tabela 21 – Personagens.

Continua		
Personagem	Relevo, composição e modulação	Descrição (Pág.³⁵)
Acompanhantes de Rodrigues	Figurante Plano Coletivo	Grupo de seis homens, formado por adultos e jovens, que acompanham Rodrigues após uma incursão indígena na colônia. (76)
Agente de ordens	Secundário Plano	Presente na chegada do primeiro grupo de suíços. (9)
Ajudante do confeitoiro	Secundário Plano	Trabalha no convento das Ursulinas. (7)
Ajudante do pescador	Secundário Plano	Acompanha o pescador no cais de Porto Alegre. (34)
Ajudante-de-ordens	Secundário Plano	Trabalhava para Dom Pedro II. (107)
Ajudantes do condutor do lanchão	Figurante Plano Coletivo	Acompanham o condutor do lanchão, Montravel e Barcellos na cabine do lanchão que transporta a primeira leva de imigrantes. (15)
Alemães e holandeses lavradores	Figurante Plano Coletivo	Grupo de 32 alemães e holandeses lavradores. (38)
Barão d'Ornano	Secundário Plano	Vice-cônsul da França em Porto Alegre, solteiro e sem filhos. Dono de um sobrado de grandes dimensões em Porto Alegre. Recebe Madame Van Lang em sua residência e a acompanha em alguns momentos. Apresenta descrição de características físicas, comportamentais e de vestimenta. (61)
Barcellos	Secundário Redondo	Advogado e dono de escritório de advocacia ao lado do hotel do Conde Montravel. Deputado e chefe do Partido Conservador. Sócio, conselheiro e primeiro amigo brasileiro do Conde Montravel. Apresenta descrição de características comportamentais e de vestimenta. (13)
Brugger	Secundário Redondo	Comerciante e angariador de emigrantes em Friburgo. Substitui Diesbach como chefe do agenciamento de emigrantes. Suborna autoridades para liberação de emigrantes para a colônia. Apresenta descrição de características físicas e comportamentais. (18)
Calmo	Secundário Redondo	Integrante da primeira leva de colonos suíços. Apelidado de Calmo por ser o mais calado da família Carrard. Filho mais velho da família. Namora Brigitte. Morre com uma flechada ao perseguir o grupo indígena junto com um dos irmãos Moutet e Major Barend. Apresenta descrição de características comportamentais. (26)
Cândido Gomes	Secundário Redondo	Jornalista do <i>Correio Mercantil</i> . Discute com o Conde Montravel. Apresenta descrição de características físicas e comportamentais. (13)

³⁵ Página em que o personagem tem sua primeira aparição ou menção na obra.

Personagem	Relevo, composição e modulação	Descrição (Pág.³⁶)
Capitão do iate Marquês	Secundário Plano	Capitão do iate Marquês, o qual transporta o grupo 32 alemães e holandeses lavradores. (37)
Capitão do vapor Comercio	Secundário Plano	Capitão do vapor Comercio, o qual transporta a primeira leva de colonos suíços. (12)
Carrard	Secundário Redondo	Lavrador. Casado e pai de sete filhos. Apelidado de Pai Carrard por um dos irmãos Moutet. Mais velho da primeira leva de colonos suíços. Deixa a colônia após a morte de um dos filhos, Calmo, e da esposa. Apresenta descrição de características físicas, comportamentais e de vestimenta. (16)
Chassot	Secundário Plano	Amigo de Carrard. Integrante da primeira leva de colonos suíços. (30)
Coelho	Secundário Plano	Fazendeiro e sócio do Conde Montravel. (42)
Colonos Vigias	Figurante Plano Coletivo	Vigiam os arredores da colônia após incursão indígena. (129)
Conde Montravel	Protagonista Redondo	Idealizador da colônia Santa Maria da Soledade. Empresário francês, dono de um hotel no perímetro da Alfândega em Porto Alegre e vice-cônsul da França em Porto Alegre. Filho de Philippe, marido de Elsa e pai de Gabrielle e Paul. Responsável pelo trabalho burocrático da colônia. Não visita a colônia. Apresenta descrição de características físicas, comportamentais e de vestimenta. (7)
Condutor do Lanchão	Figurante Plano	Condutor do lanchão que transporta Montravel, Barcellos e a primeira leva de imigrantes. (15)
Contador	Secundário Plano	Trabalha na casa Duclos como contador. Responsável pelo livro de registro da colônia. (111)
Criado do Conde Montravel	Figurante Plano	Acompanha Madame Van Lang do cais até o café para uma reunião com o Conde Montravel. (120)
Criado do Rodrigues	Figurante Plano	Mestiço. Acompanha Madame Van Lang e Leon Van Lang da colônia até um hotel em Porto Alegre no dia em que esta deixa a colônia. (135)
Diesbach	Secundário Plano	Responsável pela angariação de emigrantes. Irmão de Elsa e cunhado do Conde Montravel. Apresenta descrição de características comportamentais. (18)
Dois meninos	Secundário Plano Coletivo	Filhos gêmeos do holandês. Sofriam de males de hérnias. Submetidos a um ritual de cura pela senhora Maximiliano. Apresentam descrição de características comportamentais. (91)
Dom Feliciano	Secundário Plano	Primeiro bispo da província do São Pedro do Rio Grande do Sul. Recebe Montravel. Apresenta descrição de características comportamentais. (65)
Dom Pedro II	Secundário Plano	Imperador do Brasil. Recebe Montravel. Apresenta descrição de características físicas e comportamentais. (10)
Dona Tereza	Figurante Plano	Imperatriz do Brasil. Esposa de Dom Pedro II. Apresenta descrição de características físicas e comportamentais. (107)

³⁶ Página em que o personagem tem sua primeira aparição ou menção na obra.

Personagem	Relevo, composição e modulação	Descrição (Pág.³⁷)
Elsa	Secundário Redondo	Esposa do Conde Montravel, mãe de Gabrielle e Paul, irmã de Diesbach. Suíça. Se distancia do marido após a reunião deste com Madame Van Lang no café. Sofre de demência. Apresenta descrição de características comportamentais. (7)
Encarregado do hotel	Secundário Plano	Trabalha no hotel do Conde Montravel como encarregado. Encontra Eugênio Carrard na porta do hotel. (78)
Escrevente	Secundário Plano	Esbofetado por Leon Van Lang por querer interromper o trabalho de medição. Apresenta descrição de características comportamentais. (37)
Eugênio	Secundário Redondo	Filho do meio de Carrard e da senhora Carrard. Integrante da primeira leva de colonos suíços. Permanece na colônia mesmo após partida do pai. Apresenta descrição de características físicas, comportamentais e de vestimenta. (34)
Família alemã	Secundário Plano Coletivo	Alemães. Discutem com grupo de holandeses por causa da retirada de uma carta. Apresenta descrição de características comportamentais. (118)
Família alemã do navio Virginia	Secundário Plano Coletivo	Alemães e protestantes. Filha morre de tifo na travessia do Atlântico a bordo do navio Virginia. (62)
Família Carrard	Secundário Redondo Coletivo	Integrantes da primeira leva de colonos suíços. Composta por Carrard, senhora Carrard, Calmo, Eugênio, Pedro, Rose e outros três filhos. Donos de uma colônia localizada meia hora a pé do riacho Forromeco. Senhora Carrard e Calmo falecem, Carrard deixa a colônia e os demais integrantes permanecem nesta. (21)
Família Chappuis	Figurante Plano Coletivo	Integrantes da primeira leva de colonos suíços. (26)
Família Chassot	Figurante Plano Coletivo	Integrantes da primeira leva de colonos suíços. (26)
Família do colono Angst	Secundário Plano Coletivo	Composta por Angst, a esposa e três filhos pequenos. Moram em um rancho. (124)
Família Jonner	Figurante Plano Coletivo	Integrantes da primeira leva de colonos suíços. (26)
Família Maximiliano	Secundário Plano Coletivo	Família mestiça de alemães e descendentes de indígenas. Composta por Maximiliano, senhora Maximiliano, duas netas, nora e homens. Com uma propriedade fora dos limites da colônia. (88)
Friburguês	Secundário Plano	Suíço. Conversa com Brugger sobre a emigração para as Américas. Apresenta descrição de características físicas e de vestimenta. (19)
Gabrielle	Secundário Plano	Filha do Conde Montravel e Elsa. Apresenta descrição de características físicas e comportamentais. (61)
Garoto de recados	Figurante Plano	Entrega um bilhete de Timóteo para o Conde Montravel. (10)

³⁷ Página em que o personagem tem sua primeira aparição ou menção na obra.

Personagem	Relevo, composição e modulação	Descrição (Pág.³⁸)
Grupo de holandeses	Secundário Plano Coletivo	Holandeses. Discutem com família alemã por causa da retirada de uma carta. Apresenta descrição de características comportamentais. (118)
Guardas	Figurante Plano Coletivo	Chegam em meio ao debate entre o Conde Montravel e Cândido Gomes determinados a encerrá-lo. (101)
Holandês	Secundário Plano	Holandês. Lavrador. Pai dos dois meninos que sofriam de hérnia. Mistura o português com o alemão. Busca ajuda da senhora Maximiliano para curar os filhos. Apresenta descrição de características comportamentais. (90)
Imigrante Holandês	Secundário Plano	Holandês. Integrante do grupo de 32 alemães e holandeses lavradores. Apresenta descrição de características comportamentais. (32)
Índios	Secundário Plano Coletivo	Grupo proveniente dos fundões do arroio Ventoso e formado por 15 a 20 indivíduos. Contrários à instalação definitiva dos imigrantes. Vitimam cachorros, invadem e depredam a choupana de Timóteo e flecham mortalmente um dos irmãos Moutet e Calmo. Apresentam descrição de características físicas e comportamentais. (123)
Índios kaingangues	Figurante Plano Coletivo	Índios da tribo kaingangue. Roubam plantações dos colonos. (75)
Irmãos Moutet	Secundário Redondo Coletivo	Integrantes da primeira leva de colonos suíços. Grupo formado por cinco irmãos solteiros. Os três irmãos que morrem de tifo são os primeiros imigrantes a morrer em Santa Maria da Soledade. Outro irmão morre por uma flechada. Apresenta descrição de características comportamentais. (22)
Jovens escravos	Figurante Plano Coletivo	Disputam quem realizaria a transferência das bagagens da primeira leva de colonos suíços. (9)
Leon Van Lang	Secundário Redondo	Belga. Agrimensor. Integrante da equipe de medição das terras da colônia Santa Maria da Soledade. Filho de Madame Van Lang. Dono de um lote de terras na colônia. Apresenta descrição de características comportamentais. (11)
Luís Bugre	Secundário Redondo	Kaingang. Capturado quando criança durante uma incursão indígena. Afilhado de Rodrigues. Batizado como Luís Antônio. Fala alemão e apresenta dificuldades com o português. Colonos demonstram medo com a sua presença. Possui amplos conhecimentos da região. Apresenta descrição de características físicas, comportamentais e de vestimenta. (76)
Madame Van Lang	Secundário Redondo	Belga. Viúva. Mãe de Leon Van Lang. Poetisa. A convite do filho passa a viver na colônia em uma cabana. Visita com frequência a família Maximiliano. Tratada com deferência pelas pessoas da colônia e região. Reclama para o Conde Montravel que falta o básico na colônia. Deixa a colônia por conta das suas expectativas frustradas e pelas mortes de Calmo e de um dos irmãos Moutet. Hospeda-se no sobrado do Barão d'Ornano. Retorna à Bélgica após dois anos no Brasil. Apresenta descrição de características comportamentais e de vestimenta. (11)

³⁸ Página em que o personagem tem sua primeira aparição ou menção na obra.

Personagem	Relevo, composição e modulação	Descrição (Pág.³⁹)
Major Barend	Secundário Redondo	Holandês, descendente de germânicos. Vai ao Brasil para servir com os <i>brummers</i> nas batalhas do Prata. Fixa residência nos arredores do rio Cahy após estas batalhas, onde presta serviços aos fazendeiros portugueses. Instala-se na colônia. Faz funcionar a colônia na prática através do poder concedido pelos colonos. Dialoga com os locais e gere conflitos. Apresenta descrição de características físicas e comportamentais. (77)
Mordomo	Secundário Plano	Trabalha para Dom Pedro II. Informa ao Conde Montravel que chegou a vez dele de ser atendido por Dom Pedro II. (107)
Moutet	Secundário Redondo	Integrante da primeira leva de colonos suíços. Solteiro. Único dos cinco irmão que sobrevive. Apelidado de desordeiro suíço. Apresenta descrição de características físicas e comportamentais. (21)
Negrinho	Figurante Plano	Entrega um bilhete na recepção do hotel do Conde Montravel e aguarda para receber uma moeda pelo serviço prestado. Apresenta descrição de características físicas. (37)
Negro	Figurante Plano	Realiza os trabalhos do pequeno barco com toldo utilizado pelo Conde Montravel no dia que este pretendia visitar a colônia. Apresenta descrição de características físicas. (105)
Padre	Secundário Plano	Padre jesuíta do distrito de Hortêncio. Aceita a proposta do Conde Montravel da pastoral de Hortêncio abranger a colônia Santa Maria da Soledade. Apresenta descrição de características comportamentais e de vestimenta. (132)
Paul	Figurante Redondo	Filha do Conde Montravel e Elsa. Se distancia do pai e se muda para a Argentina para ser doutor. Apresenta descrição de características comportamentais. (61)
Pedro	Secundário Plano	Integrante da primeira leva de colonos suíços. Filho mais novo da família Carrard. Apresenta descrição de características comportamentais. (15)
Pescador	Secundário Plano	Descarrega bagres no cais de Porto Alegre. Ao saber das mortes de colonos por indígenas realiza críticas ao governo. (34)
Pescadores, comerciantes e carregadores	Figurante Plano Coletivo	Grupo de indivíduos habitualmente presentes no porto dos Guimaraes. (104)
Philippe	Secundário Redondo	Pai do Conde Montravel. Influencia na escolha do filho como vice-cônsul da França em Porto Alegre. Colabora com o empreendimento colonizador de Montravel. Atua como observador militar da França em Montevideú. Investiga o agente Brugger e descobre que este trabalha com subornos. Apresenta descrição de características comportamentais. (9)
Presidente Sinimbu	Secundário Plano	Presidente da província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Recebe a visita do Conde Montravel para tratar de assuntos relacionados à colônia. (28)
Primeira leva de colonos suíços	Secundário Redondo Coletivo	Suíços oriundos de Friburgo e Vaud. Grupo formado por três dezenas de indivíduos e composto por homens, mulheres, idosos e crianças. Portam bagagens compostas por baús de madeira e trouxas de roupas e alguns objetos de valor. Apresenta descrição de características comportamentais. (9)
Procurador	Secundário Plano	Amigo de Diesbach. Informa Diesbach sobre campanha contrária aos agenciadores brasileiros na Alemanha e Suíça. (35)

³⁹ Página em que o personagem tem sua primeira aparição ou menção na obra.

Personagem	Relevo, composição e modulação	Descrição (Pág.⁴⁰)
Protestantes	Figurante Plano Coletivo	Grupo de colonos que mais se reunia na colônia. Reuniões contam com um pastor leigo e giram em torno do culto clandestino e da educação religiosa. O local mais recorrente destes encontros é topo o do morro do Badenserberg. (111)
Raymond	Figurante Plano	Criado do Barão d'Ornano. É informado pelo Barão d'Ornano que a Madame Van Lang passaria a dar as ordens no sobrado. (137)
Rodrigues	Secundário Plano	Fazendeiro. Proprietário de sesmaria. Primeiro vizinho fora dos limites da colônia. Recebe a primeira leva de colonos suíços por um período. Padrinho de Luís Bugre. Se coloca à disposição para auxiliar na caçada aos índios em dois episódios. (15)
Rose	Secundário Plano	Integrante da primeira leva de colonos suíços. Filha de Carrard e da senhora Carrard. (40)
Secretário do bispado	Secundário Plano	Sacerdote. Trabalha na catedral de Porto Alegre. Recebe o Conde Montravel na catedral. Apresenta descrição de características físicas e comportamentais. (132)
Senhora Carrard	Secundário Redondo	Fiandeira. Integrante da primeira leva de colonos suíços. Esposa de Carrard. Morre após o falecimento do filho Calmo. Apresenta descrição de características físicas e comportamentais. (40)
Senhora Maximiliano	Secundário Redondo	Curandeira, produz infusões, emplastros, ajusta ossos e nervos deslocados. A mais velha integrante da família Maximiliano. Tem aproximadamente 80 anos de idade. Frequentemente visitada pela Madame Van Lang. Visita a Família Carrard no meio de uma noite devido à uma visão. Morre em decorrência de moléstia no peito. Apresenta descrição de características físicas, comportamentais e de vestimenta. (88)
Séquito	Figurante Plano Coletivo	Grupo que acompanha Dom Pedro II nas audiências. Composto por ministros, capitães, conselheiros, secretários, parlamentares ultramonarquistas, médico, dois capelões, serventes homens e serventes mulheres. (107)
Silveiro	Secundário Plano	Homeopata. Português oriundo de Évora. Homem de posses. Estimado na corte e na província. Sócio do Conde Montravel. Apresenta descrição de características comportamentais. (42)
Souza Franco	Secundário Plano	Ministro de Dom Pedro II. Conversa com Montravel sobre as dúvidas deste sobre o pagamento da sisa. (107)
Suíço	Secundário Plano	Suíço. Integrante da primeira leva de colonos suíços. Informa Carrard que o aguardavam para que abençoasse os três irmãos Moutet que morreram de tifo. (31)
Testemunhas da discussão	Secundário Plano Coletivo	Pessoas que presenciam a discussão entre o Conde Montravel e Cândido Gomes. Barcellos faz parte do grupo. Apresenta descrição de características comportamentais. (99)
Timóteo	Secundário Redondo	Administrador da colônia. Auxiliar-conselheiro do Conde Montravel quando este ocupa o cargo de vice-cônsul da França em Porto Alegre. Conhecido como <i>Contremaître</i> . Negocia diretamente com Brugger. Apresenta pretensões políticas. Ferido no ombro por uma pedrada durante o conflito entre a família alemã e um grupo de holandeses. Apresenta descrição de características comportamentais. (10)
Viúva Palse	Figurante Plano	Húngara. Embarca para Santa Maria da Soledade Apresenta descrição de características comportamentais. (111)

⁴⁰ Página em que o personagem tem sua primeira aparição ou menção na obra.

Assim, conforme observa-se na Tabela 21, foi identificado um número elevado de personagens no romance histórico em estudo, dos quais a maior parte pode ser classificada, no que diz respeito ao relevo e composição, como secundário e plano, respectivamente, enquanto, referente a modulação, verifica-se um número expressivo de personagens coletivos.

Além disso, são analisados na sequência os personagens que atuam como narradores, ou seja, Conde Montravel, Philippe, Madame Van Lang e Barcellos, bem como o personagem Carrard, o qual apresenta o maior destaque entre aqueles pertencentes ao grupo dos colonos, e Luís Bugre, o qual se trata do único personagem indígena individualizado na obra.

1.3.1. Conde Montravel

O Conde Montravel exerce o papel de personagem de maior relevo na obra em estudo, se tratando do protagonista desta. Sua inserção ocorre logo na primeira página do primeiro capítulo (Demari, 2018a, p. 7) e, com exceção do décimo sexto capítulo, sua presença é notada de alguma forma em todos os demais capítulos da obra. Além disso, Montravel apresenta a maior quantidade de monólogos interiores no decorrer do romance histórico.

Montravel, o qual não tem o seu primeiro nome exposto na obra, trata-se de um personagem verídico⁴¹. Este é descrito no romance histórico como um empresário que assume o posto de vice-cônsul da França em Porto Alegre até 1855 (Demari, 2018a, pp. 13, 61) e que posteriormente passa a dedicar-se à administração da colônia de Santa Maria da Soledade, a qual havia fundado (Demari, 2018a, p. 105). Além disso, este também é referido como proprietário de um hotel no perímetro da Alfândega em Porto Alegre (Demari, 2018a, p. 13).

Referente aos laços familiares, é mencionado que Montravel é filho de Philippe (Demari, 2018a, p. 110) e cunhado de Diesbach (Demari, 2018a, p. 18), além de ser casado com Elsa (Demari, 2018a, p. 7), com a qual tem dois filhos, Gabrielle e Paul (Demari, 2018a, p. 67). Já em relação aos laços de amizade, Barcellos ocupa o posto de um amigo próximo ao Conde Montravel, além de ser vizinho deste (Demari, 2018a, p. 13) e sócio do empreendimento colonial de Montravel, juntamente com Coelho e Silveiro (Demari, 2018a, p. 43).

⁴¹ Conforme verificado no terceiro capítulo desta dissertação.

Montravel apresenta, de modo geral, uma caracterização mais elaborada quando comparado com os demais personagens da obra. Desse modo, em três momentos distintos são mencionadas características do figurino deste personagem, sendo primeiro referido que este calça "botas de montaria" e cobre o pescoço com um "reluzente plastrão de musselina" (Demari, 2018a, p. 12), depois é indicado que este veste uma "casaca de veludo" e porta um "*foulard* de seda verde aguado" (Demari, 2018a, p. 22), e por último é mencionado que este estaria coberto "por golas e chapéu" (Demari, 2018a, p. 104). Já no que tange às características físicas do Conde Montravel, este é descrito como uma "figura esbelta" (Demari, 2018a, p. 104), com uma "barba em ponta no queixo, ao estilo do falecido ministro Cavaignac" (Demari, 2018a, p. 8), e de "magras faces" (Demari, 2018a, p. 121).

Montravel se faz presente ao longo da obra em diversos locais da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, tais como no ancoradouro de Porto Alegre, quando recebe a primeira leva de colonos (Demari, 2018a, p. 9), no hotel de sua propriedade, para tratar da sociedade com Barcellos, Coelho e Silveiro (Demari, 2018a, p. 41), e no porto dos Guimarães, quando tem uma conversa com Carrard (Demari, 2018a, p. 104). Além dos locais situados na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, o Conde Montravel também aparece em locais como o Paço Imperial no Rio de Janeiro, quando tem uma reunião com Dom Pedro II (Demari, 2018a, p. 106), e o porto de Havre na França, enquanto reflete sobre a sua colônia (Demari, 2018a, p. 17). Porém, curiosamente, este jamais visita a colônia de Santa Maria da Soledade (Demari, 2018a, p. 146), embora tenha sido encorajado diversas vezes para visitá-la, como, por exemplo, quando Elsa diz "Precisas pisar na colônia de uma vez por todas" (Demari, 2018a, p. 80), quando Barcellos refere "Não se faz uma administração somente observando relatórios" (Demari, 2018a, p. 84), quando Carrard declara "temos lá problemas e sua presença engrandeceria os ânimos de todos" (Demari, 2018a, p. 105) e quando Madame Van Lang o critica referindo que "o pior para tudo e todos é o Senhor Conde jamais ter colocado os pés na colônia Santa Maria da Soledade" (Demari, 2018a, p. 121).

Por fim, também são constatados diversos aspectos comportamentais e psicológicos do Conde Montravel, onde são observadas algumas atitudes intensas, como, por exemplo, quando este fica furioso com a chegada inesperada de imigrantes com destino à colônia (Demari, 2018a, pp. 37–39) e durante a discussão acalorada com Cândido Gomes que resulta no uso da violência por parte do Conde (Demari, 2018a, pp. 96–103). Montravel também se mostra um pouco contraditório sobre as razões que motivaram a escolha de povoar Santa Maria da Soledade apenas com imigrantes suíços e católicos, uma vez que este, em repetidos momentos, refere a preferência por este tipo de imigrante (Demari,

2018a, pp. 10, 42, 100), contudo, durante a discussão com Gomes, este informa que esta preferência não se tratava de uma escolha sua e sim de uma imposição por parte do governo (Demari, 2018a, p. 102). Montravel apresenta uma preocupação constante em relação à colônia, como, por exemplo, a não celebração de uma missa católica (Demari, 2018a, pp. 48, 105), a presença de protestantes (Demari, 2018a, pp. 50–51, 63, 79, 114) e as possíveis manifestações de opiniões contrárias ao empreendimento colonial (Demari, 2018a, pp. 8, 114). Além disso, o Conde demonstra um caráter religioso acentuado e, por vezes, exhibe intolerância religiosa contra os protestantes (Demari, 2018a, pp. 50–51, 63, 79–80).

1.3.2. Philippe

Embora Philippe seja citado pela primeira vez no sexto capítulo (Demari, 2018a, p. 51) e aparecer em cenas do oitavo e do décimo terceiro capítulo, seu nome somente é revelado no décimo terceiro capítulo (Demari, 2018a, p. 110). Além disso, Philippe ocupa também a função de narrador do oitavo capítulo (Demari, 2018a, pp. 68–74), conforme verificado anteriormente, e é mencionado mais algumas vezes ao longo da obra, como, por exemplo, no décimo, décimo quarto e décimo nono capítulos.

Philippe, pai do Conde Montravel (Demari, 2018a, p. 51), é referido como alguém que permaneceu durante um certo período em Montevideu, no Uruguai, ao serviço da França como "observador militar" (Demari, 2018a, pp. 51, 57, 69), além de possuir um escritório na França (Demari, 2018a, p. 84). Embora não sejam especificadas muitas características deste personagem, este é descrito por Montravel como um sujeito "velho, mas sempre em forma" (Demari, 2018a, p. 110) e um "incentivador da empreitada colonizadora" (Demari, 2018a, p. 113), e pelo agente Brugger como alguém "*um tanto quanto desconfiado*" (Demari, 2018a, p. 140).

Verifica-se que Philippe aparenta ser um personagem de grande influência, uma vez que este foi um dos responsáveis pela nomeação do Conde Montravel como vice-cônsul da França em Porto Alegre (Demari, 2018a, p. 70), bem como por alinhar junto às "casas francesas e brasileiras dos Orleans" o empreendimento colonizador de Montravel (Demari, 2018a, p. 72). Além disso, este apresenta algumas preocupações sobre o desenvolvimento da colônia Santa Maria da Soledade, como, por exemplo, o método utilizado na angariação de imigrantes e a necessidade de a empresa colonizadora contar com um agente de confiança, bem como é responsável por incentivar o filho a se tornar um colonizador particular (Demari, 2018a, pp. 72–74).

Na obra, Philippe relata que investiga o agente Brugger após ter conhecimento "de que o envio de imigrantes se dava de forma desregrada" (Demari, 2018a, p. 68) e posteriormente informa Montravel que este agente "trabalha com subornos" (Demari, 2018a, p. 110). Além disso, este relata que em diversos momentos também solucionou questões envolvendo a empresa marítima, além de ter acompanhado "as campanhas hoteleiras de Friburgo" (Demari, 2018a, p. 68).

1.3.3. Madame Van Lang

A Madame Van Lang, a qual não tem o seu primeiro nome revelado na obra, é citada logo no primeiro capítulo, bem como no segundo, sexto, oitavo, nono, décimo terceiro, décimo quarto e vigésimo primeiro capítulos. Além disso, Madame Van Lang aparece em cenas no décimo quinto e décimo oitavo capítulos e é responsável por narrar três capítulos da obra, nomeadamente o décimo primeiro, décimo oitavo e vigésimo capítulos.

Madame Van Lang, a qual trata-se de uma personagem verídica e cujo sobrenome foi alterado de van Langendonck para Van Lang⁴², é descrita na obra como uma mulher belga, viúva e autora de "duas coletâneas de poesias" (Demari, 2018a, p. 11) e da coletânea de artigos de literatura publicados no jornal *Auswanderungs-Zeitung*, os quais retratam a colônia Santa Maria da Soledade (Demari, 2018a, pp. 8, 16–17). A personagem não exibe qualquer descrição sobre sua aparência física, porém esta apresenta uma caracterização de vestimenta, onde é referido que Van Lang utiliza um "lenço à cabeça" para proteger-se do sol (Demari, 2018a, p. 135).

Na obra, a escritora belga toma conhecimento sobre o empreendimento colonial através do filho Leon Van Lang⁴³, o qual a convida para residir na colônia de Santa Maria da Soledade (Demari, 2018a, pp. 11, 37). Esta, impulsionada pelo desejo de infância de conhecer a mata virgem, aceita o convite e passa a viver em uma cabana na referida colônia (Demari, 2018a, pp. 87–88), apesar de ter sido desaconselhada por Montravel, o qual a considerava como não pertencente à "categoria de habitante esperada para uma colônia de florestas nativas e de futuro agrícola" (Demari, 2018a, pp. 11, 47).

⁴² Madame van Langendonck, cujo nome completo era Marie Barbe Antoinette Rutgerts van Langendonck, é autora da obra *Une Colonie au Brésil: Récits Historiques par Madame Van Langendonck* publicado em 1862, a qual retrata também o período em que esta permaneceu na colônia Santa Maria da Soledade (M. Van Langendonck, 2002, pp. 13–14; M. B. A. R. van Langendonck, 1862).

⁴³ Leon Van Lang era membro do grupo de agrimensores responsável pela medição de terras da colônia Santa Maria da Soledade (Demari, 2018a, p. 11).

Ao longo da obra, em diversos momentos, Madame Van Lang é motivo de preocupações por parte do Conde Montravel (Demari, 2018a, pp. 62, 81, 111, 120), o qual, segundo Barcellos, teme que esta poderia "divulgar más propagandas da administração" da colônia (Demari, 2018a, p. 114). Por conta disso, possivelmente, a viajante belga recebe muita atenção por parte de Montravel durante sua estada, como, por exemplo, sendo recebida pelo Conde ao chegar em Porto Alegre e homenageada com a denominação de um arroio⁴⁴ (Demari, 2018a, pp. 47–48, 81), bem como é acompanhada por um criado do Conde desde o desembarque no cais de Porto Alegre até o local da reunião que esta teria com este (Demari, 2018a, p. 120).

Verifica-se que a visão de Madame Van Lang sobre a colônia se altera ao longo da obra. Inicialmente, esta apresenta um encantamento tanto sobre a colônia, bem como sobre o projeto de colonização idealizado por Montravel (Demari, 2018a, pp. 85–86). Após, esse encantamento transforma-se em uma visão negativa sobre o rumo tomado pela colônia, como, por exemplo, ao considerar que falta "pulso na inspeção dos tipos" que são encaminhados para a colônia (Demari, 2018a, p. 120), a qual passa a receber "ladrões, incendiários e até homicidas" (Demari, 2018a, p. 145), e ao referir a inexistência de condições básicas, como padre, médico e escola, bem como ao fato de Montravel "jamais ter colocado os pés na colônia" (Demari, 2018a, p. 121).

Além disso, Madame Van Lang, em virtude do assassinato de dois imigrantes pelos indígenas e de todos os demais problemas vivenciados na colônia, opta por deixar Santa Maria da Soledade alegando que esta se trata de um local "aquém da civilização", desprovido tanto de autoridade como de lógica. Por fim, esta permanece na residência do Barão d'Ornano, em Porto Alegre, até o seu retorno à Europa (Demari, 2018a, pp. 134, 136–138).

1.3.4. Barcellos

Barcellos, o qual também não tem o seu primeiro nome revelado no romance histórico em estudo, aparece em cenas do segundo ao sexto capítulos, além de em cenas do nono, décimo, décimo segundo e décimo sétimo capítulos e é citado no décimo quinto capítulo. Barcellos, conforme verificado anteriormente, também ocupa a função de narrador no décimo quarto capítulo (Demari, 2018a, pp. 112–116).

⁴⁴ Arroio da Francesa, nome escolhido por Timóteo que "sequer se preocupou com a nacionalidade" de Madame Van Lang (Demari, 2018a, p. 81)

Este, o qual trata-se de um personagem verídico⁴⁵, é descrito na obra em estudo como um homem casado, advogado, formado em São Paulo, e sócio de Coelho, Montravel e Silveiro na empresa colonizadora, além de ser deputado e chefe do Partido Conservador (Demari, 2018a, pp. 13, 42–43, 113, 115). Além disso, Barcellos é também proprietário de um escritório de advocacia em Porto Alegre, localizado ao lado do hotel do Conde Montravel (Demari, 2018a, p. 13).

Em relação às características físicas e de vestimenta do personagem Barcellos, este não apresenta qualquer informação sobre os aspectos físicos, mas exibe uma descrição sobre a sua vestimenta, a qual indica que este segurava um "chapéu de palhinha" com suas mãos (Demari, 2018a, p. 129).

Barcellos demonstra possuir uma estreita relação com o Conde Montravel, sendo o "primeiro amigo brasileiro" deste (Demari, 2018a, p. 13). Assim, o advogado acompanha Montravel em diversos momentos ao longo da obra, como, por exemplo, no lanchão que transportava a primeira leva de imigrantes com destino à colônia Santa Maria da Soledade (Demari, 2018a, pp. 14–15), nos momentos destinados "para fumar um puro e atualizar fatos diversos" (Demari, 2018a, p. 83), bem como na discussão entre Montravel e Cândido Gomes, onde este auxilia a segurar o amigo para evitar maiores tumultos (Demari, 2018a, pp. 97–103).

Além disso, Barcellos também exerce um papel de conselheiro de Montravel, como, por exemplo, ao sugerir que o Conde apresente um recurso para que o trabalho extra das medições seja de responsabilidade "da Fazenda Pública" (Demari, 2018a, p. 29), ao alertar Montravel sobre os comentários que havia escutado na Praça da Alfândega sobre o episódio das mortes de três Moutet por tifo, os quais eram também presenciados pelo jornalista Cândido Gomes (Demari, 2018a, p. 34), e ao referir ao amigo que a sociedade colonizadora já não estaria mais em posição de negociar com o Império (Demari, 2018a, pp. 130–131).

1.3.5. Carrard

Carrard desempenha o papel de colono imigrante com maior destaque no romance histórico *A Colônia do Conde*. Este personagem é introduzido no segundo capítulo da obra (Demari, 2018a, p. 16) e aparece em cenas de outros oito dos 21 capítulos, nomeadamente: terceiro, quarto, sétimo, nono, décimo segundo, décimo quinto, décimo sexto e décimo sétimo capítulos.

⁴⁵ Conforme verificado no relatório do Barão de Muritiba (Muritiba, 1856, p. 25).

Este, o qual não tem o seu primeiro nome revelado e pode ter sido inspirado em Lamberto Versteg⁴⁶, passa a ser chamado de Pai Carrard, no quarto capítulo, quando um dos irmãos Moutet, logo após o episódio que aborda a morte por tifo de três dos cinco irmãos, menciona que "Carrard passa a ser um pai para todos nós. Pai Carrard" (Demari, 2018a, pp. 31–33).

Na obra em estudo, Carrard é descrito como um lavrador, casado, pai de sete filhos, com idade um pouco acima de 50 anos e como o mais velho da primeira leva de colonos suíços com destino à colônia Santa Maria da Soledade (Demari, 2018a, pp. 16, 22, 24–25). Relativamente às descrições de sua vestimenta, somente é facultada a informação de que este veste "esfarrapadas roupas de trabalho" e utiliza um "chapéu de palha" (Demari, 2018a, p. 104). Já em relação as suas características físicas, este é retratado como alguém com uma "espessa barba ruiva" (Demari, 2018a, p. 66).

Pode-se observar que a presença de Carrard se dá em diversos locais ao longo da obra, tais como na propriedade da família Carrard e na sede da colônia Santa Maria da Soledade, contudo verifica-se que este também aparece em cenas fora da colônia, como na sesmaria do Rodrigues (Demari, 2018a, pp. 15–16) e no porto dos Guimarães (Demari, 2018a, pp. 104–105, 131).

Verifica-se que Carrard exibe um forte caráter religioso e exerce um papel de porta-voz do grupo da primeira leva de colonos suíços desde o princípio, passando posteriormente a ser uma liderança local em Santa Maria da Soledade. Tais características podem ser observadas em diversos momentos do romance histórico em estudo, como, por exemplo, quando este toma a palavra pela primeira vez questionando Montravel sobre quando o grupo de suíços teria contato com um padre (Demari, 2018a, p. 16), no momento em que este propõe ao grupo que a chegada deles neste "paraíso verde" fosse marcada "com uma oração" (Demari, 2018a, p. 24), na ocasião em que este é procurado pela senhora Maximiliano no meio da noite devido a uma visão desta, a qual indicava que ele deveria "tomar uma canoa e descer sozinho ao porto dos Guimarães", pois "Um vulto [Montravel] vem ao encontro da colônia" (Demari, 2018a, p. 104), e quando foi solicitada a presença deste na sede da colônia para auxiliar a dissolver um tumulto entre uma família alemã e um grupo de holandeses gerado por conta da entrega de cartas (Demari, 2018a, pp. 118–119).

⁴⁶ Lamberto Versteg, personagem verídico e presente na obra de Gansweidt (1946), pode ter sido utilizado como inspiração para criação do personagem Carrard por conta de algumas similaridades entre estes, conforme verificado no quarto capítulo deste estudo.

Por fim, apesar do esforço despendido na tentativa de solucionar e mitigar os problemas e conflitos na colônia, este tem a expectativa de dias melhores frustrada com as mortes do filho Calmo e da esposa. Assim, sem suportar o peso extra de tais perdas, as quais se somavam aos demais problemas enfrentados na colônia, este acaba por partir sozinho de Santa Maria da Soledade, portando apenas "uma pequena trouxa de roupas" (Demari, 2018a, pp. 127–129).

1.3.6. Luís Bugre

Este personagem é introduzido apenas duas vezes ao longo do romance histórico em estudo, mais especificamente no nono e décimo sexto capítulos. Em ambos os casos, sua presença na obra se dá na sede da colônia Santa Maria da Soledade logo após ocorrer uma incursão indígena nesta, sempre acompanhando Rodrigues, seu padrinho (Demari, 2018a, pp. 75–77, 126–127).

Luís Bugre, batizado como Luís Antônio, trata-se de um personagem verídico⁴⁷. Na obra em estudo, este é descrito como um indígena de origem kaingang, de pele morena avermelhada, de olhos repuxados e com alguns pelos na região do bigode, o qual possui amplos conhecimentos da região (Demari, 2018a, p. 76). Este, ainda quando criança, foi capturado durante uma incursão indígena, após ser ferido no joelho com uma pedrada, ficando aos cuidados de Rodrigues. Com isso, Luís é batizado, instruído na religião católica e aprende o idioma dos estrangeiros (Demari, 2018a, p. 76).

Referente à sua vestimenta, somente é descrito que este utiliza um "chapéu de palha de aba larga" (Demari, 2018a, p. 76). Entretanto, no que tange suas características comportamentais, este é retratado como alguém arreado e que desperta temor por seu "olhar ameaçador" ao olhar "a todos de lado por debaixo" de seu chapéu (Demari, 2018a, p. 76).

Quando a palavra é passada para Luís Antônio, o qual é o único indígena que apresenta diálogo na obra, este demonstra ter certas dificuldades para se expressar nas duas únicas oportunidades que possui, conforme pode ser observado em "O homem é da terra, não contrário. A terra viva como vivos espíritos" (Demari, 2018a, p. 77) e em "Não bom caçar

⁴⁷ Luís Bugre é retratado em pelo menos outras três obras: *As Vítimas do Bugre*, de Monsenhor Matias José Gansweidt, originalmente publicada com o título *Luis Buger und die Opfer Seiner Rache* (1929), *Prisioneiros dos Bugres* (1966) e *Luís Bugre, o Indígena Diante dos Imigrantes Alemães* (1977) ambas de autoria de Fidélis Dalcin Barbosa. Além disso, a obra *Une Colonie au Brésil: Récits Historiques par Madame Van Langendonck* (1862), de Marie Barbe Antoinette Rutggerts van Langendonck, apresenta um "ex-sauvage" de nome "Antonio Loiz", o qual "Il était resté jusqu'à l'âge de seize ans, dans la tribu des indiens où il était né" (M. B. A. R. van Langendonck, 1862, pp. 29–30), podendo este se tratar também de Luís Antônio.

índio agora. Índios têm caminhos segredo. Longe todos já" (Demari, 2018a, p. 127), onde se constatam falhas, como, por exemplo, a ausência de alguns artigos e verbos, a utilização de um substantivo no lugar de um adjetivo e a posição errônea do advérbio "longe".

Por fim, as expressões de cunho pejorativo utilizadas por Rodrigues para descrever Luís Antônio, como, por exemplo, "era kaingang", "demos nome de gente [...], foi até batizado" e "Sabe até o gosto do pasto", bem como a proferida pelo narrador, "bugre tornado gente" (Demari, 2018a, p. 76), fazem alusão de que Luís deixa de ser um selvagem após sua captura.

1.4. Diálogos

Para Reis & Lopes, o diálogo pode ser brevemente descrito como a "forma mais mimética de representação" da voz das personagens, o qual, inclusive, pode oferecer detalhes sobre as características e cenário social destas (Reis & Lopes, 1987, pp. 97–99), enquanto os monólogos representam uma variação do diálogo, onde um eu fala para um eu/tu que ouve (Reis & Lopes, 1987, p. 97). Assim, com base nestas considerações, pode-se verificar que a obra em estudo apresenta, ao longo dos seus 18 capítulos iniciais, diálogos e monólogos, sendo estes marcados pelo uso do recurso gráfico de aspas em linha (« »).

Como um exemplo de diálogo, pode-se verificar o trecho a seguir, o qual é referente a um diálogo entre Major Barend e Barcellos na colônia e está presente no décimo sétimo capítulo da obra:

No momento em que o velho Carrard se movia rumo ao leste com uma pequena trouxa de roupas, Barcellos apeava do cavalo na casa do *Contremaître*. Quem recebia o sócio empreendedor, porém, era o Major Barend.

«Seja bem-vindo, doutor Barcellos. Lamento que a visita se dê em dias tristes».

«Queria ter chegado para acompanhar os sepultamentos. Oferecer nossa solidariedade aos familiares».

«Os enterros aqui em Santa Maria da Soledade são mais dolorosos que o senhor pode imaginar. A comoção pela morte é agravada pela melancolia de não haver um sacerdote confortador e um cemitério para abrigo santo das almas».

Barcellos não conseguiu prosseguir no assunto. Segurava o chapéu de palhinha com ambas as mãos na altura do colo. Olhava para o alto dos morros.

«Vou solicitar ao Império que prossiga com a administração da colônia».

«O que dizes?» o cenho do Major indicava espanto. (Demari, 2018a, p. 129)

No início do trecho apresentado observa-se que o narrador realiza uma introdução à cena. Após, este se retira momentaneamente, abrindo espaço para que os personagens tomem a palavra, sem que este se intrometa no diálogo.

Um outro exemplo de diálogo pode ser observado no próximo fragmento, o qual é oriundo do terceiro capítulo do romance histórico em estudo e expõe a conversa entre dois emigrantes, um de sobrenome Carrard e outro de sobrenome Moutet:

Um dos destinatários de Santa Maria da Soledade tomou coragem de buscar o mais velho dos migrantes para externar o pensamento que lhe angustiava há dias. Remexia sem trégua as mãos suadas: «No fim das contas, penso que fomos de alguma forma convencidos. Os governos talvez tenham o objetivo de aliviar os campos que nos viram nascer. O que diriam nossos companheiros de viagem se soubessem disso? É revoltante».

«Não poderão falar nada. Soube que entre os solteiros há quem foi forçado a assinar acordo de emigração por estarem desempregados. Éramos um peso e muitos mais passarão por isso» respondeu o senhor.

«Sou da família Moutet» apresentou-se o rapaz corpulento e bem barbeado. «Somos cinco irmãos em viagem e, a propósito, somos solteiros, mas não vagabundos». A colocação fora feita nos limites entre o descontrair e o zangar. O homem riu, tranquilo. «Somos Carrard. Vamos eu, a mulher e filhos».

«Por que o colonizador francês não prefere compatriotas no empreendimento?» prosseguiu irrequieto o mais jovem.

Carrard suspirou enquanto podava as unhas com um canivete. «Nós, suíços, não nos queixamos da Igreja, da Monarquia, da ordem e do trabalho como fazem os franceses. Somos o sonho dourado para qualquer território em colonização no mundo».

Passou-se quase um mês em alto-mar, o período de quarentena no Espírito Santo e a chegada a Porto Alegre. Os corações em alta rotação. (Demari, 2018a, pp. 21–22)

Assim como no exemplo anterior, o narrador introduz a cena, porém neste caso, este se retira momentaneamente, abrindo espaço para que as personagens tomem a palavra, mas realiza considerações nos intervalos dos diálogos.

Já como um exemplo de monólogo, pode-se observar a seguir um fragmento do primeiro capítulo, o qual trata-se de um momento de reflexão do Conde ao tomar conhecimento do capítulo inaugural da obra da viajante belga:

Murmurava para si próprio: «Fosse a imprensa brasileira, entenderia, mas estranha um jornal europeu aceitar uma coletânea com potencial de difamar um descendente da Casa Montravel».

Fazia da conformada expectativa do nascer do sol o período para atualizar-se dos fatos diversos da imprensa nacional. Apanhava-os junto de eventuais jornalões estrangeiros adormecidos da noite anterior ao sopé da porta iluminada pelos lampiões a gás.

Por mais que a cartola indicasse uma "literatura", conhecia a história dita e feita, com doloroso protagonismo. Estava tudo lá. As informações de base constavam sem demérito no capítulo inaugural e se insinuavam em ansiosos detalhes para as próximas edições.

Embora não precisasse acompanhar as próximas edições, pistas apareciam desde já sinalizando um inventário doloroso. O que eram lembranças amargas prendiam fogo de vida a partir do texto em alemão. Aquelas alturas, as labaredas já estariam iluminando e aquecendo inúmeras casas europeias.

«À autora sei que interessa o prestígio de instalar-se como bom nome literário, mas o jornal que vantagens tem em expor histórias diretamente ligadas a mim? Faltou sensibilidade aos publicadores em poupar alguém que solidificou carreiras na navegação, no ramo das hotelarias, no trato público em cargos de

virtudes invulgares. Eu, filho do homem que negociou o castelo de Prangins aos Bonaparte!». (Demari, 2018a, pp. 8–9)

Neste trecho pode-se verificar que o narrador realiza uma breve introdução ao monólogo de um eu que fala para um eu que escuta. Após, este se retira momentaneamente, abrindo espaço para que o Conde tome a palavra. Na sequência, o narrador retoma a palavra nos três subsequentes parágrafos, voltando a ceder esta a Montravel mais uma vez, o qual volta a realizar um monólogo nos moldes do anterior.

1.5. Tempo

Com base no estudo desenvolvido no quarto capítulo, o qual é dedicado ao estudo da colônia Santa Maria da Soledade, verifica-se que a organização do tempo na obra em estudo difere do tempo histórico.

Referente ao tempo histórico, pode-se observar que Montravel atuou por alguns anos como vice-cônsul da França em Porto Alegre antes do seu envolvimento no processo de fundação e colonização de Santa Maria da Soledade (Laemmert, 1854, p. 193, 1855, p. 217). Mais tarde, em fevereiro de 1855 Montravel firmou um contrato para aquisição de terras devolutas, entre o rio Caí e o arroio Maratá, junto ao governo imperial (Coelho, 1856, p. 94). Neste, ele se comprometia a estabelecer colonos lavradores, enquanto o governo imperial ficaria responsável tanto pela medição e demarcação da respectiva área para a implantação da colônia, bem como por subsidiar a empresa colonizadora (Coelho, 1856, pp. 94–95). Entretanto, as dificuldades financeiras logo surgiram, mas buscando superá-las (“Interior. Correspondência Do Rio Grande.” 1856), Montravel deu início à Sociedade Montravel, Silveiro e Comp.^a, onde Israel Rodrigues Barcellos, Dionizio de Oliveira Silveiro e José Antonio Coelho Junior ingressaram como sócios (Muritiba, 1856, p. 25). Todavia, devido aos pequenos progressos no projeto de colonização, Montravel e seus sócios firmaram um novo contrato em fevereiro de 1857 (Camara, 1857, p. 24). Porém, mesmo assim, a sociedade colonizadora não conseguiu cumprir com suas obrigações, alegando enfrentar dificuldades com o processo colonizatório (A. M. da S. Ferraz, 1858, pp. 22–23). Contudo, os problemas financeiros persistiram com o passar dos anos (Leão, 1860b, p. 32) e a sociedade se viu obrigada a solicitar a extinção do seu contrato junto ao governo imperial (Koseritz, 1867, p. 14). Por fim, no ano de 1877, a colônia é “emancipada do regimen colonial” (Decreto N. 6480 - de 18 de Janeiro de 1877, 1877).

Já referente à organização do tempo adotada na obra *A Colônia do Conde*, verifica-se que os acontecimentos são dispostos em uma ordem cronológica não linear, conforme

pode-se observar nos apontamentos realizados na sequência, bem como o período englobado na obra corresponde somente à uma parte do período histórico desta colônia.

Ao invés de iniciar a obra com fatos anteriores à fundação da colônia, como, por exemplo, o período em que Montravel atuou como vice-cônsul em Porto Alegre, esta inicia com o episódio onde o Conde, em meio ao café da manhã, na França, toma conhecimento da publicação de uma literatura sobre a colônia fundada por ele (Demari, 2018a, pp. 7–8). Tal evento situa-se, possivelmente, no início da década de 1860, uma vez que a referida publicação se trata da obra literária publicada por Madame van Langendonck, a qual foi a inspiração da personagem Madame Van Lang.

No decorrer da obra, observa-se o uso de recursos de saltos temporais, como a analeps⁴⁸, para introduzir episódios cronologicamente precedentes e, até mesmo, significativamente distantes temporalmente ao episódio inaugural da obra, como é o caso do trecho envolvendo a chegada do primeiro grupo de imigrantes em Porto Alegre com destino à colônia Santa Maria da Soledade, o qual ocorre ainda no primeiro capítulo (Demari, 2018a, p. 9).

Além disso, entre os diversos saltos temporais observados, pode-se citar um trecho oriundo do terceiro capítulo, o qual aborda um período anterior à chegada em Porto Alegre deste primeiro grupo de imigrantes (Demari, 2018a, pp. 20–22). Outro exemplo pode ser observado no sexto capítulo, o qual compreende questões envolvendo o período inicial da atuação de Montravel como vice-cônsul da França em Porto Alegre (Demari, 2018a, pp. 53–54), sendo este um período anterior ao envolvimento do Conde com a colonização.

Por fim, verifica-se que nenhum dos saltos temporais observados na obra, aparentemente, ultrapassam o período abordado no final desta, uma vez que neste trecho conclusivo do romance histórico, Montravel faz menção de ter lido os escritos de Madame (Demari, 2018a, p. 148). Portanto, pode-se concluir que a abertura da obra *A Colônia do Conde*, com base nas considerações de Aguiar e Silva (2004, p. 286), acontece *in ultimas res*, uma vez que a abertura da obra possui uma conexão próxima com as últimas páginas desta, como pode ser observado na Figura 10.

⁴⁸ Também denominada de *flash-back*, a analepse corresponde a qualquer "movimento temporal retrospectivo", o qual tem por objetivo abordar acontecimentos precedentes "ao presente da ação e mesmo, nalguns casos, anteriores ao seu início." (Reis & Lopes, 1987, p. 26).

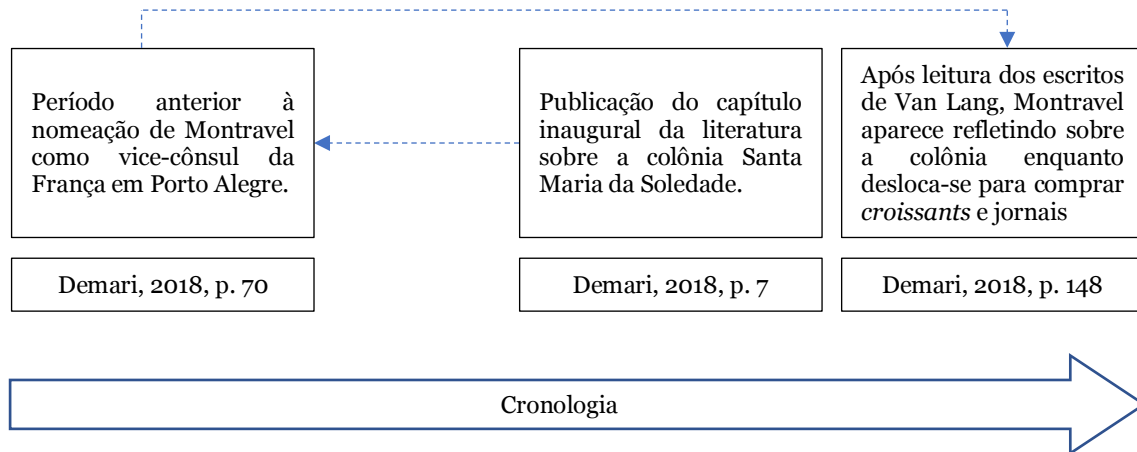


Figura 10 – Amplitude da obra.

1.6. Espaço

Referente ao espaço do romance histórico em estudo, pode ser verificado que este apresenta espaço físico, o qual engloba os elementos físicos onde ocorre a ação e onde os personagens se movimentam, espaço social, o qual corresponde ao ambiente social, e espaço psicológico, o qual diz respeito ao universo interior do personagem (Reis & Lopes, 1987, p. 129). Além disso, tais espaços aparecem, por vezes, em simultâneo.

Referente aos espaços físicos da obra em estudo, pode-se considerar que os mais relevantes se encontram no Brasil e pertencem ao universo da colônia Santa Maria da Soledade e de Porto Alegre, sendo estes frequentados em diversos momentos pelos personagens da obra em estudo. Já entre os espaços físicos externos ao Brasil, a cidade francesa de Havre configura-se como um espaço de destaque.

Entre os espaços físicos presentes na obra em estudo, podemos citar como exemplo o lanchão que transportava a primeira leva de imigrantes suíços, o qual é descrito no segundo capítulo:

O Conde Montravel viajava no lanchão dos imigrantes acompanhado por Barcellos. Ambos se interessavam pelas ágeis manobras para evitar as areias do Jacuí. Observavam com gosto o contorno das ilhas da Pintada, do cônsul norueguês e a das Flores a partir da miúda cabine toldada. Viajava ao lado do condutor e dois ajudantes, em plano elevado em relação ao convés. Os imigrantes se ajeitavam na exígua parte frontal, a maioria acomodada em cima das bagagens. Diversos baús de madeira e trouxas de roupas separavam estes e aqueles rumo às terras altas que ficavam além das colônias alemãs. (Demari, 2018a, pp. 14–15)

Tal trecho apresenta descrições dos elementos físicos que compõem o espaço do lanchão em que os personagens exercem suas ações, tais como a cabine toldada, o convés, as bagagens, os baús de madeira e as trouxas de roupas. Além disso, neste trecho também é possível verificar a descrição de dois espaços sociais, onde um destes engloba os

imigrantes, localizados na parte frontal do convés, e outro abrange o condutor da embarcação e os responsáveis pelo empreendimento colonial, situados no interior da cabine toldada e acompanhados por dois ajudantes.

Já como um exemplo de espaço social, pode ser observado um trecho do quinto capítulo da obra em estudo, o qual descreve o evento em que o deputado Barcellos, o médico Silveiro e o fazendeiro Coelho foram convidados para integrar o empreendimento colonial de Montravel.

A informação de que a colônia vivera um episódio de alarme com os kaingangues chegou ao Conde enquanto preparava um importante evento: convidaria Barcellos e mais dois fortes capitalistas para ingressarem na empresa colonizadora. A cozinha do hotel recebera ordens de preparar um menu completo naquele dia, incluindo *crème brûlée* e vinho de colheita tardia para a sobremesa, enquanto que os serviçais preparavam a sala de jantar principal.

[...]

«Distintos senhores, como já lhes coloquei antes do almoço, agradeço por terem aceitado o convite» solenizava o Conde apoiado num charuto Ramon Allones.

«Amigos são para estas horas» Barcellos ergueu um copinho de licor de ervas. Seguiram o gesto o médico Silveiro e o fazendeiro Coelho.

«Como todos sabem, alguns mais, caso do nobre deputado Barcellos, outros por meio da imprensa, estou à frente de um empreendimento notável. Obtive do Império do Brasil autorização para adquirir dezesseis léguas quadradas de terras devolutas nas proximidades do rio Cahy para colonizá-las. Entre meus compromissos com a Corte está povoar a colônia Santa Maria da Soledade com imigrantes suíços católicos».

[...]

«Se o senhor precisa de auxílio de capital, pode contar comigo» disse Barcellos.

«Mais do que isso: quero admiti-los como sócios».

Um aplauso uníssono selou o aceite.

[...]

«Bonita caixeta de rapé, doutor Silveiro»

«É de ouro, pois». (Demari, 2018a, pp. 42–43)

Neste exemplo é possível verificar que além da reunião ser composta por integrantes de um seletto grupo da alta sociedade, onde estão presentes, além do Conde, um deputado, um médico e um fazendeiro, também é possível observar que são descritos comportamentos e elementos que possuem relação direta com este grupo social. Assim, neste encontro é servido um "menu completo" que inclui "*crème brûlée* e vinho de colheita tardia para a sobremesa" na sala de jantar principal do hotel do Conde. Após o almoço, é mencionado que Montravel segura um charuto Ramon Allones e Barcellos um copinho de licor de ervas, o qual é erguido para simbolizar o apoio ao Conde. Também é mencionado que Montravel obtém autorização do "Império do Brasil" para aquisição de terras para colonização, ficando acordado com a corte de introduzir "imigrantes suíços católicos". Além disso, Barcellos indica que, caso seja necessário um "auxílio de capital",

o Conde poderia contar com sua ajuda. Por fim, Silveiro, após receber um elogio sobre a sua caixeta de rapé, menciona que esta seria "de ouro" (Demari, 2018a, pp. 42–43).

Já referente ao espaço psicológico, verifica-se que a interioridade do Conde Montravel se trata do espaço psicológico mais explorado na obra em estudo. Deste modo, pode-se utilizar como exemplo um trecho do décimo terceiro capítulo, onde são expostos alguns dos pensamentos do Conde enquanto este aguardava ser chamado para a sua audiência com o Imperador Dom Pedro II:

Revisava minhas credenciais e as duplicatas de registros de imigrantes, enquanto o pensamento vagava. Imaginava-me numa comitiva entrante em Santa Maria da Soledade. No alto do maior morro, um vigia acendia uma girândola de foguetes a alertar o povoado. As bandeiras do Brasil e da França eram arvoradas na casa do diretor, reformada e ampliada para o grande dia. Sinos repicavam da capela dedicada à padroeira. Havia uma missa festiva com órgão e coral. Seguia-se um cortejo com banda e flores. Passava-se à formatura de oficiais, salva de tiros, saudações num bonito palanque. A Madame Van Lang deixaria de lado a delicada discrição para incitar vivas: "Viva o Conde, representante de Dom Pedro em nosso favor! Viva o Conde, benfeitor e protetor de Santa Maria da Soledade! Viva o Conde!". (Demari, 2018a, pp. 106–107)

Em tal recorte é possível verificar o espaço psicológico de Montravel, onde são descritos os pensamentos deste, tornando-se possível verificar um uma das aspirações do Conde Montravel, o qual almeja ser reconhecido pelo seu trabalho em prol do desenvolvimento da colônia e o possível sucesso desta. Desta forma, o Conde inclusive imagina-se sendo aclamado por Madame Van Lang.

1.7. Descrições

Ao longo do romance histórico em estudo, verifica-se que são realizadas algumas descrições, as quais podem ser interpretadas como fragmentos que possuem o objetivo de transmitir "informações sobre as personagens, os objectos, o tempo e o espaço", sendo estas "tendencialmente estáticos" temporalmente (Reis & Lopes, 1987, p. 87). Deste modo, exemplos de descrições observadas na obra *A Colônia do Conde* podem ser encontrados nos trechos selecionados e apresentados na sequência.

No terceiro capítulo, o qual é narrado em terceira pessoa por um narrador externo ao universo diegético, é realizada uma descrição sobre o personagem Timóteo.

Auxiliar-conselheiro de Montravel quando este ocupava a função de vice-cônsul, Timóteo era um preposto da Província, indicado para diversas tarefas, entre as quais a de acompanhar oficiais estrangeiros. Estes o selecionavam para os gabinetes para fazer boa figura com a Corte ou com o Palácio de Barro, embora o campo de instrução dele não passasse de uma triste anotação: "Lê soletrado, escreve bastardinho e faz contas de repartir". Chamado de *Contremaître* pelo Conde, Timóteo se encarregara do cotidiano da colônia

enquanto pensava estratégias para disputar uma cadeira na Assembleia. (Demari, 2018a, p. 23)

Aparentemente, esta descrição tem como objetivo dar indícios sobre o comportamento de Timóteo, ocasionando uma certa previsibilidade de suas ações futuras ao longo da obra, como pode ser verificado no décimo oitavo capítulo, quando o agenciador Brugger revela que o envio de colonos para a colônia era utilizado por Timóteo como "*um propulsor de competências e visibilidades*" a fim de "*alcançar o poder público que [este] tanto almejava.*" (Demari, 2018a, p. 141).

Pode-se observar na sequência mais um exemplo de descrição, o qual ocorre no décimo capítulo, onde Montravel, no papel de narrador, efetua uma descrição sobre a cidade de Porto Alegre:

POUCO OU NADA aproveitávamos da meio açoriana, meio alemã Porto Alegre. Primeiro porque os afazeres do hotel e do vice-consulado nos consumia. Segundo porque a capital tinha limitado campo de opções. Ouvia falar de corridas de cavalos, embora um tanto clandestinas, já que sequer havia um clube de turfe daqueles vistos em Chantilly ou na Gávea. Salões de tiro ou de comerciantes pareciam sem graça. Uma Gesellschaft recreativa se instalava com pompa na rua Santa Catarina, mas por ora se encerrava em exclusividades aos germânicos, com toda razão. Com a instituição da empresa de colonização, então, os espaços de convivência com brasileiros, portugueses e alemães da cidade foram ainda mais reduzidos. Falavam da construção do Theatro São Pedro, mas sabe se lá quando. Para os senhores das estâncias, "desde que discretos", como dizia o Barcellos, havia as tolerâncias. (Demari, 2018a, p. 82)

Com base nesta, é possível verificar que a cidade colonizada por dois grandes grupos não oferecia muitas opções de entretenimento que agradavam ao Conde, optando este por frequentar "missas na Matriz" e ter "a companhia do sempre presente Barcellos" (Demari, 2018a, p. 83).

Já no décimo terceiro capítulo, o qual é narrado novamente por Montravel, é realizada uma descrição da cidade de Havre durante a estada do Conde e de sua filha, Gabrielle:

Havre nos recebeu superando um período difícil de conflitos políticos e de epidemias catastróficas. Percebia-se a retomada do comércio. A prosperidade era visível segundo a agitação do porto. A urbe modernizara-se com iluminação a gás, decente rede de esgotos e coleta de lixo organizada. A estrada de ferro funcionava e inspirava – um dia o trem haveria de subir a serra da Província rumo a Santa Maria da Soledade. Foi com o pequeno bonde da linha Grand-Quai-Saint Nicolas que alcançamos a *maison* Montravel. Embora iniciasse o inverno, o mercado das flores da praça Gambetta não se amedrontava, impondo cores e perfumes a quem se permitisse. Eu e minha filha recompomos identidades embalados pelo ding-ding da campainha de alerta aos pedestres mais desligados. A Prefeitura, o Palácio da Justiça, o Palácio da Bolsa de Valores, o Kleber Barracks, o Hotel, o banco regional, os escritórios de comissários, de companhias de navegação, do Fellows, as lojas de departamentos... Uma

multidão formigava o *boulevard* Strasbourg e a Praça da Câmara diante do exemplar edifício do Crédit Lyonnais. Nossos negócios estavam confiados à Casa Duclos, para onde rumei no dia seguinte, depois da reconfortante noite em que mal tive tempo de encontrar o velho, mas sempre em forma Philippe. (Demari, 2018a, pp. 109–110)

Nestes três parágrafos, observam-se menções sobre a melhoria da infraestrutura da cidade de Havre e de diversos estabelecimentos desta. Contudo, as descrições fornecidas apresentam poucos detalhes, sendo possível verificar apenas quais são as melhorias e quais são os tipos de estabelecimentos presentes na cidade, destacando as diferenças entre esta cidade europeia e as demais cidades sul-americanas apresentadas ao longo da obra em estudo, como Porto Alegre (Demari, 2018a, p. 82) e o Rio de Janeiro (Demari, 2018a, p. 108).

Já no décimo oitavo capítulo, Madame Van Lang, no papel de narradora, realiza uma descrição da residência do Barão d'Ornano e do próprio Barão:

A residência vinha decorada com insuspeito primor. Viam-se aparelhos de porcelana inglesa de brancura solene, toalhas de linho e guardanapos franjados, candelabros sempre seguindo um intimismo rococó, pinturas românticas, antiguidades de valor inestimável, volumes e mais volumes com capas de couro e janelões generosos com a luz do sol refletida pelo Guaíba. Acomodada no estar, logo recebi as atenções do anfitrião. Estava com uma elegante bengala e refeito da movimentação da Praça – enlevava uma essência de patchouli e tinha os cabelos lisos fixados com esmero para trás, a testa exposta. (Demari, 2018a, p. 137)

Neste trecho é possível verificar, com base nas diversas descrições realizadas por Van Lang, o elevado padrão de vida do Barão d'Ornano, vice-cônsul da França em Porto Alegre, bem como o requinte e conduta polida deste, o qual despertava fascínio por parte da Madame. Tais características são exaltadas pela narradora ao longo deste capítulo, tais como: "tinha um sobrado imenso na Capital", "tinha gostos delicados para as artes, com a gastronomia, no trato de modo geral", "de natureza polida e hospitaleiro como ninguém" e "um perfeito cavalheiro" (Demari, 2018a, pp. 137–138). Assim, caracterizando o Barão como um sujeito nobre em todos os sentidos.

Portanto, verifica-se que a obra analisada contém, em sua maioria, descrições breves, as quais possuem objetivos diversos, como, por exemplo, dar indícios do comportamento de alguns personagens, como o caso de Timóteo, caracterizar espaços e personagens, como no exemplo sobre o Barão d'Ornano e da residência deste, e enumerar itens, como os exemplos de Porto Alegre e de Havre.

1.8. Ritmo

De acordo com as considerações de Reis & Lopes sobre a velocidade e os signos técnico-narrativos, tais como cena, elipse e sumário (Reis & Lopes, 1987, pp. 53–55, 113–115, 378–379, 399–401), a obra *A Colônia do Conde*, a qual é redigida em 149 páginas dispostas em 21 capítulos, é, em sua maioria, marcada por sumários cortados por breves cenas e elipses, conforme pode ser observado desde o primeiro capítulo desta.

Ao longo das seis páginas do primeiro capítulo podem ser observadas diversas informações relacionadas ao Conde e à colônia Santa Maria da Soledade. Tal capítulo inicia descrevendo o momento em que Montravel, ainda na França⁴⁹, se depara com o "capítulo inaugural" de uma literatura sobre a colônia Santa Maria da Soledade. Na sequência, é abordada a chegada da primeira leva de imigrantes em Porto Alegre. Após, é referido o envio de um comunicado de Timóteo sobre a distribuição dos lotes a estes imigrantes. Então, é mencionada a inexistência de arranchamentos na colônia e a distribuição de ferramentas, sementes e ração básica aos imigrantes recém-chegados. Depois disso, são abordados outros tópicos, como a aquisição das terras para a implantação do empreendimento colonial, alguns objetivos do Conde para este empreendimento e o contato da Madame Van Lang com este. Por último, a narrativa retoma a chegada da primeira leva de imigrantes suíços em Porto Alegre (Demari, 2018a, pp. 7–12).

Desta forma, é possível verificar que a narrativa recebe um tratamento econômico na descrição dos eventos, tornando o tempo de leitura inferior ao tempo transcorrido dos fatos abordados, aumentando a velocidade da narrativa. Além disso, observa-se que o episódio da chegada da primeira leva de imigrantes se encontra dividido em dois momentos, onde alguns fragmentos de outros episódios aparecem inseridos entre estes.

Entretanto, verifica-se que ao longo da obra também ocorrem algumas poucas cenas de maior extensão, como a presente no décimo segundo capítulo, a qual aborda a discussão entre o Conde Montravel e o jornalista Cândido Gomes (Demari, 2018a, pp. 96–103). Tal cena engloba desde o momento em que os dois cavalheiros se cumprimentam até a altura em que Montravel deixa o local furioso. Nesta cena, a qual se estende por oito páginas, ocorrem algumas interferências do narrador, sendo a maioria delas destinada a descrever o comportamento de Montravel, tornando-se mais frequentes à medida em que a cena se aproxima do final, diminuindo a velocidade da narrativa.

⁴⁹ Conforme indicação da catedral e da ordem das Ursulinas (Demari, 2018a, p. 7).

Portanto, pode-se considerar que o romance histórico em estudo se desenvolve maioritariamente em um ritmo ágil com algumas oscilações, como quando cenas de maior extensão são observadas na narrativa.

1.9. Documentos

Relativamente à presença de documentos na obra em estudo, esta apresenta uma série de pequenos fragmentos de documentos que não ultrapassam cinco linhas de extensão, com exceção da carta de Brugger para Montravel (Demari, 2018a, pp. 140–141), sendo que alguns destes possuem o conteúdo explícito, marcado pelo uso de aspas elevadas, e outros o conteúdo do documento é apenas mencionado.

Como documentos explícitos podem ser citados os fragmentos oriundos de jornais, como o do *Correio Mercantil* (Demari, 2018a, p. 13) e do *Diário de Pernambuco* (Demari, 2018a, p. 14), de cartas, como a de Diesbach para Montravel (Demari, 2018a, p. 35), a de Leon Van Lang para Madame Van Lang (Demari, 2018a, p. 37) e a de Brigitte para Calmo Carrard (Demari, 2018a, p. 127), e de bilhetes, como o do Barão d'Ornano para Madame Van Lang (Demari, 2018a, p. 136). Assim, o trecho abaixo, o qual se encontra no décimo oitavo capítulo e faz referência ao bilhete escrito pelo Barão d'Ornano para a Madame Van Lang, é exibido abaixo com o intuito de exemplificar o uso destes pequenos fragmentos de documentos:

Como era de esperar, no dia seguinte recebi mensagem do vice-cônsul francês para que me hospedasse em peças disponíveis junto ao prédio que ele mantinha na rua da Ladeira. Um bilhete me aguardava à porta do edifício: "*Excusez-moi* que não la recebo pessoalmente. Fique à vontade no quarto e sala do segundo pavimento. Estou na Praça da Alfândega." (Demari, 2018a, p. 136)

Neste exemplo, o bilhete pode ser visto como uma espécie de ferramenta para a narradora, Madame Van Lang, transmitir sinais de veracidade, os quais complementam as colocações desta ao longo deste capítulo.

Já como documentos onde o conteúdo é apenas mencionado, podem-se citar as duas mensagens de Timóteo para Montravel (Demari, 2018a, pp. 81, 111), sendo a primeira destas localizada no nono capítulo e exibida na sequência:

Mais tarde, entre goles de Calvados, o Conde passou a analisar uma nova mensagem há alguns dias remetida pelo *Contremaître*. Tratava o documento de novos imigrantes que chegavam, num processo que já despertava naturalidade, embora houvesse as novidades das migrações internas, de alemães que deixavam São Leopoldo, Maratá, Nova Petrópolis e Picada Feliz para tentar recomeços nos distritos de Barcellos, Silveiro, Coelho e Montravel. (Demari, 2018a, p. 81)

Verifica-se que, no trecho exposto acima, não é fornecido o conteúdo do bilhete explicitamente, porém são realizadas indicações sobre a matéria deste, o qual trata da chegada de novos imigrantes.

Por outro lado, a obra também apresenta um documento de grande extensão, apresentado ao longo de duas páginas, o qual é referente a uma carta de Brugger para Montravel e compreende a totalidade do décimo nono capítulo, como pode ser observado a seguir:

ILUSTRÍSSIMO CONDE MONTRAVEL

Há muito desejava encontrá-lo para devidas notificações sobre nosso trabalho de agenciamento de imigrantes em Europa. Aguardava situações consolidarem-se, sobretudo no que diz respeito à Casa Duclos, que ia mal de administrações. Porém, no dia em que fui buscar conversa consigo, soube por meio de seu um tanto quanto desconfiado seu pai, que o senhor embarcava de retorno ao Sul do Brasil.

Pois a velhice progride e me faz preocupado em acertar dúvidas. Fato é que tomei conhecimento de suspeitas vossas para com minha pessoa e não posso deixar que isso abale a reputação deste humilde procurador.

É de conhecimento no Brasil que alguns governos europeus passaram a denegrir a política de colonização daquele Império. Estas determinações causaram enormes prejuízos para o nosso trabalho. E o senhor Conde sabe mais do que ninguém o quanto impactaram negativamente as remessas que fizemos ora com atraso, ora com atropelo, sempre com gentes indesejadas aos planos do empreendimento. Vossa empresa almejava católicos, mandamos também protestantes; vossa administração queria cidadãos suíços, recrutamos prussianos, holandeses e afins.

Houve uma determinação para que o Contremaître agisse com maior autonomia e ele o fez. Ao passo que admitia um olhar conivente sobre o recebimento destes imigrantes, Timóteo enviava dinheiros a mais que o acordado. O homem jamais escondeu que tinha pretensões políticas na Província de São Pedro e utilizava o trabalho em vossa colônia como um propulsor de competências e visibilidades. Pode não ter agido da forma mais adequada, mas pegou dinheiro da venda de terras próprias num povoado chamado Viamão e adicionou às remessas para fazer agilizar o agenciamento de braços.

De minha parte, também deixei de lado algumas condutas morais para utilizar os recursos e subornar - e aqui não há necessidade de eufemismos - autoridades germânicas. Sim: foi com pagamento extras que obtive a liberação de pessoas necessárias para colonizar Santa Maria da Soledade.

Embora de modos tortos, eu cumpria com meu papel perante vosso objetivo e o Contremaître entendia que seria beneficiado em seguida como grande administrador. Buscaria ressarcimento na forma de alcançar o poder público que tanto almejava.

Reitero que estou a envelhecer e desejo o estabelecimento das verdades antes que a barca de Caronte venha buscar-me.

Receba afetuosas lembranças deste vosso servo,

V. Brugger (Demari, 2018a, pp. 140–141)

Este, diferentemente dos outros dois exemplos de documentos apresentados anteriormente, está escrito em itálico, com exceção da palavra Contremaître, e não utiliza

recursos gráficos como as aspas altas. Desta forma, o documento é utilizado para dar veracidade ao conteúdo da carta.

2. Análise de alguns aspectos estilísticos

2.1. Palavras expressivas

A presença de palavras expressivas pode ser observada ao longo da obra em estudo, as quais podem ser consideradas como uma ferramenta para auxiliar o leitor na tarefa de visualizar os episódios relatados.

Um exemplo de palavra expressiva pode ser observado no primeiro capítulo da obra, nomeadamente a palavra "fumegava", a qual se encontra no fragmento abaixo:

Já à mesa onde o café fumegava, lhe perturbou o diário alemão. Por conta da mulher nascida na Suíça de língua germânica, o Conde aprendera o básico do idioma e captava ao menos as manchetes em tipos góticos. Assim, não passou indiferente pelo título do folhetim. (Demari, 2018a, p. 7)

Como pode ser observado, a utilização da palavra "fumegava", a qual possui como um dos significados o de exalar vapor (*Fumegar*, n.d.), auxilia o leitor a construir uma imagem do ambiente sem a necessidade de serem utilizados diversos adjetivos ou descrições mais elaboradas.

Um outro exemplo da utilização de palavras expressivas pode ser verificado no primeiro e no segundo capítulo com o emprego das palavras "jornalão" e "jornalões", como pode ser verificado no trecho exibido na sequência, o qual exhibe a palavra "jornalão":

Observando sem interesse o movimentado porto de Havre, o senhor do palacete da rua do Perrey enumerou talvez pela milésima vez os ganhos daqueles tempos, na inútil tentativa de vê-los superar a lista de perdas. Doía-lhe trazer à mente a confusão dos colonos, lhe enraivavam os desdêns burocráticos pelos quais passou e sujeitou amigos, afligiam-lhe reputações abaladas, discursos deitados, coragens anuviadas, mas sobretudo lhe machucava ver que a série de artigos iniciada pelo jornalão trazia a assinatura de Madame Van Lang. (Demari, 2018a, p. 17)

Embora o autor possa apenas estar se referindo aos jornais em formato *standard*⁵⁰ quando refere o termo "jornalão", esta palavra, assim como o exemplo anterior, colabora com a criação de uma imagem por parte do leitor, o qual pode, por exemplo, visualizar

⁵⁰ Jornais que possuem um formato de grandes dimensões, com aproximadamente 55.8 cm por 32.0 cm, onde as notícias da capa são organizadas de maneira clara e bem definida hierarquicamente, o conteúdo interno é subdividido em cadernos com temas distintos e as opiniões são expostas separadamente das notícias (Pacheco, 2011, pp. 52, 58).

um jornal de grandes dimensões em seu imaginário, sem a necessidade de receber um maior detalhamento sobre o objeto.

Como um outro exemplo do uso de palavras expressivas no romance histórico *A Colônia do Conde* pode-se observar o termo "rebombar" presente no fragmento extraído do décimo sexto capítulo, o qual encontra-se exposto abaixo:

Era Moutet que caía ao chão com uma seta presa ao pescoço. Da casa ouvia-se o rebombar de mãe e filhos fazendo uma barricada com o que houvesse pela frente. (Demari, 2018a, p. 125)

O emprego da palavra "rebombar", o mesmo que "ribombar", e que tem o significado de estrondear, retumbar e ressoar fortemente (*Ribombar*, n.d.), transmite a sensação ao leitor de que durante a estruturação barricada os objetos utilizados ressoavam fortemente, mesmo sem muitas descrições.

Por fim, a Tabela 22 apresenta um copilado de algumas palavras expressivas observadas na obra, bem como a respectiva localização destas.

Tabela 22 – Exemplos de palavras expressivas.

Palavras expressivas (pág.)		
Bandidagem (145)	Deploráveis (145)	Galinholas (89)
Bojudas (123)	Desengonçada (40)	Gentarada (34)
Calorenta (23)	Desgarrados (49)	Grandalhão (44)
Cambaleante (91, 124)	Estrondosos (20)	Invernal (47)
Capitalzinha (14)	Estropiado (79)	Jornalão (17, 109)
Casebres (75)	Façanhuda (78)	Jornalões (8, 13)
Casinhola (40, 41, 143)	Fadigoso (90)	Machucadura (92)
Catapultaram (145)	Fazendola (89)	Maltrapilhos (96)
Corcundas (123)	Fumegante (123)	Medonhos (59, 89)
Corjas (145)	Fumegava (7)	Petrificados (41)
Corpulento (22)	Fustigados (47)	Sanguíneo (101)

2.2. Repetições

A repetição de alguns assuntos pode ser observada em diferentes momentos no desenrolar do romance histórico em estudo como, por exemplo, a exuberância da natureza da região onde está localizada a colônia Santa Maria da Soledade e a falta de estrutura desta colônia, os quais figuram entre os tópicos mais repetidos.

Referente à exuberância da natureza local, verifica-se que esta é mencionada diversas vezes ao longo da obra de Demari, como pode ser observado nos três fragmentos selecionados e apresentados na sequência, os quais são oriundos do terceiro, quarto e sexto capítulos, respectivamente:

Entre o paradoro do Rodrigues e o primeiro território demarcado foram sete horas de andança. O caminho era em subida e jumentos apoiavam mulheres e bagagens. As terras eram bastante irrigadas, o que era uma bênção para abrandar a temperatura. A exuberância da vegetação impressionava: «Ora, vejam estas bananeiras. Serão centenas ou milhares de cachos?».

«Não há como ser sofredor neste lugar de Deus. Não há!». (Demari, 2018a, p. 23)

Observando não mais que o bosque cerrado, os colonos se maravilhavam com a imponente araucária e as dezenas de variedades de orquídeas que se entrelaçavam em umbus, paus-de-bugre, ipês, cabreúvas, palmeiras. Demarcavam de coração onde havia suculentos ananás a serem colhidos no retorno às famílias e se alegravam:

«Aqui Deus faz tudo crescer com galhardia». (Demari, 2018a, p. 31)

Tão logo houve a entrada dos sócios, reformou-se o contrato de colonização com o Império. Passamos a apressar as passagens para os colonos europeus. Viriam para uma realidade de concepção grandiosa. Encontrariam uma terra de abundante vegetação, ilimitada em fertilidade, e com águas soberbas, melhor navegáveis que as do rio dos Sinos. Ah sim! Haveriam de chegar com a primavera. Esta colônia era a esperança da Província e merecia toda a simpatia que lhe fora digna desde o jovem, mas intrépido Imperador. (Demari, 2018a, p. 46)

Nestes três fragmentos pode-se verificar que as descrições realizadas sobre a natureza da região, embora não sejam idênticas, reiteram o discurso focado na exuberância desta. Deste modo, a região é descrita como possuindo "águas soberbas", terras "bastante irrigadas", de "abundante vegetação" e "ilimitada fertilidade", onde podem ser observados "centenas ou milhares de cachos" de bananas, "dezenas de variedades de orquídeas", "suculentos ananás" e, inclusive, uma "imponente araucária". Além disso, em dois dos três trechos a terra é relacionada com o divino, como sendo um "lugar de Deus", o qual "faz tudo crescer com galhardia" (Demari, 2018a, pp. 23, 31, 46).

Ao que diz respeito à falta de estrutura local para os colonos, verifica-se que esta também é exposta em diferentes oportunidades no decorrer do romance histórico em estudo, como pode ser observado nos três trechos exibidos abaixo, os quais foram extraídos do décimo quarto, décimo quinto e décimo sétimo capítulos, respectivamente:

«Sem petalhadas, há colonos adoecendo aos montes. E quem não adoce está enlouquecendo. Até hoje não houve uma missa sequer na colônia!».

[...]

«Doutor Barcellos, não falo apenas de construir uma igreja de pau a pique, mas de todas as coisas que vêm sendo negligenciadas pela administração e pelas quais sou cobrado diariamente». (Demari, 2018a, p. 116)

Segurando a xícara com ambas as mãos, ela inclinou-se em direção ao Conde: «Entendo que fazer uma cidadela surgir do coração da selva não seja tarefa simples. Não peço em causa própria, porque tenho me virado muito bem. O caso é que falta o básico e desta falta redundam conflitos que podem se avolumar».

[...]

«Faz mal não haver um padre, é ruim não se contar com um médico, prejudica não existir uma escola». (Demari, 2018a, p. 121)

«Os enterros aqui em Santa Maria da Soledade são mais dolorosos que o senhor pode imaginar. A comoção pela morte é agravada pela melancolia de não haver um sacerdote confortador e um cemitério para abrigo santo das almas». (Demari, 2018a, p. 129)

Nestes trechos é possível verificar que são efetuadas descrições sobre a falta de estrutura na colônia, as quais indicam a ausência de determinadas instalações, tais como escola e cemitério, bem como de profissionais, como padre e médico. Consequentemente, a estrutura precária da colônia, a qual é negligenciada pela sociedade colonizadora, gera uma série de problemas locais e insatisfações por parte de quem a habita, onde, por exemplo, residentes estão "adoecendo aos montes" ou "enlouquecendo", "redundam conflitos" por faltar o "básico" e os enterros tornam-se "mais dolorosos" pela inexistência de um "sacerdote confortador" (Demari, 2018a, pp. 116, 121, 129).

2.3. Pormenores

A utilização de pormenores pode oferecer um "maior realismo e credibilidade à história", além de evitar que o leitor tenha a incumbência de imaginar os detalhes daquilo que é descrito (Mancelos, 2012b, pp. 50–51).

Verifica-se que o emprego de pormenores no romance histórico em estudo disponibiliza ao leitor descrições mais detalhadas sobre, por exemplo, ações, alimentos, objetos, vestuários e meio ambiente, conforme pode ser observado na Tabela 23, a qual apresenta alguns exemplos extraídos deste.

Tabela 23 – Exemplos de pormenores.

Pormenores (pág.)
árvores corcundas de bojudas laranjas (123)
barba em ponta no queixo, ao estilo do falecido ministro Cavaignac (8)
barranco pedregoso tomado de carrapichos e papiros (124)
caminhou sete passos firmes (39)
casaca marrom com manchas nas mangas, bolsos e lapela (19)
<i>croissants</i> de damasco, os prediletos de Elsa (7)
deu dois passos à frente (103)
<i>foulard</i> de seda verde aguado (22)
jornal alemão cheiroso a chumbo (16)
líquido fresco que escorria de uma fenda do barranco de rocha encostado à casinha (125)
mosquetão calibre 19 (124)
papel pardo [...] redobrado e puído no bolso da camisa (127)
tambores cheirosos a querosene (33)
velha roda desengonçada (40)
vinho de colheita tardia (41)
xale roxo desbotado sobre os ombros (104)
xícara decorada de flores em aquarela (7)

Pode-se observar que os exemplos de pormenores expostos na Tabela 23 apresentam diferentes graus de detalhamento, sendo que alguns fornecem apenas uma ou duas informações extras, como, por exemplo, "velha roda desengonçada" e "vinho de colheita tardia", enquanto outros oferecem um maior grau de detalhamento, como, por exemplo, "casaca marrom com manchas nas mangas, bolsos e lapela" e "líquido fresco que escorria de uma fenda do barranco de rocha encostado à casinha" (Demari, 2018a, pp. 19, 40–41, 125). Desta forma, através uso de pormenores, o autor transmite ao leitor maior veracidade sobre os fatos e evita que este tenha o trabalho de imaginar como poderiam ser os detalhes daquilo que é descrito.

2.4. Efeito surpresa

A inserção de efeitos surpresa ao longo da obra colabora para que o leitor mantenha o interesse nesta, bem como faz com que este queira descobrir o que ocorrerá na sequência. Além disso, para que o efeito surpresa tenha êxito e seja plausível, este necessita ser preparado através de alguns sinais dispostos ao longo da obra (Mancelos, 2012a, p. 55).

Deste modo, na obra em estudo a utilização do efeito surpresa pode ser observada em alguns momentos ao longo desta, como, por exemplo, nos fragmentos selecionados e exibidos na sequência, os quais são oriundos do quarto, décimo sexto e décimo sétimo capítulos, respectivamente.

O efeito surpresa no trecho a seguir ocorre com a chegada de Carrard e Chassot nas proximidades da residência de Timóteo. Estes, que até então conversavam sobre a abundante fauna e flora local, observam uma agitação incomum no local e na sequência são surpreendidos ao receber a notícia do falecimento por tifo de três dos cinco irmãos Moutet, bem como a comunicação do motivo pelo qual estes ainda não haviam sido sepultados:

Aproximados da casa do administrador, Carrard e Chassot perceberam uma movimentação diferente.

«Esperávamos pelo senhor, Carrard» era um suíço. «Infelizmente há má notícia. Três rapazes dos Moutet morreram e precisam ser enterrados logo. O tifo pode alastrar-se».

«Mas por que já não o fizeram?».

«Os irmãos querem a bênção para aquelas pobres almas». (Demari, 2018a, p. 31)

Assim, neste exemplo, o efeito surpresa se dá pela troca de atmosfera da narrativa, a qual sai de um momento descontraído e passa para um momento dramático, onde o motivo da espera por Carrard é amparado tanto pelo perfil religioso deste, como pelo papel de liderança exercido por este, os quais são expostos ao leitor em pelo menos dois momentos anteriores (Demari, 2018a, pp. 16, 24).

Já no fragmento subsequente, o efeito surpresa surge logo na primeira palavra do décimo sexto capítulo, a qual é seguida pelo sinal gráfico de ponto de exclamação e marcada por aspas em linha. Após, a incursão indígena passa a ser descrita:

«ÍNDIOS!».

Os robustos homens entenderam que o alerta desencadearia um aparato de defesas e contra-ataques. Porém, mantiveram o avanço rumo ao núcleo do povoado. Dado aquele sinal em grito, não precisavam mais guardar zelos por onde passavam. Começaram a gritar também. Sons altos, aspirados e ritmados. (Demari, 2018a, p. 123)

Neste fragmento, diferentemente do efeito anterior, pode-se observar que o capítulo inicia imediatamente com um efeito surpresa "«ÍNDIOS!»" (Demari, 2018a, p. 123). Desta forma, é instaurado um clima de tensão imediatamente, o qual tem como suporte as menções sobre as outras duas incursões indígenas retratadas anteriormente na obra em estudo (Demari, 2018a, pp. 40–41, 75–78).

Por fim, o recorte seguinte também se trata de mais um exemplo de efeito surpresa na obra, o qual, por sua vez, é causado pelo Conde Montravel, o qual, após ter conversado com Carrard, se desloca de barco pelo rio Cahy a partir do cais dos Guimarães com um sentimento de tristeza por não ter visitado a própria colônia, quando, de repente, solicita ao homem que conduz a embarcação para que retornassem ao ponto de partida, rompendo com o curso esperado da viagem e então este toma um cavalo emprestado e desloca-se até o distrito do Hortêncio:

[...] Descendo o Cahy, mirava as margens gordas de roças e outros sinais de que o homem vingava, sim, sobre as hostilidades da região. Bastava não se conformar. «Pare o barco! Vamos voltar aos Guimarães!»

De volta ao porto, serviu-se de um cavalo emprestado e rumou colônias adentro seguindo o Leste em terras que avolumavam aclives. Esqueceu o calor, a poeira, o desconforto, a sede. Em duas horas chegava no distrito do Hortêncio [...] (Demari, 2018a, p. 132)

Observa-se que neste recorte o efeito surpresa acontece também através de uma mudança de atmosfera na narrativa, a qual até então se desenvolvia em um ambiente melancólico e passa para um momento de esperança, sendo sustentado pelas atitudes impulsivas tomadas por Montravel anteriormente (Demari, 2018a, pp. 37–38, 101).

2.5. Efeito simbólico

Ao que diz respeito ao efeito simbólico, o uso deste recurso também pode ser observado no romance histórico em estudo, como pode ser constatado nos próximos três trechos, os quais foram extraídos do segundo, quinto e décimo segundo capítulos, respectivamente.

No exemplo subsequente o efeito simbólico ocorre ao longo da aproximação da primeira leva de imigrantes suíços ao porto dos Guimarães:

A embarcação parou no porto de Montenegro, onde o Conde e Barcellos já tinham estado duas vezes com boa impressão. "O trânsito há de ser notável por estas bandas", comentou o Conde numa das ocasiões anteriores. Feito o embarque e desembarque de mercadorias, o lanchão retomou o curso do rio Cahy com leve ampliação da marcha para vencer alguns metros a mais nos degraus até o destino. Superadas as margens da colônia Parecy, onde alguns alemães acenavam das roças, o Porto dos Guimarães surgia iluminado pelo sol vitaminado da alta primavera. (Demari, 2018a, p. 15)

Desta forma, o fato do local de destino surgir "iluminado pelo sol vitaminado da alta primavera" (Demari, 2018a, p. 15) auxilia a transmitir o efeito simbólico de que algo bom estaria pela frente. Além disso, o aceno aos imigrantes suíços por parte dos colonos alemães, os quais já se encontram instalados na região, pode auxiliar na transmissão de uma mensagem de receptividade e de possibilidade de adaptação ao novo continente.

No fragmento a seguir, um outro exemplo de efeito simbólico pode ser observado na relação estabelecida entre o ambiente sob espessa neblina e o vulto escuro observado na propriedade da família Carrard, momento em que apenas a mãe e os dois filhos mais novos se encontravam sozinhos em casa:

AMANHECIA SOB ESPESSA neblina na colônia. Embora os primeiros raios do sol ainda não houvessem suplantado os morros, a cabana dos Carrard já contava apenas com a mãe, a menina quase mocinha e o caçula. As lavouras ainda se acostumavam e não havia criação de animais a zelar. O Pai Carrard e os demais filhos já haviam saído para tentar um trabalho extra na casa do *Contremaître*.

[...]

A mulher parou o trabalho e prestou atenção, levando um susto ao ouvir um cacarejar prolongado e de repente sufocado. Deu a volta às pressas na choupana e conseguiu ver um vulto escuro correr e agachar-se entre as brumas e plantas. Aquela visão lhe fez travar como se fosse a própria esposa de Ló, da qual se lembrou de súbito dos sermões do padre Marilley. (Demari, 2018a, pp. 40-41)

Neste caso, o ambiente sombrio, ocasionado tanto pela densa neblina como pelos raios de sol que ainda não tocavam a propriedade, associado à situação de que apenas a mãe e os dois filhos mais novos estariam em casa, servem de amparo para criar um efeito simbólico, o qual auxilia a transmitir uma mensagem de que algo ruim estaria prestes a acontecer.

Por fim, mais um exemplo de efeito simbólico pode ser observado no recorte apresentado abaixo, o qual descreve a chegada da senhora Maximiliano na propriedade da família Carrard no meio da noite:

O Pai Carrard acordou num susto. Alguém [em meio a noite] batia palmas à distância da casa e o som aumentava. «Quem vem a esta hora? E onde estão os cachorros que não latem?». Também despertada de súbito, a mulher já balbuciava orações agarrada ao rosário.

Chegando à porta, os cinco filhos homens já estavam de prontidão. Tentavam identificar pelas frestas quem chamava de fora com o bater das palmas.

O pai abriu a porta e deu dois passos à frente: «Alto lá, quem chega?»

«Sou a senhora do Maximiliano. Por favor, Pai Carrard, não tenha medo».

Entretanto, foi ao ver a idosa meio cega avançando por árvores, nevoeiro e cachorros silenciosos que o homem começou a tremer.

«Venho por conta de uma visão urgente. O senhor deve tomar uma canoa e descer sozinho ao porto dos Guimarães. Um vulto vem ao encontro da colônia». (Demari, 2018a, pp. 103–104)

Neste exemplo, os elementos mencionados no evento narrado, como a aparição da senhora Maximiliano, durante a madrugada, a qual se trata de uma curandeira idosa, quase cega que avançava entre árvores e nevoeiro sem ao menos despertar a atenção dos cachorros da família Carrard, e a visão como o motivo da visita, convergem para transmitir uma mensagem de tom místico.

2.6. Contrastes

A presença de contrastes pode ser observada em diversas situações no decorrer do romance histórico em estudo, onde o entre a América e a Europa pode ser considerado como o mais marcante destes.

Um exemplo disso pode ser verificado no fato de a Europa ser retratada como um local de onde partem pessoas, muitas destas motivadas pelas dificuldades enfrentadas no velho continente, como, por exemplo, pela escassez de terras e a pobreza do solo. Por outro lado, no continente americano, o Brasil é referido como um Império jovem com pretensões de crescimento, bem como solidário e flexível no recebimento de imigrantes, onde até mesmo pessoas que possuem registro criminal poderiam viver (Demari, 2018a, pp. 19, 36).

Um outro contraste observado entre estes continentes se dá nas diferenças das descrições da cidade portuária de Havre, na França, e de alguns locais do Brasil, como Rio de Janeiro, Porto Alegre e a própria colônia de Santa Maria da Soledade. Por um lado, Havre é descrita como uma cidade próspera e moderna, contando com iluminação a gás, rede de esgoto, coleta de lixo e estrada de ferro, além de uma ampla gama de edificações, tais como prefeitura, palácio de justiça, bolsa de valores, banco, lojas de departamento, hotel e escritórios de comissários e de companhias de navegação (Demari, 2018a, pp. 109–110). Por outro lado, o Rio de Janeiro, capital do Brasil, é descrito como um local com largas avenidas, prédios públicos, conjuntos residenciais e negócios diversos, tais como alfaiatarias, barbearias, farmácias, fruteiras e mercearias (Demari,

2018a, p. 108). Já Porto Alegre, capital da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, é caracterizada como uma cidade iluminada por lampiões a óleo, com "limitado campo de opções", como, por exemplo, corridas de cavalos, salões de tiro e de comerciantes, sociedade recreativa, igreja matriz e hotéis, além de possuir, em determinados espaços, cheiro de alcatrão misturado com o de "urina acumulada do cotidiano" (Demari, 2018a, pp. 82–83, 135–136). Por fim, a colônia de Santa Maria da Soledade é descrita como um local com uma abundante fauna e densa flora, a qual passou a ser desmatada pelos imigrantes europeus para dar início à construção de moradias e para a produção agrícola. Além disso, é retratada como um local onde itens de primeira necessidade são escassos, as estradas são de péssima qualidade e o transporte de pessoas e itens é realizado com auxílio de animais e carretas (Demari, 2018a, pp. 23–26, 30–31, 118). Assim, o contraste entre as condições de infraestrutura entre a cidade de Havre e as cidades do Rio de Janeiro e Porto Alegre pode ser facilmente observado, sendo o ponto mais extremo deste quando se coloca a colônia Santa Maria da Soledade ao lado de Havre.

Por fim, pode-se perceber também que outros contrastes são apresentados ao longo da obra, tais como as descrições entre os responsáveis pela colonização e as pessoas que emigram para a América como colonos, como, por exemplo, entre o agente Brugger e o friburguês e entre o Conde Montravel e Carrard. Assim, enquanto o agente Brugger é descrito como alguém que tinha "bochechas avermelhadas fizesse frio ou calor, além de oleosas de tantas gorduras que carregava", o friburguês é caracterizado como magro e vestindo uma "casaca marrom com manchas nas mangas, bolsos e lapela" (Demari, 2018a, pp. 18–19). Já o Conde Montravel é caracterizado como uma "figura esbelta e tapada por golas e chapéu" e Carrard é descrito como alguém vestindo "esfarrapadas roupas de trabalho" e utilizando um "chapéu de palha" (Demari, 2018a, p. 104). Portanto, verifica-se que neste exemplo o contraste se dá entre a pobreza, por parte dos emigrantes, e a riqueza, por parte dos responsáveis pela colonização.

2.7. Mostrar em vez de dizer

Com base nas considerações de Mancelos, o qual refere o mostrar como um artifício utilizado para fazer com que o leitor infira as características do personagem através das suas ações, enquanto considera o dizer como um método para realizar afirmações destas características sem que estas sejam exemplificadas ou pormenorizadas (Mancelos, 2012c, p. 29), a utilização do mostrar em vez de dizer na obra em estudo pode ser observada em diversos momentos desta, como pode ser verificado nos exemplos selecionados e apresentados a seguir, os quais são oriundos do primeiro, do sétimo e do nono capítulos, respectivamente.

O primeiro exemplo selecionado de mostrar em vez de dizer pode ser observado logo na primeira frase do capítulo inaugural da obra, quando o ajudante do convento das Ursulinas cumprimenta Montravel: "*BOUNJOUR, MONSIEUR LE Comte!*" (Demari, 2018a, p. 7). Neste, o narrador poderia ter inicialmente referido que Montravel se tratava de alguém da alta sociedade. Contudo, este optou por dar a palavra ao ajudante do convento das Ursulinas, para que este, ao utilizar o pronome de tratamento *monsieur* seguido pelo título de nobreza *comte*, pudesse mostrar que estaria se dirigindo a uma pessoa da elite da sociedade.

Um outro exemplar de mostrar em vez de dizer pode ser verificado pela forma como o Conde Montravel cumprimenta o bispo Dom Feliciano e pelas suas palavras a este:

«*ADOREMUS IN AETERNUM Sanctissimum Sacramentum*».

«*Adoremus*. Por favor, queira sentar-se, nobre Conde».

«É uma honra, Dom Feliciano, agradeço a acolhida». O Conde Montravel beijava o anel do bispo de Porto Alegre, o primeiro da Província. «Não pretendo tomar muito do vosso tempo». (Demari, 2018a, p. 65)

Neste caso, pode-se observar que Montravel demonstra ser um personagem religioso e conhecedor do latim ao iniciar o diálogo com Dom Feliciano neste idioma. Além disso, o fato de o Conde beijar o anel e informar que não objetiva ocupar a atenção do bispo por muito tempo, pode ser interpretado como um indício de respeito hierárquico deste com o clero.

Por fim, mais um exemplo de mostrar em vez de dizer pode ser observado na atitude do Conde Montravel ao receber Eugênio Carrard:

«Isto não são afazeres teus! Minha família tem serviços reconhecidos desde a casa Bonaparte. Não é com vossa gente que vou deixar por menos» reagiu o Conde, que permanecia de pé. «E decerto o holandês será um protestante» disse num tom mais baixo, para consigo. (Demari, 2018a, p. 79)

Neste último exemplo é possível verificar que o Conde Montravel se coloca como alguém superior ao colono Eugênio através de suas palavras e atos, referindo o legado da família Montravel e permanecendo de pé durante a conversa. Além disso, Montravel demonstra ter uma intolerância religiosa, uma vez que a religião do holandês, Major Barend, seria mais importante que os demais atributos deste.

2.8. Vocabulário epocal

Ao longo do romance histórico em estudo, também podem ser observados alguns exemplos do uso de vocabulário epocal, como nos exemplos exibidos na sequência, os quais mostram trechos extraídos do nono, décimo terceiro e décimo oitavo capítulos, respectivamente.

Assim, o primeiro exemplo destes pode ser verificado quando o narrador utiliza a expressão "dois quartos de hora" (Demari, 2018a, p. 78) para referir o tempo em que Montravel leva para atender Eugênio Carrard, ao invés de mencionar este período de tempo como meia hora ou 30 minutos:

Passaram-se dois quartos de hora quanto o Conde desceu ao saguão: «Tu dizes que vem de Santa Maria da Soledade?». «*Bonjour, Monsieur le Comte!* Sou dos Carrard e caminhei umas boas vinte horas para chegar até aqui». (Demari, 2018a, p. 78)

A utilização deste formato de escrita de tempo transcorrido pode ser observada em jornais da província do Rio Grande do Sul da época, como, por exemplo, no jornal *O Rio-Grandense*, de 1851, onde consta "Há um quarto de hora que estou a ponto de apaixonar-me" (Corresp. do Times; Jornal do Commercio, 1851, p. 1) e no jornal *O Conciliador*, de 1858, o qual apresenta o mesmo formato de escrita de tempo na frase "medita um quarto de hora, e por fim manda cortar uma terça" (Marmota na Côrte, 1858, p. 4). Porém, o termo quarto (e suas variações) é amplamente utilizado no estado gaúcho como número cardinal ou fracionário atualmente, como pode ser verificado em uma busca no site do governo do Rio Grande do Sul, onde foram encontrados 648 resultados, tais como quarta fase, quarta-feira, quarto andar, quarto ano, quarto episódio e quarto trimestre (Governo do Estado do Rio Grande do Sul, n.d.). Desta forma, pode-se constatar a baixa utilização deste termo quando relacionado às frações de horas atualmente, se tratando este de um exemplo de vocabulário epocal na obra, quando comparado com o vocabulário corrente do Rio Grande do Sul.

Um outro exemplo de vocabulário epocal pode ser observado com o uso da palavra câncro no lugar da palavra câncer:

O Município Neutro oferecia uma trégua às intranquilidades e às expectativas da viagem à França. Nas avenidas largas havia uma algazarra de gente e areia. Era notável a circulação de pessoas e animais, veículos e estabelecimentos de toda ordem, dos alfaiates às barbearias, fruteiras, mercearias e farmácias oferecendo curas para inflamação de fígado, moléstia do peito, diarreia, tísica, câncro. (Demari, 2018a, p. 108)

Pode-se constatar a utilização da palavra cancro, sem o emprego do acento circunflexo na letra "a", em relatórios da época da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, tais como o relatório de 1864 e o de 1874, (Moraes, 1874, p. 22; Pimentel, 1864b, p. 35). Embora o termo câncro seja considerado como um sinônimo de câncer (Houaiss & Villar, 2003b, p. 770), verifica-se que a palavra câncer retorna com 343 resultados, ao ser pesquisada no site da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul, enquanto o termo câncro aparece uma única vez (Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, n.d.-

a, n.d.-b). Desta forma, é possível evidenciar a baixa utilização da palavra câncro no Rio Grande do Sul nos dias de hoje, quando comparada com câncer.

Mais um exemplo de vocabulário epocal presente na obra *A Colônia do Conde*, pode ser constatado com o emprego da palavra Cahy:

Na descida do Cahy até encontrar o Jacuí, mais europeus e seus descendentes acenavam nas margens. Mais cenários que denotavam onde o homem alcançara êxitos. Mais alívios. (Demari, 2018a, p. 135)

De acordo com registros da época, como, por exemplo, os relatórios de 1856 e 1867 (Coelho, 1856, p. 94; Koseritz, 1867, p. 13), os quais são vinculados ao governo do Rio Grande do Sul, pode-se observar que a palavra Cahy era escrita assim como se verifica no romance histórico em estudo. Contudo, de acordo com a grafia atual, a palavra Cai⁵¹ passou a não ser mais escrita desta forma, onde foi realizada a substituição do "hy" por "í". Por outro lado, não se observa a adoção da mesma regra no romance histórico em estudo com a palavra Jacuí, a qual também era escrita com "hy" na época, conforme pode ser verificado nos relatórios vinculados ao governo do Rio Grande do Sul de 1855 e 1860 (Bello, 1855, pp. 15–16; Leão, 1860a, pp. 45, 47).

2.9. Estrangeirismos e latinismos

O emprego de estrangeirismos e latinismos, através do uso de palavras, expressões e frases, pode ser observado ao longo do romance histórico em estudo, onde pode-se verificar que a maior utilização destes se dá no idioma francês, enquanto outros, como alemão, espanhol, holandês e latim são utilizados em menor grau. Desta forma, para facilitar a visualização do uso destes na obra em estudo, a Tabela 24 apresenta um compilado de alguns dos estrangeirismos e latinismos observados ao longo desta.

⁵¹ De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, a palavra cai, de origem tupi, significa o mesmo que cipó-escada (Houaiss & Villar, 2003a, p. 727).

Tabela 24 – Exemplos de estrangeirismos e latinismos.

Estrangeirismos e Latinismos (pág.)	Origem
<i>Adoremus</i> (65)	Latim
<i>Adoremus in Æternum Sanctissimum Sacramentum</i> (65)	Latim
<i>Amérique</i> (19)	Francês
<i>Attention! S'il vous plaît, attention</i> (9)	Francês
<i>Au revoir</i> (20)	Francês
<i>Bleu, blanc, rouge</i> (57)	Francês
<i>Bonjour, Monsieur le Comte</i> (07 e 78)	Francês
<i>Boulevard</i> (110)	Francês
<i>Brummers</i> (56, 71 e 77)	Alemão
<i>Célibataire</i> (26)	Francês
<i>Commission</i> (64)	Francês
<i>Compatriote</i> (59)	Francês
<i>Contremaître</i> (23, 31, 40, 48, 50-53, 63, 66, 76, 78-79, 81, 91, 111, 115-116, 118, 121, 123-124, 126, 129, 141 e 143)	Francês
<i>Crème brûlée</i> (41)	Francês
<i>Croissants</i> (07 e 148)	Francês
<i>Danks, danks</i> (93)	Holandês
<i>Dominus vobiscum</i> (24)	Latim
<i>Et cum spiritu tuo</i> (24)	Latim
<i>Excusez-moi</i> (136)	Francês
<i>Fait divers</i> (13)	Francês
<i>Foie gras</i> (138)	Francês
<i>Foulard</i> (22)	Francês
<i>Fumar um puro</i> (83)	Espanhol
<i>Gâteaux</i> (138)	Francês
<i>In loco</i> (18)	Latim
<i>Mademoiselle</i> (61)	Francês
<i>Maison</i> (109)	Francês
<i>Mater Dolorosa, ora pro nobis</i> (24)	Latim
<i>Merci</i> (138)	Francês
<i>Mon Dieu</i> (37)	Francês
<i>Monsieur</i> (55, 60 e 70)	Francês
<i>Não passa nada</i> (102)	Espanhol
<i>Niet, niet Duits</i> (39)	Holandês
<i>Noblesse oblige</i> (138)	Francês
<i>Quelle chance</i> (13, 61, 78, 96, 101, 131 e 149)	Francês
<i>Resquiescant in pace</i> (33)	Latim
<i>Selle</i> (131)	Francês
<i>Ville</i> (14)	Francês

Entre os exemplos de estrangeirismos e latinismos apresentados na Tabela 24 verifica-se que alguns destes são utilizados por diversas vezes ao longo da obra, como é o caso das palavras *Contremaître*, a qual faz referência ao personagem Timóteo e da expressão *Quelle chance*, a qual é utilizada apenas por Montravel em diversos momentos, ambas francesas.

Além disso, estrangeirismos e latinismos se encontram em diferentes dimensões na obra, conforme pode ser verificado na Tabela 24, partindo de uma palavra e chegando a frases

formadas por até cinco palavras. Deste modo, foram selecionados alguns exemplos do emprego de estrangeirismos e latinismos, os quais são exibidos na sequência, onde o primeiro deles, oriundo do terceiro capítulo, compreende três frases em latim, e o segundo, proveniente do nono capítulo, abrange uma palavra em alemão, todos escritos em itálico:

Embora o disparate em entoar a exortação da forma que apenas um ordenado poderia fazer, procurou reproduzir o som que tantas vezes ouviu na capela da Madalena da aldeia natal: «*Dominus vobiscum*».

«*Et cum spiritu tuo*» balbuciaram todos num movimento automático.

Rezaram um adequado "*Mater Dolorosa, ora pro nobis*". (Demari, 2018a, p. 24)

Como muitos ali não se conheciam, aproveitaram para aproximar-se quando o assunto dos índios abrandou. Um sujeito forte e confiante se apresentou como Major Barend. Disse-se holandês de pais e de avós germânicos, vindo ao Brasil para servir com os *brummers* nas batalhas do Prata. (Demari, 2018a, p. 77)

Relativamente aos espanholismos presentes na obra, estes se encontram de modo um pouco diferente aos demais, não sendo escritos em itálico, como pode ser observado na frase "Não passa nada", presente no fragmento apresentado na sequência, o qual foi extraído do décimo segundo capítulo:

O jornalista se recuperou do tombo e falava aos guardas determinados a terminar com o debate: «Não passa nada, senhores praças. Trata-se de uma conversa um pouco acalorada a qual podem escoltar, se assim quiserem». (Demari, 2018a, p. 102)

Folha em branco

Capítulo 6 – Considerações finais e estudos futuros

Com o objetivo de analisar o romance histórico *A Colônia do Conde*, do escritor Eliseu Demari, este trabalho buscou, em um primeiro momento, apresentar de forma breve as relações entre História e literatura ao longo do tempo, sendo possível verificar a conturbada relação entre estas bem como dar a conhecer algumas das opiniões sobre o tema. Na sequência, foram realizadas concisas considerações sobre o desenvolvimento do romance histórico, englobando as duas primeiras fases, o início e o desenrolar deste na América Latina, no Brasil e no Rio Grande do Sul, bem como a literatura da região sul do Brasil.

O trabalho também se dedicou a investigar como ocorreu a implantação da colônia Santa Maria da Soledade e o desenvolvimento socioeconômico desta, possibilitando conhecer um pouco sobre este espaço, o qual se trata do tema central do enredo da obra literária em estudo.

Após, este estudo também efetuou uma análise intertextual entre o romance histórico *A Colônia do Conde* e outras publicações, onde observou-se que esta apresenta indícios de ser uma obra provida de diversas marcas intertextuais, a qual é fruto de empréstimos de diferentes obras literárias, como, por exemplo, *Uma Colônia no Brasil* (2002), de Madame van Langendonck, originalmente intitulada *Une Colonie au Brésil: Récits Historiques par Madame Van Langendonck* (1862), *As Vítimas do Bugre* (1946), de Monsenhor Matias José Gansweidt, versão traduzida da obra *Luis Buger und die Opfer Seiner Rache* (1929), e o décimo primeiro capítulo de Gênesis, bem como matérias de jornais da época, como, por exemplo, do *Correio Mercantil* e do *Diario de Pernambuco*.

Posteriormente, realizou-se uma análise de elementos da narrativa, onde verificou-se que a obra em estudo apresenta: narradores heterodiegético, autodiegético e homodiegético; focalização variável e múltipla (heterodiegética, homodiegética, interna, restritiva e omnisciente); um elevado número de personagens, onde a maioria destes pode ser classificada como secundário e plano; diálogos e monólogos marcados pelo uso de aspas em linha (« »); uma organização de tempo seletiva e divergente do tempo histórico, onde a abertura se dá *in ultimas res*; espaços físico, social e psicológico, os quais aparecem, por vezes, em simultâneo; descrições breves; um ritmo ágil com algumas oscilações, o qual, de modo geral, é marcado por sumários cortados por breves

cenas e elipses; e uma série de pequenos fragmentos de documentos, os quais, com exceção de um, não excedem cinco linhas de extensão.

Além disso, também foram analisados alguns aspectos estilísticos da respectiva obra em estudo, sendo possível constatar que o romance histórico em estudo apresenta: a utilização de palavras expressivas, tais como fumegava, jornalão e rebombar; a repetição de assuntos, como, por exemplo, a exuberância da natureza local e a falta de estrutura da colônia; o emprego de pormenores para descrever mais detalhadamente ações, alimentos, objetos, vestuários e meio ambiente, por exemplo; a utilização do efeito surpresa, os quais são suportados por eventos descritos anteriormente; a aplicação do efeito simbólico para a transmissão de diferentes mensagens; o emprego de contrastes, onde o mais marcante destes ocorre entre a América e a Europa; a manipulação do mostrar em vez de dizer, onde através das ações dos personagens é possível verificar algumas das características destes, como, por exemplo, a classe social e algumas convicções de Montravel; o uso de vocabulário epocal, como, por exemplo, quando referido o tempo transcorrido, a nomenclatura de uma doença e de um curso d'água; e a aplicação de estrangeirismos e latinismos com palavras do alemão, espanhol, francês, holandês e latim, havendo predominância do francês.

Por fim, gostaríamos de aprofundar mais os estudos realizados nesta dissertação, a fim de melhorar a compreensão não somente sobre a obra *A Colônia do Conde*, mas também sobre a colônia Santa Maria da Soledade, a qual ainda apresenta outras opções de pesquisa, como, por exemplo, estudos dedicados a esta e a Sociedade Montravel, Silveiro e Comp.^a através de um viés documental.

Referências

Aguiar e Silva, V. M. de. (2004). O Romance: História e Sistema de um Gênero Literário. Em *Teoria e Metodologia Literárias* (pp. 239–305). Universidade Aberta.

Albuquerque Júnior, D. M. de. (2007). A Hora da Estrela: História e Literatura, uma Questão de Gênero? Em *Historia: A Arte de Inventar o Passado. Ensaios de Teoria da História* (pp. 43–51). Edusc.

Amado, T. (1997). Introdução. Em *Fernão Lopes Contador de História: Sobre a Crônica de D. João I* (pp. 11–19). Editorial Estampa.

American Society of Agricultural and Biological Engineers. (2008). Density, Specific Gravity, and Mass-moisture Relationships of GraEm for Storage. Em ASABE Standard (ANSI/ASAE D241.4 OCT1992).

Amstad, T. (2005a). A Colonização. Em A. B. Rambo (Trad.), *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul - 1824-1924* (pp. 49–56). Editora Unisinos.

Amstad, T. (2005b). A Imigração. Em A. B. Rambo (Trad.), *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul - 1824-1924* (pp. 57–102). Editora Unisinos.

Aquino, I. C. (2007). *A Representação do Imigrante Alemão no Romance Sul-Rio-Grandense: A Divina Pastora, Frida Meyer, Um Rio Imita o Reno, O Tempo e o Vento e A Ferro e Fogo*. [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10922/000603002.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Aristóteles. (2010). Tradução. Em E. de Sousa (Trad.), *Poética* (pp. 103–149). Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Baumgarten, C. A. (2000). O Novo Romance Histórico Brasileiro. *Via Atlântica*, 4, 168. Disponível em <https://doi.org/10.11606/va.voi4.49611>

Baumgarten, C. A. (2001). O Novo Romance Histórico Brasileiro: o Caso Gaúcho. *Letras de Hoje*, 37, 75–82. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14382/9565>

Bello, L. A. L. de O. (1855). Segurança Individual e de Propriedade. Em *Relatorio com que o Vice-Presidente Luiz Alves de Oliveira Bello Entregou a Presidencia da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul ao Exm. Sr. Barão de Muritiba no dia 26 de Setembro de 1855*. (pp. 5–16). Typographia do Mercantil. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/968>

Camara, P. C. da. (1857). Colonização. Em *Relatorio do Vice-presidente da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul o Comendador Patricio Correa da Camara, na Abertura da Assembléa Legislativa Provincial em 11 de Outubro de 1857*. (pp. 19–24). Typographia do Mercantil. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/1294>

Castro, J. A. de A. (1876). Imigração. Em *Falla Dirigida a' Assembléa Legislativa da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul pelo Presidente Dr. José Antonio de Azevedo Castro em a Segunda Sessão da 16.a Legislatura*. (pp. 37–44). Typographia do Rio Grandense. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/4041>

Coelho, J. F. (1856). Colonização. Em *Relatorio do Presidente da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul Jeronymo Francisco Coelho, na Abertura da Assembléa Legislativa Provincial em 15 de Dezembro de 1856*. (pp. 89–96). Typographia do Mercantil. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/1197>

Colonização no Brasil. (18 de maio de 1855). *Correio Mercantil, Anno XII* (136), 1–2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/10398>

Corresp. do Times; Jornal do Commercio; (26 de fevereiro de 1851). Folhetim. *O Rio-Grandense*, VII Anno(46), 1–2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/764892/621>

de Mello, F. I. M. H. (1867). Colonização. Em *Falla Dirigida á Assembléa Legislativa da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul pelo Presidente Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, em a Segunda Sessão da 12.a Legislatura*. (pp. 66–78). Typographia do Rio-grandense. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/2770>

de Mello, F. I. M. H. (1868). Cathechese e Civilização dos Indios. Em *Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Francisco I. Marcondes Homem de Mello, Passou a Administração d'esta Provincia ao Excellentissimo Senhor Doutor Joaquim Vieira da Cunha, 1.º Vice-*

presidente no Dia 13 de Abril do Anno de 1868. (pp. 30–30). Typographia do Jornal do Commercio. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/2961>

Decreto N. 6480 - de 18 de Janeiro de 1877, (1877). Disponível em <https://legis.senado.leg.br/norma/571166/publicacao/15730253>

Decreto no 1.594, de 07 de Abril de 2003, (2003). Disponível em http://www.carlosbarbosa.rs.gov.br/contents/paginas/arquivos/2014_09_17_1410981130.pdf

Decreto No 4.387, de 10 de Julho de 1869, (1869). Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-4387-10-julho-1869-553017-publicacaooriginal-70650-pe.html>

Demari, E. (2018a). *A Colônia do Conde*. Edição do autor.

Demari, E. (28 de julho de 2018b). *Livro 'A Colônia do Conde' Será Lançado no Dia 11/9*. Disponível em https://medium.com/@eliseudemari_71397/livro-a-colônia-do-conde-será-lançado-no-dia-11-9-eed240d99074

Dicionário Michaelis. (n.d.). *História*. Acessado em 11 de novembro de 2021. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=o&f=o&t=o&palavra=História>

Dornelles, S. S. (2011). A História em As Vítimas do Bugre, ou Como Tornar-se Bugre na História. *Anos 90*, 18(34), 245–278. Disponível em <https://doi.org/10.22456/1983-201X.24028>

Eliseu Demari. (n.d.). Acessado em 21 de abril de 2022. Disponível em <https://br.linkedin.com/in/eliseu-demari-2590781b5>

Esteves, A. R. (2010). Narrativas de Extração Histórica: Sob o Signo do Hibridismo. Em *O romance Histórico Brasileiro Contemporâneo (1975-2000)*. Editora UNESP.

Fachinelli, P. (2014). *Uma Colônia no Brasil de Marie Van Langendonck: um Relato de Viagem sob o Olhar de uma Estrangeira* [Universidade Federal de Uberlândia]. Disponível em <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2014.193>

Fachinelli, P. P. C., Araújo, J. L. M. de, & Tabak, F. M. (2015). A Atração pelo Desconhecido e a Visão da América na Obra de Marie van Langendonck. *Letras de Hoje*, 50(4), 452–462. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2015.4.20323>

Ferraz, A. M. da S. (1858). População. Em *Relatório do Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul*, Angelo Moniz da Silva Ferraz. Apresentado a Assembléa Legislativa Provincial na 1a Sessão da 8a Legislatura. (pp. 11–31). Typographia do Correio do Sul. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/1400>

Ferraz, A. M. da S. (1859). *Relatorio com que o Exm. Sr. Conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, Entregou a Presidencia da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, ao 2.o Vice-presidente o Exm. Sr. Commendador Patrício Carréa da Camara, no Dia 22 de Abril e este ao Exm. Sr. Conselheiro Leão, em 4 de Maio de 1859.* (p. 88). Typographia do Correio do Sul. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/1588>

Ferraz, L. P. do C. (1855). *Relatorio Apresentado á Assembléa Geral Legislativa na Terceira Sessão da Nona Lagislatura pelo Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio Luiz Pedreira do Coutto Ferraz.* Typographia Universal de Laemmert. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/720968/2519>

Fumegar. (n.d.). Priberam Dicionário. Acessado em 15 de maio de 2022. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/fumegar>

Gansweidt, M. M. J. (1946). *As Vítimas do Bugre* (I. E. Damião (Trad.)). Livraria Selbach.

Genette, G. (2010). Cinco Tipos de Transtextualidade, Dentre os Quais a Hipertextualidade. Em L. Guimarães (Trad.), *Palimpsestos - A Literatura de Segunda Mão* (pp. 13–21). Edições Viva Voz.

Giraldito, T. (Ed.). (1985). Gênesis, Capítulo 11, Versículos 1 a 9. Em D. Zamagna (Trad.), *A Bíblia de Jerusalém* (pp. 31–105). Edições Paulinas.

Gomes, J. C. (21 de setembro de 1857). Uma Voz do Rio-Grande do Sul. Sobre Negocios de Colonização. *Correio Mercantil*, Anno XIV(258), 1. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/13802>

Governo do Estado do Rio Grande do Sul. (n.d.). *Resultado da Busca - Quarto*. Acessado em 21 de abril de 2022. Disponível em <https://www.estado.rs.gov.br/busca?palavraschave=quarto&periodoini=21%2F10%2F2019>

Houaiss, A., & Villar, M. de S. (2003a). Caí. Em *Houaiss da Língua Portuguesa: Vol. Tomo I. Temas e Debates*.

Houaiss, A., & Villar, M. de S. (2003b). Cancro. Em *Houaiss da Língua Portuguesa: Vol. Tomo I. Temas e Debates*.

Hutcheon, L. (1991). Metaficção Historiográfica: “O Passatempo do Tempo Passado.” Em R. Cruz (Trad.), *Poética do Pós-modernismo: História, Teoria, Ficção* (pp. 141–162). Imago Editora. Disponível em [http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cantarin/literatura-e-m-meios-digitais-ppgel/04-de-abril/Poetica do pos-modernismo -Linda Hutcheon.pdf/view](http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cantarin/literatura-e-m-meios-digitais-ppgel/04-de-abril/Poetica%20do%20pos-modernismo%20-Linda%20Hutcheon.pdf/view)

Interior. Correspondência do Rio Grande. (5 de março de 1856). *Correio Mercantil, Anno XIII(64)*, 1. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11576>

Jornal do Commercio. (16 de junho de 1860). Comunicado. Ainda o Governo e a Colonização. *Jornal do Commercio, Anno XXXV(166)*, 2. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/671

Koseritz, C. de. (1867). Historico da Colonização da Provincia. Em *Relatorio da Adm. Central das Colonias da Pronvincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul Apresentado ao Illm. e Exm. Sr. Dr. Francisco I M Homem de Mello, Dignissimo Presidente da Mesma Provincia pelo Agente Interprete da Colonização Carlos de Koseritz* (pp. 4–27). Typographia do Jornal do Commercio. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/2867>

Kraemer, Z. L. (2016). *A Memória e a Relação das Diferentes Identidades em A História de Walachai e em Luís Brugre: O Indígena Diante dos Imigrantes Alemães* [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157940/001018991.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Kristeva, J. (1984). Introdução. Em M. Ruas (Trad.), *O Texto do Romance. Estudo Semiológico de uma Estrutura Discursiva Transformacional* (pp. 9–25). Livros Horizonte.

Kristeva, J. (2005). A Palavra, o Diálogo e o Romance. Em L. H. F. Ferraz (Trad.), *Introdução à Semanálise* (2a, pp. 65–95). Editora Perspectiva S.A.

Laemmert, E. E. H. (1854). Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Em *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro para o Anno de 1854 Organizado e Redigido por Eduardo Laemmert*. (pp. 184–200). Casa dos Editores-Proprietarios. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/7076>

Laemmert, E. E. H. (1855). Ministerio dos Negocios Estrangeiros. Em *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro para o Anno de 1855 Fundado por Eduardo Laemmert*. (pp. 207–223). Casa dos Editores-Proprietarios. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/313394x/8144>

Langendonck, M. B. A. R. van. (1862). *Une Colonie au Brésil: Récits Historiques par Madame Van Langendonck*. Gerrits.

Langendonck, M. Van. (2002). *Uma Colônia no Brasil* (P. Berinson (Trad.)). Editora Mulheres e EDUNISC.

Leão, J. A. F. (1860a). Obras Publicas. Em *Relatorio Apresentado a' Assembléa Provincial de S. Pedro do Rio Grande do Sul, 1.a Sessão da 9.a Legislatura pelo Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão*. (pp. 37–48). Typographia do Correio do Sul.

Leão, J. A. F. (1860b). *Relatorio Apresentado á Assembléa Provincial de S. Pedro do Rio Grande do Sul, na 1.a Sessão da 9.a Legislatura pelo Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão*. Typographia do Correio do Sul.

Leão, J. A. F. (1861). Colonisação. Em *Relatorio com que o Conselheiro Joaquim Antão Fernandes Leão Entregou a Presidencia da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul ao Exm. Sr. Vice-presidente Commendador Patricio Correa da Camara*. (pp. 21–33). Typographia do Jornal - A Ordem. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/1960>

Llosa, M. V. (2002). La Verdad de las Mentiras. Em *La Verdad de las Mentiras* (pp. 15–30). Alfaguara.

Lukács, G. (2011). *O Romance Histórico* (R. Enderle (Trad.); 1a). Boitempo.

Mancelos, J. de. (2012a). Como Tirar um Coelho da Cartola. Em *Manual de Escrita Criativa* (pp. 55–56). Edições Colibri.

Mancelos, J. de. (2012b). Deus Está nos Pormenores. Em *Manual de Escrita Criativa* (pp. 51–52). Edições Colibri.

Mancelos, J. de. (2012c). Mostrar & Contar. Em *Manual de Escrita Criativa* (pp. 29–30). Edições Colibri.

Marinho, M. de F. (2004). Preâmbulo. Em *Literatura e História: Actas do Colóquio Internacional* (pp. 11–12). Faculdade de Letras.

Marmota na Côrte. (28 de novembro de 1858). A Vida do Logista. *O Conciliador*, Anno I(10), 4. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/843776/40>

Martinazzo, I. (1992). *Colônia Santa Maria da Soledade. A Família Martinazzo*. Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana.

Martiren, J. L. (2017). “Historias Paralelas” Un Estudio Comparado sobre los Resultados Económicos de las Empresas de Colonización a Medios del Siglo XIX: El Caso de San Carlos (Argentina) y Santa Maria da Soledade (Brasil). Em J. M. Vargas (Ed.), *Belicosa Fronteira: Contribuições Recentes sobre Política, Economia e Escravidão em Sociedades Americanas (Século XIX)* (pp. 381–401). Editora Fi.

Menton, S. (1993a). 1. La Nueva Novela Histórica: Definiciones y Orígenes. Em *La Nueva Novela Histórica de la América Latina 1979-1992* (pp. 29–66). Fondo de Cultura Económica.

Menton, S. (1993b). Prependice. Em *La Nueva Novela Histórica de la América Latina 1979-1992* (pp. 11–27). Fondo de Cultura Económica.

Montravel, C. de. (25 de setembro de 1857). Ao Sr. José Candido Gomes. *Correio Mercantil*, Anno XIV(262), 2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/13818>

Moraes, J. P. C. de. (1874). *Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre* (pp. 19–22). Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/3753>

Muritiba, B. de. (1856). Medição dos Territorios Contractados com o Conde de Montravel. Em *Relatorio com que o Conselheiro Barão de Muritiba Entregou a Presidência da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul ao Exm. Sr. Presidente e Commandante das Armas, Conselheiro, e Genéral Jeronymo Francisco Coelho no Dia*

28 de Abril de 1856 (pp. 24–25). Typographia do Mercantil. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/1078>

Muzart, Z. L. (2008). A Paixão das Florestas ou as Viagens de Mme. van Langendonck. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 1061–1071. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300022>

Netto, J. C. de C. (2014). Santa Maria da Soledade. Em *Montenegro* (2a, pp. 93–109). Gráfica Gehlen.

Neumann, G. R. (2021). Literatura e História no Contexto da Imigração Alemã para o Brasil nas Obras de Caldre e Fião, Josué Guimarães e Valesca de Assis. *Revista Prâksis*, 1, 84–98. Disponível em <https://doi.org/10.25112/rpr.v1i0.2425>

Pacheco, R. S. (2011). Design e Formatos de Jornais Impressos [Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Em *Design de Jornal Impresso: A Relação entre Formato e Usabilidade*. Disponível em <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/9088>

Pimentel, E. E. de B. (1864a). Colonização. Em *Relatorio Apresentado pelo Presidente da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul Dr. Espiridião Eloy de Barros Pimentel, na 1.a Sessão da 11.a Legislatura da Assembleia Provincial*. (pp. 77–101). Typographia do Correio do Sul. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/2345>

Pimentel, E. E. de B. (1864b). Estabelecimentos de Caridade. Em *Relatorio Apresentado pelo Presidente da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul Dr. Espiridião Eloy de Barros Pimentel, na 1.a Sessão da 11.a Legislatura da Assembleia Provincial*. (pp. 34–44). Typographia do Correio do Sul. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/2303>

Platão. (2000). Livro X. Em C. A. Nunes (Trad.), *A República* (3ª ed., pp. 433–470). Editora Universitária - EDUFPA.

Prieto, C. F. (2003). Capítulo II. História y Novela. Constitución y Desarrollo del Género de la Novela Histórica. Em *Historia y Novela: Poética de la Novela Histórica* (2º, pp. 35–165). Ediciones Universidad de Navarra, S.A. (EUNSA).

Rastovski, A. (1981). Potato Store Construction. Em A. Rastovski & A. van Es (Eds.), *Storage of Potatoes. Post-harvest Behaviour, Store Design, Storage Practice, Handling* (Vol. 9, pp. 221–254). Centre for Agricultural Publishing and Documentation, Wagen.

- Reis, C., & Lopes, A. C. M. (1987). *Dicionário de Narratologia*. Livraria Almedina.
- Ribombar*. (n.d.). Priberam Dicionário. Acessado em 30 de maio de 2022. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/ribombar>
- Ricoeur, P. (1997). O Entrecruzamento da História e da Ficção. Em R. L. Ferreira (Trad.), *Tempo e Narrativa: Vol. III* (pp. 315–333). Papyrus Editora.
- Rio Grande do Sul. (5 de maio de 1855). *Correio Mercantil, Anno XII*(123), 1–2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/10347>
- Rocha, F. de A. P. (1862). Colonização. Em *Relatorio Apresentado pelo Presidente da Provincia de São Pedro do Sul Desembargador Francisco de Assis Pereira Rocha na 1a Sessao da 10a Legislatura da Assembléa Provincial*. (pp. 40–52). Typographia do Jornal - A Ordem. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/2061>
- Roche, J. (1969). *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul: Vol. I* (E. Ruas (Trad.)). Editôra Globo.
- S. Pedro do Sul. (24 de julho de 1855). *Diario de Pernambuco, Anno XXXI*(169), 2. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/029033_03/6674
- Samoyault, T. (2008a). Introdução. Em S. Nitrini (Trad.), *A Intertextualidade* (pp. 9–11). Aderaldo & Rothschild.
- Samoyault, T. (2008b). Uma Noção Instável. Em S. Nitrini (Trad.), *A Intertextualidade* (pp. 13–45). Aderaldo & Rothschild.
- Sant’Anna, A. R. de. (1999). *Paródia, Paráfrase & Cia* (7a Edição). Editora Ática.
- Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul. (n.d.-a). *Resultado da Busca - Câncer*. Acessado em 20 de abril de 2022. Disponível em <https://saude.rs.gov.br/busca?palavraschave=Cancer>
- Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul. (n.d.-b). *Resultado da Busca - Câncro*. Acessado em 20 de abril de 2022. Disponível em <https://saude.rs.gov.br/busca?palavraschave=cancro>
- Sertorio, J. (1870). Catechese e Civilização dos Indigenas. Em *Relatorio com que o Excellentissimo Sr. Dr. João Sertorio Presidente d’esta Província Passou a*

Administração da mesma ao Ex.mo Sr. Dr. João Capistrano de Miranda e Castro 10 Vice-Presidente, no dia 29 de Agosto de 1870 (pp. 59–60). Typographia do Rio Grandense. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/3293>

Seyferth, G. (1988). Imigração e Colonização Alemã no Brasil: Uma Revisão da Bibliografia. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 3–55. Disponível em <http://www.anpocs.com/index.php/edicoes-antiores/bib-25/395-imigracao-e-colonizacao-alema-no-brasil-uma-revisao-da-bibliografia/file>

Seyferth, G. (2002). Colonização, Imigração e a Questão Racial no Brasil. *Revista USP*, 53, 117–149. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/33192/35930>

Sinimbú, C. de. (1854). *Contrato Celebrado com o Conde de Montravel sobre a Venda de Terras no Rio Cahy*. (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS); Lata 289, Maço 35).

Sinimbu, J. L. V. C. de. (1855). Imperio. Em *Relatorio com que o Dr. João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu Entregou a Presidencia da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul ao Vice-Presidente Dr. Luiz Alves de Oliveira Bello, no Dia 30 de Junho de 1855*. (pp. 14–18). Typographia do Mercantil. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/252263/919>

Sobral, C. (2017). Introdução, uma Leitura da Crónica de Dom João I. Em *Crónica de D. João I, Primeira Parte* (pp. 7–22). Centro de Estudos Comparatistas e Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Disponível em <https://static.fnac-static.com/multimedia/PT/pdf/9789722725880.pdf>

Waibel, L. (1958). X - Princípios da Colonização Européia no Sul do Brasil. Em *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil* (pp. 205–261). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv81043.pdf>

Weinhardt, M. (2004). *Ficção Histórica e Regionalismo: (Estudo sobre Romances do Sul)*. Editora da UFPR.

Weinhardt, M. (2015). A Ficção Histórica Depois de 2010: Primeiros Apontamentos. *Cadernos Literários*, 23, 99–108. Disponível em <https://periodicos.furg.br/cadliter/article/view/5499/5895>

Wesseling, E. (1991). *Writing History as a Prophet: Postmodernist Innovations of the Historical Novel*. John Benjamins Publishing Company.

White, H. (2003). Prefacio: Hecho y Figuración en el Discurso Histórico. Em *El Texto Histórico como Artefacto Literario* (pp. 43–61). Paidós.

White, H. (2005). Introduction: Historical Fiction, Fictional History, and Historical Reality. *Rethinking History*, 9, 147 – 157. Disponível em <https://doi.org/10.1080/13642520500149061>